

Estereótipos e representações sociais acerca do envelhecimento e da velhice

Cláudia Alexandra Martins Fraga Paulo

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Educação Social: Educação e Intervenção ao
longo da Vida*

Orientada por

Professora Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes

Bragança
Outubro, 2018

Estereótipos e representações sociais acerca do envelhecimento e da velhice

Cláudia Alexandra Martins Fraga Paulo

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Educação Social: Educação e Intervenção ao
longo da Vida*

Orientada por

Professora Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes

Bragança
Outubro, 2018

Dedicatória

Aos meus pais
Às minhas irmãs
E ao meu namorado

Agradecimentos

Manifesto a minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho académico.

Agradeço, em primeiro lugar, à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança e a todos os professores que lecionaram o mestrado, pelos conhecimentos transmitidos.

À Doutora Cristina Mesquita, pelo acompanhamento académico, pelos conselhos, disponibilidade, apoio, sugestões e pela motivação que tanto contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho de investigação.

A todos os técnicos do jardim de infância, pela boa disposição com que me receberam e auxiliaram durante as entrevistas e a atividade desenvolvida com as suas crianças.

A todas as crianças do jardim de infância, pelo entusiasmo, motivação e carinho com que me receberam.

A todos os educadores sociais que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo, pela disponibilidade e simpatia para a realização das entrevistas que, tanto contribuíram para o testemunho do papel da educação social na temática.

Aos meus pais, pelo apoio, carinho, compreensão e pelas palavras sábias que tanto me motivaram e alegraram nos períodos mais difíceis desta fase da minha vida académica.

Às minhas irmãs, pelo carinho, compreensão e pelo apoio incondicional.

Ao meu namorado pelo apoio, incentivo e pelas expectativas que sempre depositou em mim.

A todos os meus amigos pelas palavras carinhosas que tantas vezes me deram força e motivação.

Muito obrigada a todos os que me apoiaram durante este período de tempo!

Índice Geral

Dedicatória	v
Agradecimentos	vii
Índice Geral.....	ix
Índice de tabelas	xi
Índice de Figuras	xiii
Siglas e Acrónimos	xv
Resumo	xvii
Abstract.....	xix
Introdução	1
1. Enquadramento teórico.....	3
1.1. Conceitos: envelhecimento e velhice	3
1.1.1. Conceito de envelhecimento.....	4
1.1.2. Conceito de velhice	5
1.2. Modelos teóricos explicativos da construção das representações sociais e dos estereótipos.....	9
1.2.1. A formação de estereótipos	10
1.2.2. Teoria das representações sociais.....	12
1.2.3. Teoria da identidade social.....	14
1.2.4. Teoria da autocategorização.....	16
1.2.5. Teoria da cognição social	17
1.3. Representações e vivências do processo de envelhecimento.....	19
1.3.1. Representação social do envelhecimento	20
1.3.2. Estereótipos e mitos relacionados ao processo de envelhecimento.....	21
1.4. Estudos sobre estereótipos e representações sociais do envelhecimento e do idoso	27
1.4.1. Estudos internacionais.....	27
1.4.2. Estudos nacionais	32
2. Metodologia.....	35
2.1. Justificação e contributo do trabalho para a área de educação social.....	35
2.2. Formulação, objetivos e questão de investigação	37
2.3. Natureza da investigação	38
2.4. A metodologia qualitativa como opção.....	38
2.5. Instrumento de recolha- entrevista e desenho livre.....	39
2.5.1. O guião da entrevista semiestruturada – o processo de construção e de aplicação.....	41
2.6. Caracterização dos participantes do estudo - seleção e procedimentos utilizados	44
2.7. Questões éticas da recolha de dados.....	46
2.8. Tratamento da informação – análise de conteúdo.....	47
3. Apresentação e análise dos dados	49
3.1. Apresentação e análise dos dados das entrevistas e dos desenhos das crianças ..	49
3.1.1. Análise da categoria A: <i>Conceito de velhice</i>	50
3.1.2. Análise da Categoria B: <i>Processo de envelhecimento</i>	52
3.1.3. Análise da Categoria C: Representações associadas ao envelhecimento e à velhice.....	56
3.1.4. Análise da Categoria D: <i>Representação das crianças sobre a sua futura velhice</i>	63

3.2.	Apresentação e análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos educadores sociais.....	65
3.2.1.	Categoria A: <i>Papel do educador social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento</i>	66
3.2.2.	Categoria B: Etapa de vida para trabalhar as representações sociais sobre o envelhecimento e velhice.....	70
3.2.3.	Categoria C: <i>Papel do educador social na desconstrução das representações sociais e dos estereótipos</i>	72
3.3.	Discussão dos dados.....	81
4.	Considerações finais.....	85
	Referências bibliográficas.....	87
	ANEXOS.....	97
	Anexo A- Pedido de autorização para a realização da investigação	98
	Anexo B- Consentimento de colaboração aos pais/ encarregados de educação	99
	Anexo C-Consentimento de livre participação das crianças no estudo.....	101
	Anexo D- Consentimento informado aos educadores sociais.....	103
	Anexo E- Guião de entrevista às crianças.....	104
	Anexo F- Guião de entrevista aos educadores sociais	107
	Anexo G- Exemplo de transcrição de uma entrevista às crianças.....	110
	Anexo I- Exemplo de transcrição de uma entrevista realizada aos educadores sociais (ES2)	119
	Anexo J- Grelha de análise de conteúdo das crianças	123
	Anexo L-Grelha de análise de conteúdo dos educadores sociais	129

Índice de tabelas

Tabela 1 Estudos internacionais.....	30
Tabela 2 Estudos nacionais	34
Tabela 3 Caracterização das crianças participantes no estudo	45
Tabela 4 Caracterização dos educadores sociais.....	46

Índice de Figuras

Figura 1 Representação de uma pessoa idosa (CF4).....	51
Figura 2 Representação de uma pessoa idosa (CF6).....	51
Figura 3 Conceito de velhice baseado nos avós (CF17)	52
Figura 4 Conceito de velhice baseado nos avós (CM18)	52
Figura 5 Representação positiva do envelhecimento e velhice (CF5)	57
Figura 6 Representação positiva do envelhecimento e velhice (CF10).....	58
Figura 7 Representação positiva do envelhecimento e velhice (CF13).....	58
Figura 8 Idosos de bengala e óculos (CF15)	60
Figura 9 Idosa de bengala (CF12)	60
Figura 10 Idoso de óculos (CM2).....	60
Figura 11 Idosa de bengala (CM9)	60

Siglas e Acrónimos

INE- Instituto Nacional de Estatística

TRS- Teoria das Representações Sociais

TIS- Teoria da Identidade Social

TA- Teoria da Autocategorização

TCS- Teoria da Cognição Social

SOC- Seleção, Otimização e Compensação

CM- Criança do sexo masculino

CF- Criança do sexo feminino

ES- Educador Social

Resumo

O estudo que se apresenta neste documento, sobre as estereótipos e representações sociais acerca do envelhecimento e da velhice, tem como objetivo analisar as percepções das crianças de educação pré-escolar sobre o processo de envelhecimento e da velhice, bem como analisar as percepções que os educadores sociais têm sobre o seu papel na promoção de representações sociais positivas sobre o processo de envelhecimento e da velhice. O presente estudo é fundamentado numa pesquisa bibliográfica e documental. Para aceder às percepções das crianças e dos educadores sociais, realizou-se um estudo de natureza qualitativa, utilizando a entrevista semiestruturada e o desenho livre como instrumentos de recolha de dados. Para a análise dos dados obtidos optou-se pela análise de conteúdo. Os participantes no estudo foram 21 crianças, 12 com 4 anos de idade, seis do sexo feminino e seis do sexo masculino, nove de 5 anos de idade, três do sexo masculino e nove do sexo feminino, de um jardim de infância de Bragança e três educadores sociais do sexo feminino que trabalhavam com crianças em instituições do distrito de Bragança. Os resultados obtidos permitem verificar que as crianças que participaram neste estudo possuem representações sobre o processo de envelhecimento e sobre a velhice, pois revelam que se trata de um processo contínuo e diferenciado e, que a velhice é a última etapa deste processo de envelhecimento. Revelam ainda algumas representações negativas acerca do processo de envelhecimento, mas também salientam representações positivas. No que se refere às conceções dos educadores sociais sobre o seu papel na formação de representações positivas sobre o envelhecimento e da velhice, os resultados indicam que, apesar de já se verificarem algumas medidas de intervenção que possam ajudar a reconfigurar os estereótipos e as representações sociais acerca do envelhecimento e da velhice, estas devem ser ampliadas. Este estudo conclui que as crianças apresentam representações negativas e positivas sendo necessário que se inicie desde cedo uma intervenção, por parte dos educadores sociais, ajudando-as a construir visões realistas sobre este processo.

Palavras-chave: representação social, estereótipo, crianças, idosos, educadores sociais, velhice, envelhecimento.

Abstract

The study presented in this dissertation about the stereotypes and representations social about aging and old age, aims to analyze the perceptions of pre-school children about the aging process and old age, as well as to analyze the perceptions that social educators have on their role in promoting positive social representations on the aging process and old age.

The present study is based on a bibliographical and documental research, based on studies and theories on social representations. To access the perceptions of children and social educators, a qualitative study was carried out, using the semi-structured interview as a data collection instrument. For data analysis, the content analysis technique was used. Participants in the study were 21 children, 12 with 4 years of age, six females and six males and nine 5-year-old, three males and nine females from a Bragança kindergarten and three female social educators working with children in institutions in the district of Bragança. The results obtained allow us to verify that the children who participated in this study have several representations about the aging process and about old age, as they reveal that it is a continuous and differentiated process between people and that old age is the last stage of this process of aging. The children reveal some negative representations about the aging process but also show positive representations. Considering the conceptions of social educators about their role in shaping positive representations on aging and old age, the results indicate that although there are already some intervention measures that may help to reconfigure stereotypes and social representations about aging and old age they should be expanded. This study concluded that children have positive and negative representations being necessary to start early intervention on the part of educators to help them build realistic views about this process.

Keywords: social representation, stereotype, children, the elderly, social educators, old age, aging

Introdução

O fenómeno do envelhecimento é visível em todos os países do mundo, resultante do aumento gradual da esperança média de vida. A realidade apresentada deve-se às alterações verificadas após a Segunda Guerra Mundial, mais concretamente aos progressos científicos que se verificaram ao nível da medicina, tecnologia e energia (Fontaine, 2000).

Na atualidade, o envelhecimento demográfico apresenta-se como um problema social, político e demográfico devido ao crescimento exponencial da população idosa. Deste modo, torna-se necessário que toda uma sociedade aprenda a lidar de forma positiva com este desafio social, o que só é possível através da reconfiguração das representações e estereótipos sociais sobre a população idosa, o processo de envelhecimento e a velhice.

Com base no aferido, a velhice considerada como a última fase do processo de envelhecimento é atualmente caracterizada pelas sociedades modernas de forma negativa, pois esta resulta na redução das capacidades físicas do indivíduo, no seu isolamento, exclusão social e desvalorização (Lopes, 2010). A população envelhecida é, assim, alvo de representações sociais negativas e de diversos estereótipos que importa desmitificar. Foi este enquadramento que conduziu à presente investigação e que pretende analisar as perceções das crianças, em idade pré-escolar, sobre o processo de envelhecimento e sobre a velhice. Porém, neste âmbito, consideramos que seria relevante conhecer a perceção que os educadores sociais têm sobre o seu papel, na promoção de representações sociais positivas acerca da temática.

Relativamente à estrutura da dissertação, esta encontra-se organizada em quatro pontos. No primeiro ponto, enquadramento teórico, apresenta-se uma abordagem conceptual das principais temáticas consideradas essenciais para a compreensão e sustentação teórica do estudo. Assim, serão apresentadas as concetualizações relacionadas com o processo de envelhecimento e velhice, os modelos teóricos explicativos da construção das representações sociais e dos estereótipos, as representações e vivências do processo de envelhecimento e alguns estudos sobre estereótipos e representações sociais acerca do envelhecimento e do idoso.

No segundo ponto, metodologia, será apresentada a justificação e contributo do trabalho para a área de educação social, a formulação do problema e dos objetivos, assim como uma sucinta caracterização dos participantes selecionados de forma intencional para a realização do estudo. Serão, ainda, apresentadas as opções metodológicas assumidas na realização deste estudo de natureza qualitativa. Explicita-se também a opção pela análise de conteúdo utilizada na análise e interpretação dos dados. Para a aplicação da metodologia qualitativa foi utilizada a

entrevista semiestruturada e o desenho livre, aplicadas a vinte e uma crianças de um jardim de infância de Bragança e a entrevista semiestruturada a três educadores sociais do mesmo distrito.

No terceiro ponto, apresentação e análise dos dados, será realizada a categorização dos dados obtidos, apresentando algumas narrativas resultantes dos instrumentos de recolha de dados e que *à posteriori* foram analisadas à luz da teoria e estudos apresentados no enquadramento conceptual.

Apresentam-se, por último, as considerações finais, onde se pretende fazer um balanço final acerca dos objetivos delineados, procurando dar resposta à questão-problema. No final do estudo, serão ainda apresentados alguns anexos relativos aos instrumentos utilizados para a realização do mesmo, que servirão de apoio à sua leitura.

1. Enquadramento teórico

No primeiro ponto será apresentada uma abordagem conceptual do tema que fundamenta o estudo do envelhecimento e velhice e dos estudos relativos às representações e estereótipos sociais.

Na atualidade, tem-se verificado um crescimento exponencial da população envelhecida em todo o mundo, o que resulta na alteração da estrutura populacional que compõe a sociedade, da qual decorrem problemas económicos, políticos e culturais. Tornou-se, por isso, necessário ampliar os conhecimentos relativos ao público mais velho investigando-o, pois só através da pesquisa será possível reconstruir os conhecimentos sobre o processo de envelhecimento, desenvolvendo estratégias que ajudem as sociedades a adaptar-se perante este fenómeno global (Lopes, 2010).

No que se refere a Portugal, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) (citado por Oliveira, 2014), estima-se que entre 2008 e 2060, a população portuguesa idosa aumentará significativamente, sendo que, a proporção de jovens se encaminhará para uma diminuição considerável, prevendo-se um valor de 271 idosos para 100 jovens em 2060.

Tendo em consideração esta problemática procuremos focar a nossa análise nas teorias conceptuais sobre o envelhecimento e a velhice, pois abordam as transformações que ocorrem ao longo deste processo ao nível biológico, psicológico e social, no sentido de perceber as ideias que suportam a construção das representações sociais sobre este grupo social.

1.1. Conceitos: envelhecimento e velhice

Na contemporaneidade abordar o conceito de envelhecimento e velhice é uma tarefa bastante complexa, uma vez que os conceitos observam significados diferentes considerando a importância que a sociedade atribui aos fatores biológicos, psicológicos e sociais que afetam o idoso (Lopes, 2010).

Desta forma, o envelhecimento e a velhice apresentam-se como uma construção social baseada em representações e conhecimentos externos, que o indivíduo constrói através da sua experiência de vida, cultura, história e da comunidade. O envelhecimento e a velhice devem, assim, ser entendidos de forma global, tendo em consideração todos os fatores que contribuem para a sua compreensão (Ribeiro, 2007; Lopes, 2010).

Sendo os conceitos de envelhecimento e velhice aplicados, na maioria das vezes, de forma indistinta mesmo apresentando significações diferentes, interessa distinguir as

características que compõe cada um destes, uma vez que estes se encontram interligados (Martins, 2015).

1.1.1. Conceito de envelhecimento

A problemática do envelhecimento apresenta-se atualmente como um problema social que revela a necessidade de desenvolver práticas reflexivas sobre a forma como este é vivenciado nas diferentes faixas etárias, porque, só assim, se pode desenvolver uma representação social positiva desse processo (Lopes, 2010).

O envelhecimento é um processo que ocorre ao longo do ciclo vital do indivíduo afetando-o de forma diferente, podendo resultar na sua inadaptação ao meio ambiente (Martins, 2015). Tendo em conta as alterações que o indivíduo enfrenta este pode sentir afetada a capacidade do seu organismo se ajustar às mudanças do ambiente de forma irreversível, tratando-se de um processo complexo, impossível de alterar e característico de cada indivíduo (Oliveira, 2005).

Nesta aceção Zimmerman (2000) refere que o processo de envelhecimento resulta num conjunto de transformações a diversos níveis “biológicas, psicológicas e sociais (...) de forma natural e gradativa, sendo em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas e, principalmente, com o modo de vida de cada indivíduo” (p. 21).

Autores como Oliveira (2005) referem o envelhecimento como um processo que afeta a condição de vida de todos os seres humanos, resultado do passar dos anos, “um processo que, devido ao avançar da idade, atinge toda a pessoa bio-psico-socialmente considerada, isto é, todas as modificações morfofisiológicas e psicológicas, com repercussões sociais, como consequência do desgaste do tempo” (p. 24).

Decorrendo destas definições, o envelhecimento é caracterizado como uma fase de diversas transformações e perdas ao nível das aptidões biológicas e funcionais, caracterizando-se como um processo natural do ser humano que ocorre com o passar dos anos desde que o sujeito nasce (Ermida, 1999; Fontaine, 2000; Lopes, 2010).

O processo de envelhecimento traduz-se através do percurso que o indivíduo vai realizando ao longo da sua vida, sendo que, este pressupõe a sua modificação a diversos níveis e culmina na sua morte, como se verifica em todos os organismos vivos. Contudo, torna-se difícil perceber as causas endógenas do envelhecimento, existindo algumas teorias que investigam a morte celular, com a finalidade de conseguir explicar a forma como ocorre o processo de envelhecimento (Fontaine, 2000).

Perante o evidenciado, entende-se que o processo de envelhecimento advém da relação de influência que os fatores ambientais estabelecem com os fatores genéticos (Ribeiro, 2007).

Deste modo, o processo de envelhecimento pode ser abordado de três formas, ou seja, normal, patológico e terminal. No que se refere ao envelhecimento normal, este abrange todos os indivíduos, pois é considerado uma característica genética comum nos humanos. Assim, este afeta, gradualmente e continuamente, o funcionamento do organismo, podendo ser alterado por fatores considerados essenciais para um envelhecimento normal (atividade física, alimentação saudável, educação, estatuto social e estilo de vida). Por conseguinte, o envelhecimento normal é constituído pelas alterações consideradas universais para todos os indivíduos quando atingem uma idade específica, não sofrendo influências patológicas ou do ambiente exterior (Fontaine, 2000; Fecchine & Tompieri, 2012). Já o envelhecimento patológico é caracterizado pelo aparecimento de doenças (cancro e problemas cardiovasculares) que não são consideradas como fatores característicos do processo normal de envelhecimento. Este tipo de envelhecimento remete uma conjuntura de sintomas clínicos que resultam de doenças ou consequências ambientais, ou seja, de fatores externos (cronológicos, geográficos ou culturais). Por último, o envelhecimento terminal corresponde às perdas que o sujeito sofre ao nível cognitivo e físico, que surgem através das patologias características da idade ou do aglomerar de efeitos característicos do processo de envelhecimento (Fontaine, 2000; Fecchine & Tompieri, 2012).

Conforme se referiu anteriormente, o envelhecimento é um processo biopsicossocial, pois resulta em alterações que se verificam ao nível biológico, social e psicológico no idoso, que se irá explicar de seguida (Lopes, 2010).

1.1.2. Conceito de velhice

A velhice corresponde à última etapa do processo de envelhecimento. Nesta fase do ciclo vital, conforme se refere anteriormente, o indivíduo atinge o estatuto de pessoa idosa, aprendendo a lidar com algumas limitações que ocorrem ao nível físico, psicológico e social (Fernandéz-Ballesteros, 2000; Zimmerman, 2000).

Segundo Ribeiro (2007) o conceito de velhice refere-se a uma idade ou período da vida do ser humano que coincide com a idade da reforma, as condições ou capacidades funcionais ao nível social, psicológico e físico que o indivíduo mantém preservadas e aos acontecimentos marcantes que este vivencia durante a sua velhice. Esta define-se como um fenómeno biológico, que conduz a um conjunto de alterações com consequências a diversos níveis resultantes das perdas funcionais do organismo humano que se vão apresentando ao longo do tempo (Freitas, Queiroz & Sousa, 2010).

As alterações que ocorrem durante o processo de envelhecimento tornam-se mais evidentes na última fase da vida humana, pois ocorrem com maior frequência. Nesta fase assentam-se diversas transformações ao nível da estrutura corporal e cerebral que se traduzem

em perdas significativas para o sujeito (Schneider & Irigaray, 2008; Leite, 2014). O conhecimento das alterações que se verificam neste âmbito torna-se relevante, uma vez que, as mudanças ocorrem ao nível físico, respiratório, cardiovascular, urinário, musculoesquelético, reprodutor, cerebral e sensorial no idoso (Costa, 1998; Fontaine, 2000).

No que se refere às alterações físicas, as estéticas são as mais evidentes, sendo de salientar o aparecimento de rugas, pigmentação da pele, acumulação de gordura na camada subcutânea, estrias, rigidez e pele seca. O idoso apresenta ainda uma tonalidade pálida, uma redução da estrutura óssea, os pelos corporais ganham uma tonalidade branca e crescem abundantemente na zona das narinas e orelhas. Nesta fase podem ainda surgir úlceras, cancro e dermatites, normalmente resultantes de hábitos de vida pouco saudáveis (Costa, 1998; Ermida, 1999; Zimmerman, 2000; Santos, 2008; Lopes, 2010).

No sistema respiratório, verifica-se a probabilidade de desenvolver doenças respiratórias, sendo de salientar as infeções, existe a possibilidade de se verificar uma diminuição da capacidade de flexibilidade dos canais respiratórios, o que resulta na redução da capacidade de oxigenação dos pulmões (Costa, 1998; Ribeiro, 2007; Lopes, 2010).

Já no sistema cardiovascular existe uma redução do sangue que é bombeado pelo coração, uma vez que a sua plasticidade reduz, o que conduz assim a uma diminuição do fluxo sanguíneo pelo corpo todo. Consequentemente, as veias que compõem o sistema circulatório tornam-se mais espessas, o que contribui para o desenvolvimento de enfermidades sendo exemplo, o colesterol, a hipertensão e, por vezes, a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC) e enfartes (Costa, 1998; Ribeiro, 2007; Santos, 2008).

No que concerne ao sistema urinário, o idoso pode desenvolver incontinência, desidratação e possíveis infeções urinárias características da idade. Estas verificam-se devido à diminuição da plasticidade da bexiga, redução da sua capacidade para filtrar substâncias e à existência de doenças (Costa, 1998; Ribeiro, 2007; Lopes, 2010).

Relativamente ao sistema musculoesquelético, o idoso sofre uma redução da sua estrutura esquelética, resultante do desgaste ósseo. Surge também o encurvamento da coluna e o aumento da possibilidade de desenvolver doenças ósseas, como o reumatismo e a osteoporose, pois existe uma diminuição dos valores do cálcio, o que torna os ossos mais frágeis, diminuindo consequentemente a massa muscular, o que, por vezes, pode condicionar a realização de atividades habitualmente realizadas pelo idoso (Costa, 1998; Ribeiro, 2007).

No sistema reprodutor, verifica-se uma redução da possibilidade de gestação, do sistema uterino e da lubrificação do indivíduo do sexo feminino, já no sexo masculino os espermatozoides reduzem e podem surgir alguma dificuldade na fase de ereção (Costa, 1998; Ribeiro, 2007; Lopes, 2010).

Ao nível sensorial, surge a redução da percepção e o aparecimento de enfermidades na visão, audição, olfato, tato e gosto. A nível cerebral verifica-se uma diminuição da capacidade neuronal, de processamento da informação, decisão, memória, raciocínio e concentração o que pode resultar também em problemas como sono e cansaço frequentes (Costa, 1998; Fontaine, 2000; Ribeiro, 2007; Santos, 2008).

No que se refere às transformações psicológicas, estas conduzem a um conjunto de alterações consideradas normais que se verificam ao nível das características de personalidade do idoso. Assim, o idoso vê intensificadas algumas das suas características pessoais como a irritabilidade, desconfiança e autoridade. No entanto, as alterações psicológicas que se verificam na velhice apresenta-se como um desafio, pois o indivíduo tem que aprender a lidar de forma positiva com o declínio da percepção, concentração, processamento de informação e raciocínio. Podendo estes estar relacionados com transtornos psicológicos facilmente desenvolvidos na velhice, sendo exemplo, o desenvolvimento de demências (Costa, 1998).

Deste modo, alguns dos fatores que podem estar na origem progressiva das alterações psicológicas, que sucedem durante este período de vida, são a perda de estatuto social, as alterações biológicas, as dificuldades financeiras, a perda de um ente querido, o nível de escolaridade e a inadaptação do idoso face aos acontecimentos presentes, o que, por sua vez, resulta da incapacidade de visualizar e traçar metas para realizações futuras (Costa, 1998; Zimmerman, 2005; Lopes, 2010; Alves, 2015).

Na velhice, o idoso vê ainda os seus desejos, objetivos e realizações serem desvalorizados e desconsiderados pelos seus entes queridos que não acreditam ser possível a realização de algumas tarefas. O que resulta na perda de vontade do idoso se manter ativo face a realização de metas futuras, por conseguinte, este vê reduzido o seu interesse e vontade de se sentir motivado para a realização dos seus objetivos a diversos níveis. O que resulta no desenvolvimento de problemas de personalidade, ansiedade, isolamento social, medo do futuro e da morte desenvolvendo sentimentos de solidão (Costa, 1998).

É importante salientar que o envelhecimento psicológico do idoso e, por isso, a perda de interesses e motivações estão frequentemente relacionadas as representações e estereótipos sociais que experimentam, uma vez que, a velhice é caracterizada por diversos mitos e ideias *idadistas* do envelhecimento, sendo assumida como um período negativo no ciclo vital do indivíduo constituído apenas por perdas (Alves, 2015).

Nesta fase devem ser desenvolvidos mecanismos de adaptação através da estimulação das funções cerebrais, de uma alimentação e estilo de vida saudável e da participação em grupos de convívio, possibilitando assim ao idoso lidar de forma equilibrada com as suas perdas (Zimmerman, 2000).

Ao nível social é esperado que o indivíduo idoso continue a contribuir e desempenhar um papel na sociedade em que se encontra inserido, pois na atualidade, as relações sociais apresentam-se como uma forma de o indivíduo se manter ativo e de prestar o seu contributo, através do desempenho da sua profissão. O facto de o sujeito desempenhar um papel social permite-lhe corresponder as expectativas que a sociedade e a sua cultura consideram essenciais em determinada fase da vida, mantendo-o inserido num grupo social (Paúlo, 2005; Schneider & Irigaray, 2008).

Nesta fase, a nível familiar, pode verificar-se um maior companheirismo e reaproximação por parte de ambos os membros do casal, uma vez que, existe uma maior disponibilidade para cuidar um do outro e desenvolver atividades em conjunto. Também os filhos podem ser considerados pelo idoso como uma fonte de auxílio a nível instrumental pois, são um apoio no desenvolvimento de atividades que este já não consegue realizar. Pode também observar-se uma reaproximação entre os irmãos e os amigos do idoso permitindo-lhe manter algum contacto social e estabelecer relações (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004; Lopes, 2010; Alves, 2015).

Contudo, durante a velhice as alterações que ocorrem ao nível social podem resultar numa crise de identidade individual pois, o idoso vê o seu estatuto social alterado, uma vez que, não se mantém inserido no mundo laboral, o que pode levar ao desenvolvimento de quadros depressivos e de ansiedade (Zimerman, 2000; Lopes, 2010).

O período da reforma pode ser encarado de diversas formas pelos indivíduos, apresentando-se para uns como positivo, pois dispõem de mais tempo para se dedicarem à família e à realização de atividades prazerosas, já para outros como um período negativo, pois culmina no surgimento de problemas físicos e psicológicos, na sua exclusão social e isolamento (Schneider & Irigaray, 2008).

Entende-se, assim que, este período é constituído por um conjunto de ganhos e perdas com os quais o idoso deve aprender a lidar de forma equilibrada, mantendo-se inserido na sociedade (Zimerman, 2000; Lopes, 2010).

Contudo, de acordo com Martins (2015) esta etapa da vida humana apresenta características próprias “que definem a entrada neste estágio e que diferem de indivíduo para indivíduo, em função da idade, do género, do nível de escolaridade, ou do nível económico” (p. 5).

Autores, como Neri (2001), referem-se às alterações que a entrada nesta fase representa, considerando que é “a última fase do ciclo vital e é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especializações cognitivas” (p. 69), conforme se referiu anteriormente.

Relativamente à idade cronológica, um indivíduo é considerado velho quando atinge os 65 anos de idade, período caracterizado por eventos significativos para o idoso (Ribeiro, 2007).

A velhice deve ser vista como um resultado individual, assumido de forma pessoal pelo idoso e também social, através da influência que a sociedade exerce inconscientemente sobre os mesmos. Na atualidade, os idosos sentem alguma dificuldade em acompanhar as elevadas exigências ao nível do desempenho intelectual e físico que a sociedade transmite. Muitas destas experiências levam o idoso a sentir-se inibido da possibilidade de se manter integrado socialmente (Schneider & Irigaray, 2008).

Contudo, de acordo com Schneider e Irigaray (2008) a imagem que existe na sociedade associada ao período da velhice tem alterado, apresentando-se atualmente uma imagem positiva que contraria as associações estabelecidas da velhice como sendo um período de deterioração, perda e morte. Consta-se que a representação social da velhice e envelhecimento pode ser alterada socialmente através da transformação dos valores e princípios que são estabelecidos pela sociedade em relação à pessoa idosa.

Na secção que se segue serão enquadrados os conceitos de estereótipo e representação social segundo um referencial teórico estruturado, sustentado em algumas teorias que explicitam elementos sociais que as originam.

Os modelos teóricos explicativos da construção das representações sociais e dos estereótipos são relevantes para este estudo, uma vez que, nos permitem perceber como é que as representações e os estereótipos sociais se formam, favorecendo o que permite o desenvolvimento de metodologias de intervenção que possibilitaria alterar as representações e estereótipos através da transformação dos valores e princípios que se verificam a nível social em relação à velhice.

1.2. Modelos teóricos explicativos da construção das representações sociais e dos estereótipos

Nesta secção apresenta-se uma abordagem teórica acerca das componentes que constituem o conteúdo das representações sociais, da identidade social, da autocategorização e da cognição social, com a finalidade de perceber como se formam os estereótipos e as representações na sociedade.

As representações surgem referenciadas pela primeira vez, nos trabalhos de Émile Durkheim, com a introdução do conceito de “representação coletiva”. No seu estudo são apresentados dois tipos de pensamento, ou seja, o social, que se refere ao conjunto de pensamentos dos indivíduos que compõem uma sociedade e, o individual, que se baseia exclusivamente nos processos mentais que ocorrem no próprio sujeito. Segundo Crusóé, (2004) na teoria durkheimiana, as representações individuais são geradas através de fenómenos

diferentes das representações coletivas que emergem da ocorrência de eventos coletivos na sociedade.

Contudo, Moscovici na obra *A representação social da psicanálise* (1978, citado por Crusoé, 2004) contrapõe a ideia de Durkheim, aludindo à relação de mútua influência que ocorre entre o sujeito e o objeto que, por sua vez, resulta na construção do conhecimento individual e coletivo que, em interação, originam o conhecimento do senso comum, característico das representações sociais. Por essa razão, o indivíduo, enquanto ator social, apresenta a capacidade de contruir e criar conhecimentos próprios que, por sua vez, são afetados através das suas experiências, vivências e saberes, o que resulta na construção de representações e estereótipos acerca de uma realidade concreta.

O estudo das representações sociais apresenta-se assim como relevante uma vez que, possibilita uma proposta de leitura científica do conhecimento que não é familiar, favorecendo a compreensão sobre a forma como essas representações, que estão na origem dos estereótipos sociais, se constroem (Crusoé, 2004).

1.2.1. A formação de estereótipos

O estudo do estereótipo surge, inicialmente, através de Walter Lippman na área das ciências sociais, com a finalidade de descrever um grupo social segundo as suas características. Porém, mais tarde o conceito de estereótipo foi aprofundado na área da psicologia social com o contributo de outros autores como Allport e Tajfel (Lopes, 2010; Neves, 2012).

De acordo com Lippmann (citado por Meira, 2012), os estereótipos são imagens simplificadas que surgem espontaneamente na mente do indivíduo, através dos processos cognitivos e que estão associadas à caracterização de grupos sociais.

Contudo, de acordo com Allport (1954), os estereótipos referem certezas ou convicções que os elementos que compõem uma sociedade têm acerca de determinada realidade independentemente da sua veracidade.

Outros autores com Neves (2012), referem que os estereótipos se apresentam como uma imagem simples e comum a um grupo de indivíduos “uma imagem mental simplificada de alguma categoria de pessoas, objetos e/ou instituições, em que os acontecimentos são agrupados em características essenciais por um grande número de pessoas” (p. 22).

Segundo Lopes e Park (2007) os estereótipos surgem pela primeira vez durante o período de infância do indivíduo, quando as suas estruturas mentais ainda não lhe permitem avaliar se uma dimensão ou representação é ou não verdadeira. Porém, a formulação de estereótipos, neste período do ciclo vital, leva à sua interiorização, resultando, *à posteriori*, na sua intensificação ao longo da vida adulta, uma vez que, durante o seu processo de desenvolvimento a criança aprende a posicionar-se socialmente. Nesta etapa, a criança define

as suas representações em relação ao mundo com o intuito de ser integrado e participar socialmente.

Deste modo, para que seja possível perceber os estereótipos devemos compreender como se desenvolvem e quais as suas características. De acordo com Torres, Camargo e Bousfield (2016), os estereótipos verificam-se quando o indivíduo define e imagina determinada realidade sem ter a oportunidade de a observar previamente.

Já para Lima e Pereira (2004), os estereótipos poder surgir através da escassez de conhecimentos ou de conhecimentos erróneos em relação a uma realidade podendo influenciar as atitudes e comportamentos de um indivíduo ao longo do seu ciclo vital.

Porém, de acordo com Lippmann (citado em Meira, 2012,) os estereótipos constroem-se através dos processos cognitivos dos indivíduos quando estes atribuem um significado a um estímulo externo.

De acordo com Allport (1954), o processo de categorização está associado à formação dos estereótipos nos indivíduos, pois este apresenta-se como um mecanismo de identificação, seleção e agrupamento de características ou aspetos que se consideram interligados e semelhantes entre alguns indivíduos, o que origina um grupo social. Estes surgem quando um grupo de indivíduos que compõem uma sociedade compartilha de uma opinião acerca de um grupo. Normalmente, esse grupo distingue-se dos restantes grupos sociais segundo os critérios idade, religião, género, raça e função laboral (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Na atualidade, o processo de categorização dos indivíduos ocorre de forma rápida e simples, tendo em consideração apenas as características que alguns elementos da sociedade compartilham o que leva ao desenvolvimento de atitudes estereotipadas e discriminatórias (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Os estereótipos podem ser subdivididos em autoestereótipos, quando se relacionam com o grupo de pertença, ou heteroestereótipos, quando se referem a outros grupos sociais. Por sua vez, estes podem apresentar-se como positivos, quando são aceites de forma positiva pelo grupo, ou negativos quando geram exclusão, discriminação ou isolamento do grupo. A existência de estereótipos sociais dirigidos a um grupo social só é possível se o ser humano for definido ou se definir como elemento integrante desse grupo (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Os estereótipos apresentam-se assim como mitos que fazem parte integrante das crenças que as sociedades têm, constituindo-se como um desafio alterar essas informações erróneas (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

Tendo em consideração a temática das representações e estereótipos sociais acerca da velhice e envelhecimento, o critério “idade” apresenta-se como um fator preponderante na compreensão dos estereótipos relacionados à velhice e envelhecimento (Neves, 2012).

O período do ciclo vital categorizado como velhice através da categoria “idade” contribui assim para a diferenciação deste grupo etário dos outros, pois as práticas sociais deste grupo são diferentes devido à situação de reforma laboral o que contribui para a construção de representações sociais erróneas. Estas podem estar interligadas, na maioria das vezes, à inexistência de conhecimentos relativos ao processo de envelhecimento e velhice (Vieira, 2013).

De seguida serão apresentadas as teorias consideradas mais relevantes para a compreensão da construção das representações e estereótipos sociais.

1.2.2. Teoria das representações sociais

Conforme aludimos anteriormente, o conceito de representação foi abordado inicialmente por Durkheim com o estudo da representação coletiva, seguindo-se anos depois, a conceptualização de Moscovici com o estudo sobre o pensamento científico (Leite, 2014).

Deste modo, a *Teoria das Representações Sociais* (TRS) surge como o intuito de caracterizar as causas que estão na origem do pensamento social, pois estas apresentam-se como fator determinante para o estabelecimento de relações sociais que resultam na formação de representações e estereótipos sociais (Crusoé, 2004).

A TRS apresenta-se como uma forma de conhecimento científico capaz de explicar como se processa e transforma o pensamento do senso comum, os comportamentos dos indivíduos e como se comunicam enquanto grupo social (Vala & Monteiro, 2013; Wachelke, Camargo, Hazan, Soares, Oliveira & Reynaud, 2008).

Contudo, a TRS, apresentada por Moscovici (1978, citada por Crusoé, 2004), salienta a existência de uma relação de mútua influência que ocorre entre o indivíduo e mundo exterior. Essa relação está na origem do conhecimento do indivíduo e da sociedade. Deste modo, o indivíduo, ao longo do seu ciclo vital, vai estabelecendo relações com os elementos sociais de determinado grupo devido às representações sociais que foi adquirindo.

As representações sociais apresentam-se assim, com um aglomerado de concepções, que resultam na construção de mitos e crenças que ajudam o indivíduo a compreender uma realidade. Podendo estas ser alteradas através das relações que os atores sociais estabelecem entre si e pelas alterações culturais, históricas e sociais que se verificam numa sociedade num dado período de tempo (Lopes, 2010; Neves, 2012).

Em conformidade com o referido, também Mocovici (citado em Vala & Monteiro, 2013) refere que as representações sociais ocorrem em todas as sociedades com a finalidade de atribuir sentido a algo, definindo-as como

um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual (...) equivalente na nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais (...) vistas como a versão contemporânea do senso comum (p. 354).

De acordo com Moscovici (2003), o desenvolvimento das representações sociais ocorre de forma organizada segundo uma estrutura que se rege através de três componentes: a *atitude*, que salienta a forma como o indivíduo se posiciona em relação à realidade observada; a *informação* que diz respeito ao conjunto de conhecimentos e saberes que o indivíduo contém em relação à realidade observada e a *representação*, que remete para a forma como a informação que constitui a realidade está organizada.

No que se refere à estrutura das representações, esta resulta da relação de interdependência entre a atividade psicológica e as circunstâncias sociais em que o indivíduo se encontra inserido, que se caracterizam pela *objetivação* e *ancoragem*. Estes processos têm como principal finalidade ajudar o indivíduo a tornar uma realidade que não lhe é familiar, em familiar. Desta forma, a *objetivação* refere-se aos processos de transformação de conceitos abstratos em conceções concretas, ou seja, existe a transformação de uma realidade abstrata que se considera existir ao nível social, pelo indivíduo, em algo concreto que resulta na sua concretização. Já a *ancoragem* consiste na familiaridade do indivíduo com uma realidade social, através da formação de uma representação, ou seja, o indivíduo que está em contacto com a realidade sente a necessidade de lhe atribuir uma significado ou representação com o intuito de o perceber e de o tornar familiar (Vala & Monteiro, 2013; Crusoé, 2004; Wachelke, Camargo, Hazan, Soares, Oliveira & Reynaud, 2008).

O conhecimento ao nível do senso comum, que o indivíduo vai desenvolvendo, ao longo da sua vida, através dos meios de comunicação, cultura, história, relações sociais e familiares pode conduzir à formação de representações sociais. Essas podem ter diversas funções: (i) *saber*, (ii) *orientar*, (iii) *justificar* e (iv) *identitária*. Relativamente à função do *saber*, esta prende-se com a compreensão e explicação de uma realidade; na função de *orientar*, deseja-se orientar os comportamentos, atitudes e relações; na função *justificar*, pretende-se explicar as decisões ao nível comportamental de um indivíduo ou grupo e, por último, a função *identitária*, tem como finalidade a proteção e conservação do carácter específico e único do grupo (Lopes, 2010; Reis & Bellini, 2011).

Focalizando, a questão das representações sociais acerca da velhice e do envelhecimento, no âmbito deste trabalho considera-se que o processo de envelhecimento pode ser compreendido como uma interpretação errada deste fenómeno a nível coletivo, por um grupo social, através dos seus comportamentos e atitudes enquanto atores que contribuem permanentemente para o desenvolvimento social baseados na finalidade de tornar algo não familiar em familiar e compreensível (Crusoé, 2004).

1.2.3. Teoria da identidade social

A *Teoria da Identidade Social* (TIS) surgiu inicialmente referenciada através de uma obra da Psicologia Social de Moscovici, que contou com o contributo de Henri Tajfel, que posteriormente aprofundou as suas ideias com a colaboração de Jonh Turner. Esta teoria permite, tal como a TRS, perceber como o pensamento social se forma (Torrão, 2014; Nascimento & Sauza, 2017).

De acordo com Torrão (2014), a TIS tem como principal finalidade perceber como a categorização social funciona na atribuição de categorias preconceituosas e discriminativas nos outros grupos sociais, reconhecendo os motivos que levam os elementos integrantes num grupo a distinguir e valorizar o seu grupo de pertença em relação a outro grupo que *à posteriori* é excluído.

Neste sentido, de acordo com Neves (2012), a TIS investiga as inter-relações que se estabelecem entre o indivíduo e a sociedade que levam à categorização, estudando por isso “os processos psicológicos envolvidos na tradução de categorias sociais para grupos de indivíduos, existindo, por isso, uma relação entre os processos psicológicos e o contexto social” (p. 23).

Os processos psicológicos que o indivíduo desenvolve a nível individual e intergrupais contribuem para a construção e solidificação da sua imagem social, pois só através da inserção social num grupo, se atinge um estatuto social e, por sua vez, o sentimento de pertença a um grupo, o que resulta na promoção da autoestima e na alteração dos comportamentos, pensamentos e desenvolvimento de categorias sociais diversificadas. Em contrapartida, o indivíduo contribui para a marginalização dos restantes grupos sociais, cujas características não se identificam com as normas e crenças do grupo de pertença (Lopes, 2010; Neves, 2012; Torrão, 2014).

Existem, assim, alguns elementos considerados chaves para perceber a constituição da TIS: (i) a *categorização social*, (ii) a *identidade social* e (iii) a *comparação social*. Estes possibilitam um esclarecimento mais concreto acerca dos processos que compõem o desenvolvimento identitário do sujeito e que resultam na construção de atitudes e comportamentos estereotipados (Nascimento & Souza, 2017).

No que se refere à *categorização social*, esta tem como principal finalidade designar o ambiente social em que o sujeito se encontra inserido, com o intuito de classificar a sua posição ou estatuto social, pois é a partir da sua posição social que se desenvolvem estruturas sociais diversificadas, com características e princípios diferentes, dependendo dos objetivos e dos elementos que compõem cada grupo (Cabecinhas & Lázaro, 1997; Neves, 2012; Nascimento & Souza, 2017).

Segundo Allport (citado em Lopes, 2010), a *categorização social* é caracterizada segundo um conjunto de cinco processos que o indivíduo deve efetuar, pois permitem esclarecer os princípios orientadores da categorização. Num primeiro momento ocorre o desenvolvimento de classes ou grupos sociais que possibilitam a vida em sociedade, *à posteriori* são incorporados conhecimentos e informações que permita ao sujeito desenvolver processos mentais simplificados. O indivíduo deve, ainda, ser capaz de reconhecer objetos ou características que identifiquem as categorias ou grupos a que cada indivíduo pertence, pois isso possibilita-lhe perceber que as concepções de um grupo despertam nos seus elementos emoções e significados semelhantes em todos os que o constituem. Contudo, o cérebro do sujeito é capaz de criar classes sociais e identificar grupos sem precisar de demonstrações ou confirmações de que um elemento pertence a determinada categoria.

A *identidade social* pode apresentar-se como positiva ou negativa. A *identidade social* positiva ocorre quando o sujeito se encontra incluído num grupo social que corresponde às suas características diferenciando-o dos outros grupos sociais, esta resulta assim na diferenciação e na constituição de atitudes e comportamentos estereotipados em relação a outros grupos. A *identidade social* negativa ocorre quando o grupo social do indivíduo se diferencia dos restantes grupos de forma negativa, o que resulta na insatisfação do indivíduo face às expectativas que depositava no grupo, porque não se distingue dos restantes (Padilla & Perez, 2003; Lopes, 2010).

Já a *comparação social* ressalta à importância de uma identidade social para o indivíduo, já que só assim este se diferencia dos restantes grupos e experiêcia um estado emocional positivo. Este processo ocorre através da comparação de grupos e entre elementos do mesmo grupo que se consideram como pertencentes a mesma categoria (Lopes, 2010; Nascimento & Sousa, 2017).

Considerando a formação de estereótipos a partir da TIS, um conjunto de indivíduos só é definido como um grupo coeso quando os próprios indivíduos se definem como membros daquele grupo ou quando outros grupos consideram que um indivíduo possui as características do grupo em que se encontra inserido. Desta forma, os indivíduos que compõem a sociedade conseguem perceber que existe consenso social acerca das características dos indivíduos que

compõem os diferentes grupos sociais, o que resulta na formação da identidade social (Torres, Camargo & Bousfield, 2016)

Por fim, o elemento chave para a construção da identidade social é a comparação entre indivíduos que resultam no pensamento categórico dos indivíduos que, por sua vez, é constituído através de estereótipos e mitos de que determinado grupo social é alvo segundo as categorias em que se insere (Torres, Camargo & Bousfield 2016).

1.2.4. Teoria da autocategorização

A *Teoria da Autocategorização* (TA) surgiu através dos estudos desenvolvidos por Turner, Hogg, Oakes, Reicher e Wetherell (1987), estes referiam que um grupo só é considerado como tal quando os elementos que o constituem se autodefinem como pertencentes a uma categoria social determinada pelo processo de categorização (Cabecinhas & Moscovici, 2004).

A TA tem como principal finalidade explicar a forma como se processa a correlação entre a identidade social e a categorização, pois as interações das duas componentes referidas resultam na constituição de uma identidade social própria do indivíduo. A TA surge, assim, a partir do desenvolvimento da TIS (Postmes, Haslam & Swaab, 2005; Lopes, 2010).

De acordo com Torrão (2014), a TA tem origem no “eu” individual e coletivo funcionando ao mesmo tempo como uma categoria ou forma de categorização.

Este processo ocorre aquando da entrada do indivíduo num grupo que lhe permite estabelecer um estatuto social, adquire as suas características, atitudes, comportamentos e normas, sendo esse conjunto de alterações interiorizadas pelo sujeito que as considera como sendo parte integrante de si. Será a partir da uniformização de todos os elementos que constituem o grupo, que este se consegue distinguir dos restantes, o que ressalta a importância de todos os membros apresentarem condutas e atitudes estereotipadas iguais, permitindo assim a união do grupo (Postmes, Haslam & Swaab, 2005; Neves, 2012).

De acordo com Torrão (2014), a TA é composta por três categorias de abstração que tem como principal finalidade categorizar o *self* “a identidade pessoal (o eu como um indivíduo), a identidade social (o eu como um membro de um grupo) e entre espécies (o eu como um ser humano)” (p. 7).

Contudo, a alteração a nível individual que ocorre no sujeito resulta na sua despersonalização, uma vez que, o indivíduo passa a ter uma personalidade coletiva, deixando de ter uma identidade pessoal para passar a ter uma identidade coletiva (Postmes, Haslam & Swaab, 2005; Neves, 2012).

Constata-se que a principal finalidade do sujeito assenta essencialmente na sua diferenciação social, que só é possível quando existe um conjunto de princípios, ideologias, condutas e normas específicas de cada grupo, assim, aquando da sua entrada num grupo, este

começa logo a ser manipulado e persuadido pelos restantes elementos que o constituem, no sentido da uniformização (Postmes, Haslam & Swaab, 2005; Lopes, 2010).

Com base no referido, nas TIS e na TA, considera-se que os estereótipos surgem a partir de um processo-percetual, em que se verifica uma acentuação das características dos diversos elementos que compõem um grupo social, apresentando-se os estereótipos como uma forma de explicar e justificar os comportamentos intergrupais (Leyens, Yzerbyt & Shadron, 1994; Lopes, 2010).

Por fim, o facto de todos os elementos do grupo compartilharem uma identidade, ou seja, um *Eu* coletivo e uma opinião igualitária resulta na perda da perceção que o indivíduo tem de si próprio (Torrão, 2014).

1.2.5. Teoria da cognição social

As investigações realizadas no âmbito da cognição social incidem, na abordagem dos processos cognitivos que estão na origem de fenómenos sociais (Gaspar & Garrido, 2016).

A *Teoria da Cognição Social* (TCS) desenvolvida na área da psicologia por Albert Bandura não é exceção, tendo surgido a partir da *Teoria da Aprendizagem Social* (TAS), que estudava os fenómenos do comportamento humano e da influência social através da observação e imitação (Bandura, Azzi & Polydoro, 2008).

A cognição social refere-se ao conjunto de fatores que alteram a capacidade de obtenção e representação do conhecimento que o sujeito tem, uma vez que, só assim consegue avaliar alguns acontecimentos que vivencia. Esta caracteriza-se através dos processos cognitivos que estão inerentes ao processamento de informação e que se encontram interligados à compreensão de fenómenos sociais (Leyens, Yzerbyt & Shadron, 1994; Bandura, Azzi & Polydoro, 2008; Gaspar & Garrido, 2016).

Assim, a TCS refere a existência de estruturas cognitivas que influenciam a forma como a informação é processada e armazenada pelo indivíduo, revelando que a ocorrência de alterações nessas estruturas resulta no desenvolvimento de perceções, acerca do mundo e da realidade, diferentes das disponíveis nas funções mentais do sujeito (Lopes, 2010; Neves, 2012).

Sendo a principal finalidade das estruturas cognitivas que compõem o cérebro humano, auxiliar o indivíduo no desempenho do seu papel social, o que se verifica é que isso só é possível através de uma estruturação ordenada do meio envolvente em que este se encontra inserido, permitindo-lhe entender uma realidade concreta (Leyens, Yzerbyt & Shadron, 1994; Lopes, 2010; Gaspar & Garrido, 2016).

Tendo em consideração a temática do trabalho, torna-se crucial referenciar a relação que se estabelece entre os estereótipos e os processos cognitivos explicados na TCS. Os estereótipos apresentam-se como uma estrutura que é formada a partir de um segundo

conjunto de saberes, informações, valores e expectativas que o sujeito tem acerca de algo. Estes detêm a capacidade de modificar as informações do indivíduo em relação a outro grupo, bem como outros processos que ocorrem ao nível mental (Marques, 1986; Santos, 2008).

Na TCS, os estereótipos podem ser considerados como um esquema, quando conduzem ou orientam funções relativas às perceções, memórias e à capacidade de concentração do sujeito, permitindo o seu cruzamento com as informações que o sujeito possuía e adquiriu recentemente. O esquema permite ao indivíduo a construção de uma sequência mental, através da informação de que predispõem acerca de determinada realidade ou pessoa, o que possibilita efetuar apreciação acerca de outras realidades (Marques, 1986; Santos, 2008).

Os estereótipos consistem, assim, num conjunto de informações ou caracterizações que o indivíduo possui acerca de determinada realidade ou grupo social que se encontram guardadas na sua memória desde a sua infância (Pereira, Ferreira, Martins & Cupertino, 2002; Lopes, 2010).

Decorre desta aceção que, existem fatores que afetam a forma como os estereótipos se desenvolvem e que alteram a forma como estes estão estruturados e ordenados mentalmente. Verificando-se um conjunto de processos cognitivos que ocorrem ao nível da memória, concentração, processamento de informação e perceção que se apresentam como determinantes na formação de representações e estereótipos sociais (Brewer & Crano, 1994; Neves, 2012).

A *memória* funciona como uma rede de informações e características onde o indivíduo guarda conhecimentos acerca de determinada realidade. O conjunto de informações que o indivíduo possui pode ainda ser associado a outras memórias, interagindo e desenvolvendo novas representações acerca de algo. Assim, a memória funciona como um armazenamento de informações organizadas e estruturadas de forma relacionada, segundo um conjunto de padrões e características semelhantes, possibilitando ao indivíduo aceder a uma diversidade de informações acerca de determinada realidade ou grupo social, o que possibilita a alteração ou interceção através dos estereótipos, na forma como o indivíduo percebe determinada circunstância, o que, por vezes, resulta numa apreciação errada acerca de um grupo social (Santos, 2008; Neves, 2012).

Já a *concentração* do indivíduo apresenta-se como um fator bastante importante no processamento de informação, pois é a partir desta que o sujeito recolhe as informações, codificando-as e armazenando-as na memória. Quando este processo ocorre de forma incorreta o indivíduo, além de processar a informação considerada relevante para perceber determinada realidade, processa também informações enviesadas, incorretas insignificantes e inconscientes que é onde, por norma, estão presentes os estereótipos. Desta forma, durante o

nosso ciclo vital consideramos um conjunto de características estereotipadas que nos ajudam a caracterizar determinado sujeito ou realidade, porque de forma inconsciente processamos e armazenamos essas informações (Palmore, 1999; Santos, 2008; Lopes, 2010).

A *percepção* é o processo cognitivo que forma categorias específicas de forma automática, inconsciente e estruturada em concordância com os primeiros conhecimentos do indivíduo em relação a uma realidade. É um processo de categorização que subdivide o conhecimento em categorias ou acontecimentos semelhantes (Brewer & Crano, 1994; Lopes, 2010).

Já o *processamento de informação* permite armazenar, codificar e transformar a informação considerada relevante em memórias que são armazenadas com o intuito de *à posteriori* serem reutilizadas pelo indivíduo. Assim, segundo Lopes (2010), o processamento de informação apresenta-se como “a sequência das atividades cognitivas nas quais a informação do mundo social é combinada com o conhecimento individual, para gerar uma interpretação ou representação mental” (p. 30). Este processo ocorre segundo Brewer e Crano, (1994) em cinco fases, (i) o indivíduo reconhece a informação e seleciona a que considera importante para ser processada; (ii) ocorre a interpretação e a comparação das novas informações do indivíduo com as antigas; (iii) a informação é estruturada e composta; (iv) a informação é guardada na memória e ,por fim, (v) a informação é readquirida.

Através das diversas fases enunciadas, podemos verificar que para ser possível o processamento de informação, são necessários outros processos cognitivos, no sentido de selecionar a informação relevante para a guardar e organizar. Deste modo, na TCS a formulação de estereótipos resulta de uma falha no processamento de conhecimentos e informações que ocorre na memória, concentração, percepção e processamento de informação no indivíduo (Lopes, 2010; Neves, 2012).

No ponto que se segue procuramos apresentar as concepções relacionadas às representações e vivências no processo de envelhecimento, bem como as estratégias de adaptação e combate face a esta problemática.

1.3. Representações e vivências do processo de envelhecimento

Conforme salientamos anteriormente, as representações sociais e as vivências têm um impacto bastante relevante no processo de envelhecimento, pois refletem a forma como a sociedade compreende e designa a velhice. Deste modo, as representações que a sociedade tem conduzem ao desenvolvimento de atitudes preconceituosas relativamente a este grupo vulnerável (Neves, 2012; Leite, 2014).

Segundo Vala (2002), os elementos que compõem uma sociedade contribuem assim para a construção de significados, pois “os indivíduos não se limitam a receber e a processar informação, são também construtores de significados e teorizam a realidade social” (p. 457), o

que, por sua vez, resulta no desenvolvimento de crenças estereotipadas e representações negativas face a este período final do ciclo de vital do ser humano (Oliveira, 2005).

Neste sentido, o envelhecimento é ainda caracterizado como uma das fases mais negativas na vida do ser humano, quer pelos próprios idosos, quer pelos restantes elementos que compõem a sociedade (Oliveira, 2005).

1.3.1. Representação social do envelhecimento

O envelhecimento enquanto fenómeno social apresenta-se na atualidade como um problema a diversos níveis que necessita de ser refletido (Lopes, Mendes & Silva 2014). No âmbito deste estudo importa explicar a forma como o valor atribuído à pessoa idosa foi diversificando e sofrendo diversas transformações ao longo do tempo, pois nem sempre o idoso foi visto da mesma forma (Marques, 2016).

O valor atribuído à pessoa idosa sofreu diversas transformações ao longo dos séculos, nas comunidades primitivas os idosos eram considerados como um obstáculo à realização das suas atividades diárias, pois apresentavam algumas fragilidades, o que os impedia de colaborar na realização de tarefas, resultando assim, no seu isolamento, desprezo e sendo retirados da vida social (Daniel, Antunes & Amaral, 2015; Marques, 2016).

Os idosos na cultura ocidental¹ eram vistos como uma fonte de conhecimento e sabedoria adquiridos pela experiência de vida que auxiliava na produção agrícola, eram-lhes atribuídos cargos elevados e, por vezes, de chefia, pois eram grandes conselheiros, fontes de conhecimento e respeitados. Por conseguinte, a população envelhecida era quase inexistente, o que refletia a necessidade de ocupar um determinado estatuto social que contribuísse para a aquisição de uma qualidade de vida acima da média, o que resultaria no aumento da esperança média de vida do indivíduo. Porém, só uma elite composta pelos reis e nobres tinham possibilidades financeiras que lhe permitiam ter uma vida prestigiada e acima das restantes classes sociais o que resultava no aumento da esperança média de vida dessa elite (Daniel, Antunes & Amaral, 2015; Marques, 2016).

Já na atualidade, com o aumento da população envelhecida e da alteração das famílias, o idoso deixou de ser importante, uma vez que, não mantinha capacidades para acompanhar as alterações que se verificaram quer ao nível social e familiar, o que resultou na construção de respostas sociais públicas e políticas de apoio a terceira idade (Daniel, Antunes & Amaral, 2015; Marques, 2016).

¹ Nos países asiáticos, africanos e da América latina, os idosos continuam a ter um papel importante nas famílias e para as comunidades.

As transformações visíveis nas sociedades contemporâneas são resultado das crenças sociais que ressaltam a importância de o indivíduo ser produtivo e eficaz, o que resulta na exclusão de diversos grupos vulneráveis, sendo de destacar a população envelhecida. Talvez por isso, se verificarem atitudes discriminatórias, estereotipadas e imagens representativas negativas, face à velhice devido ao declínio das funções do indivíduo, o que resulta numa imagem igualitária e geral face a todos os idosos, considerando-se que o processo de envelhecimento ocorre de forma idêntica em todos os sujeitos (Lopes, 2010; Marques, 2016).

Em suma, segundo Marques (2016), existem dados científicos que contradizem e contestam as representações face ao processo de envelhecimento, porém mantêm-se presentes as representações e imagens negativas face aos idosos.

1.3.2. Estereótipos e mitos relacionados ao processo de envelhecimento

Como foi referido, o processo de envelhecimento foi alterando e sendo caracterizado de diversas formas, o que salienta a importância de conhecer e perceber esta fase da vida como um fenómeno que modifica em conformidade com a cultura e história de uma sociedade em determinada época (Almeida, 2014).

Na atualidade tem-se realizado diversos estudos científicos que pretendem compreender e explicar o envelhecimento e a velhice, pois considera-se necessário perceber as representações sociais relacionadas com estes conceitos (Marques, Lima & Novo, 2006).

No que se refere à velhice, existem investigações que apontam a existência de estereótipos e mitos que alteram a forma como os outros indivíduos que pertencem à sociedade atuam face à população envelhecida, sendo de destacar os estereótipos relacionados ao período final de vida do idoso, bem como as alterações que ocorrem ao nível social, psicológico e biológico e que resultam na perda de capacidades. (Marques, Lima & Novo, 2006).

Segundo Berger e Mailloux-Poirier (1995), os estereótipos e mitos relacionados com o processo de envelhecimento apresentam-se como um obstáculo ao processo de envelhecimento, uma vez que, contribuem para o desenvolvimento de perturbações e para uma incapacidade de adaptação do idoso face às perdas que ocorrem, não lhe permitindo fazer uma gestão equilibrada entre perdas e ganhos o que, por sua vez, resulta na incapacidade de reconhecer competências positivas adquiridas durante a velhice.

O idoso na sociedade atual é caracterizado essencialmente como doente, dependente, lento, debilitado, deprimido, fraco, débil, solitário e improdutivo. O conjunto de características apresentadas leva a que o próprio idoso interiorize essa imagem de si mesmo, bem como o resto da sociedade, contribuindo assim, para o desenvolvimento de mais atitudes e mitos em relação ao processo de envelhecimento (Oliveira, 2005; Neves, 2012; Almeida 2014; Leite, 2014; Marques, 2016).

O envelhecimento é percebido como um mal sem solução e irreversível que resulta na dependência do idoso, na perda das suas capacidades, no desenvolvimento de doenças psiquiátricas e no isolamento, pois este considera-se demasiado debilitado para responder às especificidades que lhe são impostas socialmente (Neves, 2012).

Estudos evidenciam ainda que os estereótipos negativos face à pessoa idosa podem afetar ou influenciar a atitude do idoso relativamente à tomada de decisões médicas, doenças, bem-estar físico e psicológico (Marques & Lima, 2010).

Embora exista uma grande diversidade de características e atributos negativos atribuídos ao idoso socialmente, também existem estereótipos positivos. Alguns dos estereótipos positivos que contribuem de forma benéfica para o idoso é a sabedoria, a alegria, a gentileza e a liberdade (Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010).

Neste sentido, as representações sociais podem assim ser positivas quando se referem à sabedoria, aos avós, à amabilidade e à transmissão de tradições. Negativas quando se referem ao idoso como triste, solitário, doente, inseguro, dependente, antiquado, quando são evidenciados aspetos físicos como rugas, cabelo branco, ao nível das suas necessidades através da utilização de utensílios (bengalas, cadeira de rodas, óculos) e quando a velhice é associada à fase final do ciclo vital do indivíduo. As representações podem ainda ser neutras quando é apenas referido o facto de o indivíduo ter muita idade ou de se sentir velho (Ribeiro, 2007).

Torna-se, por isso, necessário desenvolver estratégias que promovam visões positivas face a este problema social que afeta a população envelhecida a diversos níveis e que, altera a sua qualidade de vida e bem-estar, sendo de destacar os diferentes tipos e formas de discriminação social que estão incutidos na sociedade através de comportamentos e atitudes (Marques, 2016).

O comportamento e a atitude que um indivíduo adota em relação ao processo de envelhecimento e ao idoso, apresenta-se como um fator decisivo na integração social do idoso e na sua aceitação, pois a forma como interpretamos estes conceitos reflete-se de forma positiva ou negativa nas atitudes e relações que estabelecemos (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Neves, 2012; Almeida, 2014).

Conforme referimos anteriormente, algumas das atitudes negativas associadas à pessoa idosa ou da pessoa idosa centram-se na gerontofobia, no *idadismo* ou *ageism*, na *infantilização* ou *bebeísmo*, no automorfismo social e nos autoestereótipos que o próprio idoso desenvolve acerca de si mesmo (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Lopes, 2010; Neves, 2012; Almeida, 2014; Marques, 2016).

A gerontofobia é caracterizada como um medo que o sujeito, enquanto ator social, demonstra e sente em relação ao envelhecimento e velhice, apresentando-se como negativo.

Este tipo de discriminação resulta num conjunto de comportamentos e atitudes prejudiciais e contraindicadas ao indivíduo, sendo de destacar a incapacidade de aceitar o envelhecimento ou a velhice, a insensibilidade e a indiferença para com o idoso (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Martins & Rodrigues, 2004; Neves, 2012; Almeida, 2014).

O conceito de *idadismo* ou *ageism* refere-se a um conjunto de atitudes ou ações negativas que resultam na discriminação do indivíduo segundo o critério idade (Butler, 1969; Martins & Rodrigues, 2004; Marques & Lima, 2010; Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010; Neves, 2012; Almeida, 2014).

Verificam-se, assim, dois tipos de *idadismo* um prejudicial para o idoso e outro saudável. No primeiro, o idoso é alvo de atitudes discriminatórias sendo considerado como um obstáculo e inútil para a sociedade. No segundo, o preconceito encontra-se relacionado com o medo da velhice podendo ocorrer de forma consciente ou não no indivíduo (Neves, 2012; Butler, 1969).

Segundo Palmore (1999), o *idadismo* pode ainda apresentar-se como positivo, quando não provoca sentimentos negativos no idoso ou não o prejudica. No que se refere à atitude do idoso, este quando confrontado com atitudes *idadistas* reage de quatro formas distintas, podendo concordar e consentir, contestar ou negar, evitar ou ignorar e, por fim, conformar-se (Palmore, 1999; Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010).

Além do referido, este ocorre segundo três níveis, ou seja, o individual, o instrumental e o social. No individual, o sujeito brinca com o processo de envelhecimento, podendo, por vezes, dizer algum gracejo, mantém-se distante dos indivíduos idosos e pode apresentar ações negativas e estereotipadas. A nível instrumental, a discriminação ocorre através das medidas públicas e respostas sociais dirigidas aos idosos ou no seu próprio emprego. Já ao nível social, manifesta-se através da linguagem, da falta de igualdade e na marginalização baseada no fator idade (McGuire, Klein & Chen, 2008; Lopes, 2010; Sousa, Lodovici, Silveira & Arantes, 2014).

Já a *infantilização* ou *bebésme* é adoção de uma atitude ou discurso infantilizado com a finalidade de possibilitar ao idoso perceber o que lhe foi referido, normalmente o discurso é lento, simples, repetitivo, inclui esclarecimentos excessivos e diminutivos quando se dirige ao idoso. Este tipo de atitude ocorre maioritariamente quando o idoso perde a sua independência e autonomia e realiza atividades inapropriadas as suas necessidades e especificidades. Além do referido, pode ser considerado pelo idoso como uma forma de desconsideração da sua dignidade e afetar a sua autoestima. Surge, assim, a ideia errónea de que os idosos são semelhantes às crianças e necessitam dos mesmos cuidados, o que leva os técnicos a discursar de forma mais próxima e carinhosa demonstrando assim interesse e preocupação (Martins & Rodrigues, 2004; Ribeiro, 2007; Neves, 2012; Almeida, 2014).

O automorfismo social remete-nos para o não reconhecimento do idoso como detentor de um processo de envelhecimento próprio, único e divergente dos restantes idosos. Assim, o que se pretende é uniformizar o processo de envelhecimento, o que é uma ideia errónea, pois o envelhecimento é um processo contínuo, complexo e heterogéneo que afeta os indivíduos de diferentes formas e em diferentes momentos (Martins, 2015; Pimentel, 2005; Neves, 2012; Almeida, 2014; Martins & Rodrigues, 2004).

No que se refere aos autoestereótipos, este processa-se quando o idoso interioriza as imagens, mitos e crenças que a sociedade constrói em relação a si, agindo em conformidade com elas. Segundo Lopes (2010), “a imagem predominantemente negativa que a sociedade tem do idoso pode influenciar a perceção que as pessoas idosas têm delas próprias, levando a que o idoso acredite nestas crenças como sendo verdadeiras” (p. 40).

O idoso é afetado pela construção de representações que a sociedade desenvolve em relação ao envelhecimento. Assim, o idoso desenvolve perceções acerca de si próprio segundo dois estádios, numa primeira fase, os estereótipos são interiorizados pelo indivíduo durante a sua infância através dos processos de socialização que este estabelece, porém estes não são considerados como relevantes, pois não têm impacto nas perceções que a criança irá desenvolver acerca de si enquanto pessoa idosa, uma vez que, estes não compõem o grupo categorizado. Numa segunda fase, o indivíduo ostenta uma idade avançada e desenvolve um conjunto de autoestereótipos de si próprio, pois pertence ao grupo catalogado. Assim, os estereótipos que o idoso tem de si mesmo transformam-se em autoestereótipos quando este, enquanto pessoa idosa, é alvo dessas atitudes estereotipadas que foram interiorizadas durante a sua trajetória de vida (Levy, 2003; Lopes, 2010).

Em conformidade com o referido, a trajetória de vida que o ser humano percorre ao longo do seu ciclo vital afeta o seu percurso de desenvolvimento, pois ao longo da sua vida este adquire diversos recursos e mecanismos que o auxiliam nas diferentes etapas da vida, infância, juventude, vida adulta e velhice (Neri, 2006; Alves, 2015; Martins, 2015).

Os desafios característicos da velhice levam o idoso a sentir algumas dificuldades adaptativas, o que põe em causa a sua qualidade de vida, provocando ansiedade e funcionando como um obstáculo ao envelhecimento bem-sucedido (Alves, 2015; Martins, 2015).

O envelhecimento bem-sucedido é assim caracterizado segundo três categorias que organizam um conjunto de condições relacionadas, ou seja, pela inexistência de doenças que condicionem a autonomia do idoso, pela manutenção das funções psicológicas e físicas e pela conservação e participação ativa do idoso na vida em sociedade (Fontaine, 2000; Guimarães, 2013).

Desta forma, os mecanismos de manutenção e adaptação apresentam-se com um fator-chave pois, auxiliam o idoso a regular o seu *self* evitando o surgimento de crises características deste período (Silva, 2006).

De acordo com Silva (2006), verificam-se três crises relacionadas com a velhice, (i) a de *identidade*, afetada pelo aglomerado de vivências do idoso que alteram a sua autoestima, pois o idoso não consegue pôr em prática as suas realizações segundo os seus ideais, (ii) a de *autonomia* quando o idoso sente dificuldade na realização das atividades de vida diária e (iii) a de *pertença*, quando o idoso não se sente inserido na sociedade, uma vez que, já não estabelece relações sociais.

A existência das crises mencionadas anteriormente, levam o idoso a recorrer às habilidades físicas e cognitivas que mantém em reserva, com a finalidade de restaurar ou conservar os comportamentos adaptativos de que dispõem após verificar os primeiros sinais de declínio ou, depois de vivenciar um acontecimento stressante ou traumático de que não consegue recuperar, ou seja, consiste na *restauração* das habilidades do sujeito. Por conseguinte, o indivíduo pode ainda otimizar as suas funções através das reservas que dispõem, o que consiste na *plasticidade* entendida como a capacidade de o sujeito reestruturar uma função ou experiência (Fontaine, 2000).

Também Erik Erikson (1982, citado por Fontaine, 2000), através do modelo do desenvolvimento psicossocial da personalidade/identidade refere a existência de uma crise normativa dirigida ao período da velhice designada *integridade vs. desespero*. Segundo o autor, durante este período do ciclo vital, o idoso deve aceitar-se como é e o percurso que efetuou positivamente, desenvolvendo mecanismos de adaptação face às vitórias e derrotas que surgem e tornando-as parte das suas vivências e experiências acerca da vida e do mundo. Porém, quando o idoso não atinge a integridade, experiencia o desespero, pois sente que chegou a fase final da sua vida, entra em aflição e vive um misto de sentimentos confusos e desconectados. Deste modo, quando o idoso ultrapassa este estágio de forma positiva atinge a sabedoria, pois aceita a morte de forma neutra (Oliveira, 2005; Guimarães, 2013).

Em conformidade com o referido, o primeiro passo para conseguir alcançar um envelhecimento bem-sucedido e evitar possíveis crises passa pela aceitação das alterações que se verificam e pela capacidade do indivíduo se adaptar, como é referenciado por Baltes no modelo de Seleção, Otimização e Compensação (SOC) (Baltes & Baltes 1990; Fontaine, 2000; Neri, 2006; Almeida, 2011).

O modelo de SOC, referenciado por Baltes, surgiu, assim, através da perspectiva teórica *lifespan* referenciada na psicologia do envelhecimento em 1970, pela necessidade de

compreender o conceito de envelhecimento bem-sucedido alvo de diversas caracterizações e descrições (Baltes & Baltes, 1990; Almeida, Stobäus & Resende, 2013).

Segundo o modelo de SOC, o indivíduo deve utilizar estratégias de seleção, otimização e compensação para responder à adversidade do dia a dia, sendo que cada uma das estratégias funciona como uma forma adaptativa que o idoso adota para materializar uma tarefa que foi delineada (Fontaine, 2000; Neri, 2006; Almeida, Stobäus & Resende, 2013).

Na seleção, o indivíduo elege um conjunto de tarefas e metas que sejam alcançáveis, uma vez que, não pode realizar todos os seus objetivos, ou seja, efetua uma “seleção eletiva” ou focaliza-se na recuperação das perdas. Esta estratégia apresenta-se como uma ferramenta útil para responder às carências, pois o indivíduo seleciona um conjunto de metas e dedica a sua atenção à realização das mesmas, o que lhe permite adaptar-se a novos padrões e novas tarefas, conseguindo assim realizá-las (Fontaine, 2000; Neri, 2006; Almeida, Stobäus & Resende, 2013; Alves, 2015).

Na otimização, o indivíduo alcança, coordena, aprimora e conserva novos recursos, internos e externos, com a finalidade de atingir melhores níveis de funcionamento e para alcançar os objetivos e metas traçados na seleção. Assim, pretende-se que o indivíduo adote alternativas que lhe permitam a realização de determinados exercícios alcançando níveis funcionais mais elevados. A otimização pode ser concretizada e aprimorada através da educação, da prática de exercício físico e de atividades artísticas (Fontaine, 2000; Neri, 2006; Almeida, Stobäus & Resende, 2013; Alves, 2015).

Na compensação, o indivíduo seleciona uma alternativa ou recurso que lhe permita manter ou maximizar determinada função, um caso de maximização de uma potencialidade ocorre quando um indivíduo que tem problemas de visão utiliza um recurso, ou seja, uns óculos para ver melhor melhorando as suas funções visuais (Fontaine, 2000; Neri, 2006; Almeida, Stobäus & Resende, 2013; Alves, 2015).

De acordo com Oliveira (2014), o envelhecimento pode ocorrer de forma bem-sucedida quando o idoso estabelece padrões de adaptação positivos relativamente

às suas capacidades de funcionamento, no seu contexto de vida, implicando com isso quer critérios externos (sociais, relativos ao que se espera do idoso em cada cultura), quer critérios internos (numa perspetiva individual, o sentir e a vontade subjetiva) (p. 14).

Além das teorias referidas, existem outras que seguem a mesma linha de pensamento e defendem o envelhecimento bem-sucedido (Doll, Gomes, Hollerweger, Pecoits & Almeida, 2007).

Conclui-se, que é fundamental perceber as diferentes formas de discriminação e estereótipos relacionados com o idoso presentes na sociedade, com a finalidade de contruir estratégias que contribuam para o combate destas representações negativas acerca do idoso e do envelhecimento, dado que, por vezes, são fundamentadas em conhecimento pouco sustentado acerca do tema.

Seguidamente iremos abordar alguns dos estudos realizados a nível nacional e internacional acerca das representações e estereótipos sociais das crianças em relação ao envelhecimento e à velhice.

1.4. Estudos sobre estereótipos e representações sociais do envelhecimento e do idoso

Num primeiro grupo de estudos realizados acerca das representações sociais e estereótipos sobre os idosos verifica-se que a maioria dos trabalhos de investigação revela que as representações sociais que existem sobre o envelhecimento e à velhice assumem um carácter negativo. Porém, na atualidade, os estudos identificam representações sociais que variam de positivas, neutras e negativas (Lopes, 2010; Neves, 2012).

Os estudos realizados com crianças são bastante reduzidos, sendo que a maioria procura perceber, analisar e compreender quais são as representações sociais das crianças em relação ao envelhecimento e à velhice. Isto poderá ser verificado através dos estudos internacionais e nacionais encontrados sobre a temática (Lopes & Park, 2007; Mazutti & Scortegagna, 2006; Ramos, 2009; Córdoba, Mercedes, Agudelo, Leandro, Ruiz & Cecilia, 2010; Sousa, Jesuino, Fonseca, Lima, Miranda, & Tapadas, 2010; Luchesi, Dupas & Pavarini, 2012; Luchesi, Pavarini e Viana, 2012; Palmeirão & Menezes, 2012; Dias & Miguel, 2014; Rodrigues, 2014).

1.4.1. Estudos internacionais

Os estudos encontrados a nível internacional, como é visível na síntese apresentada na tabela n.º 1 apresentada seguidamente, focam sobretudo as representações sociais, estereótipos e conhecimentos associados ao processo de envelhecimento e velhice. Contudo, ressaltam a influência que fatores como a convivência e o relacionamento com idosos que possuem demências podem ter na forma como as crianças percecionam o envelhecimento.

Córdoba, Mercedes, Agudelo, Leandro, Ruiz e Cecília (2010), no seu estudo qualitativo composto por uma amostra de vinte e cinco indivíduos (cinco crianças, cinco pré-adolescentes, cinco adolescentes, cinco adultos jovens e cinco adultos) em Floridablanca, em que utilizaram como instrumento a entrevista semiestruturada, pretendiam descrever os estereótipos existentes sobre os idosos nessa comunidade educativa. O estudo concluiu que existia correspondência entre algumas opiniões obtidas através das entrevistas semiestruturadas e os estereótipos que se verificam nas sociedades. Os idosos eram maioritariamente caracterizados

como sendo dependentes, fracos, doentes e inativos sexualmente, tendo sido evidenciado pelas crianças e jovens que estes não possuíam capacidades mentais que lhes possibilitassem adquirir novos conhecimentos, dado que, nesta fase as suas funções estavam em declínio. Além disso, considerava-se que os idosos não possuíam competências para se manterem ativos ao nível laboral, já que, apresentavam baixo rendimento e estavam sempre esgotados.

No estudo de Lopes e Park (2007), realizado em trinta e uma crianças (onze com idades compreendidas entre os oito e dez anos e vinte com idades compreendidas entre os cinco e seis anos), que pretendia verificar as representações sociais das crianças acerca do envelhecimento e do velho, constatou-se através da aplicação de uma metodologia qualitativa cujos instrumentos utilizados foram o desenho, a entrevista semiestruturada e a brincadeira tematizada que existia uma grande diversidade de representações acerca do idoso. Estas variavam entre positivas e negativas. Ao nível dos aspetos negativos, o idoso era caracterizado através das limitações físicas, doenças e morte. Ao nível positivo era destacado o facto de estes possuírem muito tempo livre e serem avós. Em relação ao envelhecimento, verificou-se que as crianças possuíam consciência que este se processa através da passagem do tempo. Os autores verificaram ainda que o facto de as crianças terem mantido relações com os idosos não alterava a percepção que estes tinham acerca da velhice.

Já Luchesi, Dupas e Pavarini (2012), através de um estudo qualitativo constituído por cinquenta e quatro crianças (dos sete aos dez anos), que pretendia avaliar a atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice, através da aplicação de entrevistas. Verificou-se que as crianças que conviviam com os idosos apresentavam atitudes positivas em relação à velhice. Contudo, num estudo elaborado por Luchesi, Pavarini e Viana (2012) realizado a oitenta e três crianças (cinquenta e quatro que moravam com idosos que apresentavam alterações cognitivas e vinte e nove que moravam com idosos que não apresentavam alterações cognitivas), que pretendia avaliar e comparar as atitudes de crianças que moravam com idosos, com ou sem alterações cognitivas em relação à velhice, através de uma metodologia qualitativa, em que se utilizaram entrevistas como instrumento de recolha de dados, constatou que as crianças que habitavam com idosos, portadores de doenças cognitivas, tinham uma visão negativa do envelhecimento.

Desta forma, o estudo conclui que o facto de as crianças conviverem com idosos pode influenciar a forma como percecionam o processo de envelhecimento, ao contrário do referido no estudo de Lopes e Park (2007) que concluiu que as relações entre idosos e crianças não altera a sua percepção acerca do envelhecimento e velhice.

Mazutti e Scortegagna (2006), através de um grupo de dezoito crianças da educação pré-escolar do turno da manhã (nove rapazes e nove raparigas) que pretendia conhecer as

conceções do pré-escolar acerca do envelhecimento e velhice, bem como identificar mitos e estereótipos, através de uma metodologia qualitativa em que se utilizou como instrumento entrevista, averiguaram que estas possuíam alguns conhecimentos acerca do processo de envelhecimento humano, uma vez que, sabiam que este ocorria ao longo da vida e que resultava em diversas transformações e limitações, e que era um período marcado por doenças. Contudo, estas apresentavam algumas crenças estereotipadas no que se refere à caracterização deste período segundo um conjunto de limitações e doenças.

Por último, o estudo de Ramos (2009) realizado em trinta e duas crianças (dezasseis raparigas e dezasseis rapazes) que pretendia identificar os conhecimentos e representações acerca da velhice e do velho através de uma metodologia qualitativa em que foi utilizado como instrumento a entrevista e o desenho livre, apurou que estas possuem algum receio em envelhecer, caracterizando a velhice de forma diversificada, ou seja, positivamente e negativamente. Contudo, o facto de os idosos terem bastante tempo livre apresentou-se como bastante positivo para as crianças, dado que, possuem tempo para fazer muitas coisas.

Segundo a análise dos estudos internacionais, verifica-se que, no geral, as perceções das crianças acerca do envelhecimento variam de positivas a negativas, apresentando-se o fator convivência como influenciador da percepção da criança acerca do processo de envelhecimento.

Tabela 1 Estudos internacionais

Autores	Nome do estudo	Objetivos	Instrumento	Amostra	Resultados
Mazutti & Scortegagna (2006)	“Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS”	Conhecer as concepções do pré-escolares acerca do envelhecimento humano e identificar mitos e estereótipos relacionados à velhice	Entrevista	Grupo de 18 pré-escolares, do turno da manhã (9 meninos e 9 meninas).	As crianças referem que o envelhecimento ocorre gradativamente ao longo do ciclo vital do indivíduo. Consideram ainda que o processo de envelhecimento traz doenças e limitações.
Lopes & Park (2007)	“Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento”	Investigar a representação social de um grupo de crianças acerca do velho e do envelhecimento.	Desenho, entrevista semiestruturada e brincadeira tematizada	31 Crianças (11 entre oito e dez anos e 20 entre cinco e seis anos)	Representação social diversificada acerca do velho que varia de positiva a negativa. Referindo como positivo o tempo livre e serem avós e como negativo as características e limitações físicas, doença e morte. Em relação ao envelhecimento, as crianças referiram ser a passagem dos anos. Verificou-se ainda que a convivência entre crianças e idosos não altera a percepção das crianças.
Ramos, (2009)	“O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças”	Identificar os conhecimentos sobre velhice e velho, e como é representado na atualidade.	Entrevista e desenho livre	32 Crianças (16 raparigas, 16 rapazes)	As crianças têm medo de envelhecer e atribuem significados positivos e negativos a esta fase da vida. Porém consideram positivo ter mais tempo livre.

Autores	Nome do estudo	Objetivos	Instrumento	Amostra	Resultados
Córdoba, Mercedes, Agudelo, Leandro, Ruiz & Cecília (2010)	“Identificación de estereotipos y prejuicios hacia la vejez presentes en una comunidad educativa de florida blanca”	Descrever os estereótipos sociais sobre os idosos presentes na comunidade educativa de Florida Blanca.	Entrevista semiestruturada	25 Indivíduos (5 crianças, 5 pré-adolescentes, 5 adolescentes, 5 adultos jovens e 5 adultos)	Existe correspondência entre algumas opiniões dos entrevistados e os estereótipos sociais. Os idosos são pessoas dependentes, doentes, frágeis e sexualmente não ativos.
Luchesi, Dupas & Pavarini (2012)	“Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice”	Avaliar a atitude de crianças que convivem com idosos, em relação à velhice.	Entrevista	54 Crianças (dos sete aos dez anos)	Os resultados apontaram atitudes consideradas positivas.
Luchesi, Pavarini & Viana (2012)	“Alterações cognitivas de idosos no contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice”	Avaliar e comparar a atitude em relação à velhice de crianças que moram com idosos com e sem alterações cognitivas.	Entrevista	83 Crianças de 5 anos (54 moravam com idosos que tinham alterações cognitivas e 29 com idosos que não apresentavam alterações cognitivas)	As crianças que convivem com idosos com alteração cognitiva têm atitudes mais negativas em relação a velhice.

1.4.2. Estudos nacionais

Ao nível dos estudos nacionais foram identificados quatro trabalhos que objetivavam perceber as representações das crianças em relação ao envelhecimento e à velhice como é visível na tabela n.º 2 apresentada seguidamente.

No estudo de Dias e Miguel (2014), realizado com vinte e cinco crianças (entre os oito e nove anos) que pretendia analisar as representações sociais de crianças relativamente às pessoas idosas, através de uma metodologia quantitativa e qualitativa, em que se utilizaram como instrumentos de recolha de dados o questionário de estereótipos positivos e negativos, enunciado por Palmore (1999) e o desenho livre. Os autores constaram que as crianças só conseguiam representar o idoso através de aspectos físicos, como rugas, cabelos grisalhos, costas arqueadas e utilizando óculos e bengala. Os dados revelam que, só através destes aspectos é que as crianças conseguem efetivamente demonstrar como se distingue um idoso de outro indivíduo que ainda não atingiu a velhice. As crianças apresentaram ainda uma imagem multidimensional do idoso dado que, consideraram que os idosos podem vivenciar perdas em diversos âmbitos (financeiro, psicológico e funcional), porém também obtêm ganhos morais e afetivos.

O estudo de Palmeirão e Menezes (2012), realizado com quatrocentas e sessenta e três crianças que frequentavam o quarto ano, com idades compreendidas entre os nove e dez anos, realizado no distrito de Braga e no Porto, pretendia identificar as atitudes associadas à pessoa idosa. A investigação usou uma metodologia quantitativa, aplicando o questionário e a escala de *Kogan*. Obtiveram-se resultados positivos no que se refere às atitudes associadas à pessoa idosa, verificando-se que as crianças da amostra caracterizam os idosos como pessoas com bom humor, felizes, na sua maioria, com diversidades e que deveriam partilhar a sua vida com os mais jovens através das suas histórias, bem como morar com pessoas mais novas. O estudo apresenta assim, uma atitude positiva em relação a população idosa.

Num outro estudo qualitativo, realizado por Rodrigues (2014), com trezentas e oitenta e sete crianças das turmas do quinto, sétimo e nono anos, com idades entre os nove e os dezessete anos em Alpedrinha e Castelo Branco, que pretendia perceber quais as representações/imagens que as crianças/jovens têm acerca da população idosa, através de um questionário, verificou-se que estes possuíam uma imagem positiva dos idosos, tanto em meio rural como urbano. Porém existiam alguns estereótipos no que se refere ao retorno dos idosos aos estudos, aos seus aspetos físicos e à utilização de utensílios. Concluiu-se assim, que o idoso é representado positivamente a nível emocional e psicológico devido à sua grande diversidade de conhecimentos, cultura e estado de humor.

Por fim, no estudo realizado por Santos, Sousa, Jesuíno, Fonseca, Lima, Miranda, e Tapadas (2010), em trinta e sete crianças (dezasseis rapazes e dezasseis raparigas) com idades compreendidas entre os seis e dez anos, que pretendia analisar as representações das crianças relativamente aos idosos, através da aplicação de uma metodologia quantitativa e qualitativa em que foram utilizados os instrumentos questionário e entrevista, observou-se que as crianças gostam dos idosos e que demonstram alguma preocupação em relação a este público, pois não aprovam o facto de a maioria dos idosos estar sozinhos, o que suscita algum mau estar e desconforto. Além do referido, valorizam o contacto com os idosos e consideram que este deveria estar inserido no seio familiar, mantendo assim as suas relações familiares e sociais, bem como a sua participação na sociedade, através do desenvolvimento de atividades prazerosas e formativas, embora as crianças considerem que nesta fase da vida o idoso não deve trabalhar. Os autores observaram ainda que embora as crianças tenham manifestado uma visão positiva acerca dos idosos, também demonstravam ter alguns estereótipos relativamente aos aspetos físicos e características de personalidade.

No geral os estudos explorados ressaltam a existência de uma representação positiva acerca do envelhecimento ou velhice, porém, as crianças caracterizam os idosos segundo um conjunto de características estereotipadas que refletem segundo a sociedade o que é um idoso.

Tabela 2 Estudos nacionais

Autores	Nome do estudo	Objetivos	Instrumento	Amostra	Resultados
Sousa, Jesuíno, Fonseca, Lima, Miranda, & Tapadas (2010)	“Como as crianças vêem os idosos: Um estudo dos 6 aos 10 anos”	Analisar as representações das crianças relativamente aos idosos.	Entrevista e Questionário	36 Participantes, entre os seis e dez anos (16 rapazes e 20 raparigas).	Não gostam de imaginar os idosos sozinhos ou isolados, valorizam o contacto e as relações com eles, a integração do idoso na família e o permanecer ativo. Manifestam alguns estereótipos relativamente aos aspetos físicos e características de personalidade.
Palmeirão & Menezes (2012)	“No mundo de hoje: atitudes perante as pessoas idosas”	Identificar as atitudes associadas à pessoa idosa.	Questionário e Escala de “Kogan”	463 Crianças do 4º ano (entre os nove e dez anos)	Os resultados da investigação sugerem atitudes positivas face aos idosos em especial na “coabitação”, “heterogeneidade”, “história” e “humor” e menos positivas nas dimensões da “saúde” e da “relação com os jovens”.
Dias & Miguel (2014)	“Ser idoso aos olhos dos mais novos: Representações sociais de crianças sobre a pessoa idosa”	Analisar as representações sociais de crianças de 8 e 9 anos de idade relativamente às pessoas idosas.	Questionário de estereótipos positivos e negativos enunciados por Palmore (1999).	25 crianças (entre os oito e nove anos)	Os resultados sugerem que são essencialmente os aspetos físicos decorrentes do processo de envelhecimento que permitem às crianças objetivar o conceito de idoso.
Rodrigues, (2014)	“O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural”	Perceber quais são as representações/imagens que as crianças/jovens têm acerca da população idosa.	Questionário	387 Crianças das turmas do 5º, 7º e 9ºanos, com idades entre os nove e os dezassete anos.	Imagem positiva dos idosos, tanto em meio rural como urbano, embora persistam alguns estereótipos.

2. Metodologia

A metodologia é uma fase fundamental para a realização e implementação de qualquer trabalho de investigação que se pretende realizar, pois permite ao investigador analisar, descrever e esclarecer todos os processos e fases que compõem o processo necessário para a sua concretização. Assim, o método utilizado numa investigação tem como finalidade a obtenção de informações, dados de forma estruturada e ordenada tendo como base a interpretação dos dados obtidos (Fortin, 2009).

Depois de referenciado o enquadramento conceptual que fundamenta o estudo que se pretende desenvolver, apresentado na 1.ª parte, o presente ponto tem como finalidade abordar as orientações metodológicas que foram seguidas para o seu desenvolvimento. Deste modo, será apresentado num primeiro momento a justificação e o contributo da investigação para a área de educação social, as questões e os objetivos da investigação, a metodologia utilizada, o instrumento, a caracterização dos participantes no estudo, as questões éticas e, por último, o tratamento dos dados utilizados para a análise das informações obtidas.

Esta secção pretende esclarecer as razões que levaram à escolha da metodologia selecionada com opção, contribuindo para a amplificação do conhecimento relativo à problemática em estudo.

2.1. Justificação e contributo do trabalho para a área de educação social

Na sociedade contemporânea, a velhice e o envelhecimento passaram a ser percebidos e encarados de forma negativa, pois a pessoa idosa não correspondia aos padrões de beleza e juventude impostos na atualidade, tornando-se assim alvo de atitudes discriminatórias (Rodrigues, 2014).

Os idosos são assim grande parte das vezes colocados à margem da sociedade, ou seja, fora da sua participação e dinâmica, remetidos, na maioria das vezes, às respostas sociais existentes para os idosos (Rodrigues, 2014).

Tendo em consideração os aspetos referenciados e o aumento exponencial da população idosa, bem como a redução da população ativa é crucial perceber as visões e representações dos mais jovens relativamente aos idosos. Essa necessidade surge devido à interiorização de ideias estereotipadas que as crianças constroem desde pequenas, pois ainda não possuem capacidades para avaliar se uma percepção acerca de alguém ou algo é verdadeira. A interiorização de ideias erradas durante a infância pode resultar na sua internalização durante todo o ciclo vital do indivíduo. Deste modo, torna-se necessário estudar e desenvolver estratégias de intervenção que possam combater este problema social desde o início do ciclo

vital do ser humano, porque, só através de uma intervenção solidificada no conhecimento acerca dos idosos é que se pode alterar as construções sociais que existem em relação ao envelhecimento e velhice (Lopes, 2010).

Tendo em consideração que o período que se pretende estudar é a infância, Rodrigues (2014) refere a existência de uma correlação que se estabelece entre o meio envolvente da criança, as experiências da criança, o grupo familiar e as reações que ela tem na forma como percebe o envelhecimento e a velhice. Assim, as relações de proximidade que a criança desenvolve permitem-lhe identificar se uma pessoa é ou não idosa segundo o papel que desempenha na sua presença.

Tendo em consideração esta realidade, torna-se necessário desenvolver estratégias que permitam construir visões mais positivas sobre o envelhecimento e velhice. Pois as transformações visíveis do processo de envelhecimento revelam um forte potencial de exclusão que é encoberto socialmente através das residências para idosos, onde estes permanecem quase invisíveis (Carvalho & Baptista, 2004).

Sendo a educação social uma área que abrange os fenómenos de exclusão social e que tem como finalidade consciencializar a sociedade, auxiliar os indivíduos e promover a transformação social e, sendo a terceira idade uma das vertentes de intervenção destes técnicos, julgamos ser necessário também perceber qual o papel do educador social na promoção de representações sociais positivas sobre o envelhecimento e da velhice. Acreditamos que, através da compreensão das perceções das crianças em idade pré-escolar face ao envelhecimento e velhice e da percepção que os educadores sociais têm do seu papel perante esta problemática, podem ser desenvolvidas ações transformadoras que possibilitem converter os estereótipos, mitos e representações sociais existentes em visões mais realistas sobre esta fase da vida humana, contribuindo para que esta seja bem-sucedida (Carvalho & Baptista, 2004).

Os estereótipos e representações relacionados com o idoso são um obstáculo ao envelhecimento bem-sucedido, uma vez que contribuem para o desenvolvimento de perturbações e para a incapacidade de adaptação do idoso face às perdas que ocorrem, não lhe permitindo fazer uma gestão equilibrada entre perdas e ganhos (Berger & Mailloux-Poirier, 1995).

Compete ao Educador Social segundo Mateus (2012) a

criação de pontes entre o indivíduo, a família, as instituições e a sociedade em geral, em áreas que vão desde lares para a terceira idade, às escolas, prisões, hospitais e autarquias, ele desempenha o papel de um interlocutor privilegiado, apontando caminhos para a solução de problemas vividos e sentidos nos contextos em que intervém (p. 62).

Deste modo, o educador social em conjunto com os responsáveis pela educação das crianças deve intervir numa fase inicial do desenvolvimento da criança, com o intuito de a auxiliar na construção e criação de conhecimentos corretos acerca do envelhecimento e da velhice. Este deve transmitir conhecimentos e experiências, que permitam à criança construir representações positivas do envelhecimento e da velhice, permitindo o combate e a exclusão social do idoso.

2.2. Formulação, objetivos e questão de investigação

O principal ponto de partida para iniciar uma investigação centra-se na seleção do problema que o investigador pretende estudar. Deste modo, a elaboração de questões de investigação assume um papel primordial, uma vez que, auxiliam o investigador a construir uma visão global dos resultados que pretende alcançar através da sua investigação (Quivy & Campenhout, 2003).

Neste sentido procuramos definir com clareza o foco do nosso estudo formulando duas questões problemas, que nos orientaram nos propósitos da investigação a realizar:

1. *Quais as perceções das crianças em idade pré-escolar face ao envelhecimento e velhice?*
2. *Qual o papel do educador social na promoção de representações sociais positiva sobre o envelhecimento e velhice?*

Partindo destas questões formulamos os seguintes objetivos de investigação:

- i. Identificar as conceções das crianças em idade pré-escolar acerca do processo de envelhecimento e da velhice;
- ii. Perceber que representações e estereótipos sociais possuem as crianças sobre o envelhecimento e velhice;
- iii. Percecionar como as crianças em idade pré-escolar se imaginam no futuro enquanto velhos;
- iv. Identificar as perceções dos educadores sociais sobre o seu papel na construção de representações sociais positivas acerca do envelhecimento e velhice na sociedade.

Após a formulação das questões de investigação e dos objetivos apresentamos no ponto que se segue a natureza da investigação.

2.3. Natureza da investigação

O ato de investigar é caracterizado por um conjunto de procedimentos, que ocorrem de forma reflexiva e ordenada sendo necessário recorrer a um tratamento científico que possibilite ao investigador descobrir novos conhecimentos e noções (Morais, 2013; Alves, 2015).

Segundo Moraes (2013) a investigação apresenta-se como:

uma atitude e uma prática de permanente procura da verdade ou da realidade, um procedimento ou conjunto de procedimentos com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico para conhecer realidades ou descobrir verdades, um processo de construção do conhecimento, ou ainda, uma forma de validar ou refutar conhecimento existente (p. 2).

A investigação apresenta-se como prática que permite aos investigadores levantar questões acerca de conhecimentos que já existem, podendo julgar de forma positiva ou negativa as informações apresentadas (Alves, 2015).

Com o ato de investigar, o investigador procura sempre descobrir novos saberes que o auxiliem na resolução de problemas, sendo de considerar que na área de educação social a pesquisa recai sobre os fenómenos sociais considerados problemáticos. Assim, podem obter-se conhecimentos que auxiliem o educador social a intervir de forma eficaz, ou seja, segundo um conhecimento obtido teoricamente que, *à posteriori*, é convertido para a prática segundo a realidade que se presencia, o que muitas vezes contribui para uma intervenção ajustada à realidade e promotora de transformação social (Alves, 2015).

A presente investigação tem como finalidade auxiliar a intervenção dos educadores sociais a nível instrumental, ou seja, orientando-os para a intervenção ao nível das práticas socioeducativas. Tendo em consideração, que as investigações de cariz qualitativo permitem clarificar fenómenos socioeducativos, este método foi considerado o mais apropriado, uma vez que, permite perceber as perceções que os participantes do estudo têm em relação ao processo de envelhecimento e velhice, bem como relativamente ao papel que os educadores sociais consideram que desempenham na promoção de uma representação social positiva do envelhecimento e da velhice (Carvalho & Baptista, 2004).

2.4. A metodologia qualitativa como opção

A investigação qualitativa de acordo com Resende (2016) apresenta-se como uma metodologia de investigação social que foca o seu estudo na forma como os indivíduos compreendem e dão sentido às experiências que adquirem da sua interação com o mundo exterior em que se inserem.

Tendo em consideração as questões e os objetivos de investigação que nós propusemos alcançar, consideramos que a metodologia mais apropriada é a qualitativa de carácter descritivo, uma vez que, este tipo de metodologia reúne as características essenciais para a operacionalização dos dados recolhidos acerca das perceções das crianças em idade pré-escolar face ao envelhecimento e à velhice e, o papel do educador social na promoção de representações sociais positivas sobre o envelhecimento.

Deste modo, o estudo procura orientar-se de acordo com as características da investigação qualitativa propostas por Bogdan e Biklen (1994) consideradas como essenciais para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa:

- i. a investigação deve ser realizada num ambiente natural em que a interação direta entre o investigador e os participantes é privilegiada;
- ii. a investigação qualitativa apresenta sempre um carácter descritivo;
- iii. o investigador é o elemento mais importante na recolha de dados devendo dar especial importância ao processo em vez do produto;
- iv. a realização da análise dos dados deve ser indutiva;
- v. a atribuição de significado é essencial para a abordagem qualitativa.

O estudo qualitativo permite ao investigador durante o desenvolvimento da sua investigação enfatizar os dados obtidos, bem como, interpretá-los de forma indutiva permitindo assim a sua análise (Pires, 2005).

A metodologia qualitativa engloba fatores culturais, contextuais e temporais apresentando-se como facilitadora na compreensão de fenómenos sociais, pois permite a obtenção de dados descritivos mais pecuniosos (Pires, 2005).

No que se refere à investigação, esta foi realizada num contexto específico e concreto o que nos remete para a realização de uma pesquisa de campo, dado que, as informações recolhidas ocorreram em contexto real (Ketele & Roegiers, 1998).

2.5. Instrumento de recolha- entrevista e desenho livre

A escolha do instrumento de recolha de dados apresenta-se como um passo importante para a investigação, pois é a partir deste que se conseguem adquirir informações relevantes e responder aos objetivos propostos, o que permite a realização de uma análise e a sua interpretação, fases determinante para o trabalho de investigação (Quivy & Campenhoudt, 2003).

De acordo com Resende (2016) as entrevistas são o instrumento que mais contribui para a obtenção de dados enriquecedores no desenvolvimento de investigações qualitativas, pois possibilitam ao investigador compreender como os participantes observam determinada realidade ou pensam sobre ela.

Deste modo, no que concerne à presente investigação um dos instrumentos que se considerou ser o mais adequado foi o inquérito por entrevista dirigida aos educadores sociais e crianças, dado que, a entrevista permite ao investigador estar em contacto com os indivíduos que participaram no estudo, bem como verificar todo o contexto envolvente (Ketele & Roegiers, 1998).

As entrevistas podem ser assim subdivididas em livres, estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas, permitindo ao investigador construir um leque variado de questões que considere necessárias e importantes para o estudo (Marconi & Lakatos, 2003; Mateus, 2008).

Neste trabalho de investigação foi utilizada a entrevista semiestruturada, orientada através de guiões de entrevista organizados segundo um conjunto de temas, objetivos e questões que foram organizadas e validadas por dois especialistas, com a finalidade de obter dados e informações que respondessem aos objetivos traçados pelo estudo (anexo E e F).

Como investigadora, antes da realização da entrevista às crianças consideramos aspetos e procedimentos que se adequassem às especificidades e características deste tipo de participantes, pois só assim, poderíamos estabelecer uma conversa enriquecedora e de afetividade. Tivemos em atenção aspetos como o espaço onde se iria realizar a entrevista, optando pela escolha de um espaço acolhedor e seguro que propiciasse às crianças uma maior desinibição, conforto e à-vontade para responder às questões da entrevista (Pires, 2013).

Outro aspeto que tivemos em consideração foram as questões éticas necessárias para a realização de entrevistas às crianças. Solicitamos previamente autorização à instituição, aos pais das crianças e às próprias crianças.

Consideramos as técnicas e metodologias que iríamos utilizar, adequando-as ao público, pois só assim, poderíamos obter os dados que pretendíamos com o estudo. Além do referido, tivemos algum cuidado com a sua linguagem adequando-a à idade e às capacidades que o grupo de crianças participantes apresentava (Pires, 2013).

Assim, desenvolvemos os seguintes procedimentos: (i) solicitamos o pedido para a realização da investigação à instituição; (ii) esclarecemos as crianças acerca da forma como se iriam processar as entrevistas; (iii) solicitamos a sua participação na entrevista, bem como a autorização para a realização e gravação da mesma; (iv) estabelecemos uma conversa criativa com a criança, promovendo a sua participação ativa e questionando-a acerca da forma como gostaria que se realizasse a entrevista e (v) estimulamos o pensamento da criança e a sua reflexão acerca do tema que iria ser abordado (Pires, 2013).

Além da entrevista semiestruturada foi ainda utilizado o desenho livre, uma vez que, de acordo com Lopes e Park (2007),

o desenho é considerado um modo singular de expressão de conteúdos pessoais e sociais. Demonstra-se útil para a coleta de dados sobre a representação social da criança devido ao seu potencial de revelar indícios tanto das informações de que esta dispõe acerca do objeto social que representa, quanto de seu posicionamento diante do mesmo (p. 143).

Deste modo, no que se refere à investigação solicitou-se, após a realização das entrevistas, a elaboração de um desenho livre representativo da pessoa idosa tendo em consideração alguns temas que foram abordados ao longo da mesma (características físicas, atividades realizadas e relações afetivas que estabelecem com os idosos).

Souza Filho (1993, citado por Lopes e Park, 2007) refere que o desenho enquanto instrumento de investigação deve ser acompanhado de verbalizações, tendo em consideração o aferido, a realização do desenho ocorreu após a implementação das entrevistas, funcionando como um complemento aos dados obtidos. A explicação sobre as questões éticas da recolha de dados encontra-se no ponto 2.7.

No ponto que se segue, será apresentado o processo de construção e de aplicação da entrevista semiestruturada e do desenho livre às crianças e da entrevista semiestruturada aos educadores sociais.

2.5.1. O guião da entrevista semiestruturada – o processo de construção e de aplicação

A utilização de um guião de entrevista semiestruturada revelou-se bastante importante, já que, permitiu ao entrevistador colocar questões para esclarecer os objetivos, bem como aos entrevistados exporem os seus pensamentos e representações acerca da temática em análise.

As questões orientadoras do guião da entrevista foram construídas em concordância com os objetivos predefinidos em cada temática e foram sustentados no enquadramento teórico que compõem este trabalho de investigação.

Neste trabalho existiu a necessidade de construir dois guiões de entrevista, numa primeira fase, procedeu-se à estruturação de um primeiro guião de entrevista semiestruturada dirigido às crianças em educação pré-escolar e, num segundo momento, realizou-se a construção de um guião dirigido aos educadores sociais.

O primeiro guião a ser elaborado foi o das crianças devido à complexidade, pois exigiu um maior cuidado na elaboração das questões que se iriam colocar, tentando sempre elaborá-las em concordância com a idade e desenvolvimento das crianças do jardim de infância em que se aplicou.

Após a realização do guião dirigido às crianças este foi analisado por duas especialistas com o intuito de verificar a sua adequação, tendo sido necessário efetuar algumas alterações, nomeadamente, mudar algumas questões de temas e objetivos (anexo E).

Seguidamente procedemos à solicitação do pedido de autorização para a realização do estudo às crianças de educação pré-escolar de um jardim de infância de Bragança do qual tivemos aprovação no dia oito de fevereiro de dois mil e dezoito (anexo F).

Aprovado o pedido de autorização para a realização das entrevistas realizamos uma primeira visita à instituição, onde tivemos oportunidade de conhecer as crianças, o espaço onde as entrevistas se iriam realizar, as educadoras e todo o contexto envolvente.

De seguida, agendamos a realização das entrevistas com o intuito de verificar a disponibilidade do jardim de infância e, para que fosse possível aos encarregados de educação entregarem o termo de consentimento para a realização das mesmas, permitindo a participação dos seus educandos no estudo (anexo B).

Relativamente à realização das entrevistas, estas ocorreram no dia vinte e três de maio de dois mil e dezoito, com uma duração de trinta minutos, os dois primeiros grupos e, quarenta e cinco minutos, o terceiro grupo. Além do referido pediu-se a todas as crianças participantes no estudo que assinassem antes da realização das entrevistas, o consentimento de livre participação no estudo e a autorização para que as suas vozes fossem gravadas em formato áudio (anexo C).

Para que fosse possível uma entrevista enriquecedora, optou-se pela implementação da entrevista em pequenos grupos no sentido de possibilitar às crianças uma maior abertura e desinibição para a realização das mesmas, uma vez que, se encontravam junto dos seus colegas e ainda tinham a oportunidade de trocar ideias e debater as questões colocadas pelo entrevistador, possibilitando uma melhor recolha de informação.

Esta técnica permitiu que a recolha de dados fosse mais dinâmica, criativa e ativa o que contribuiu para a desinibição dos participantes, permitindo uma recolha de dados enriquecedora num reduzido período de tempo.

No que se refere à constituição dos grupos, foram constituídos três grupos de crianças, para que fosse possível a participação e a coordenação de todos os elementos. O primeiro e o segundo grupos eram constituídos cada um por seis crianças de quatro anos de idade e o terceiro por nove crianças de cinco anos de idade.

As entrevistas realizaram-se numa sala de apoio do jardim de infância com a finalidade de evitar qualquer tipo de influência de elementos distratores. Foi disponibilizado um período de tempo às crianças para que estas pudessem pensar, refletir e expressar abertamente as suas opiniões acerca das questões colocadas.

É ainda relevante salientar que, no dia a seguir à realização das entrevistas dirigidas às crianças se procedeu ao desenvolvimento de uma pequena atividade que tinha como principal finalidade obter informações complementares às obtidas nas entrevistas. A atividade em questão passava essencialmente pela realização de um desenho livre representativo de uma pessoa idosa, segundo um conjunto de temas que foram abordados nas entrevistas (anexo H). Porém devido à falta de comparecência de alguns dos vinte e um participantes apenas foram realizados dezoito desenhos.

Esta pequena atividade permitiu, ainda que as crianças refletissem um pouco acerca de algumas questões relativas ao envelhecimento e velhice.

Após a realização das entrevistas dirigidas às crianças, procedeu-se ao desenvolvimento de um segundo guião de entrevistas dirigido aos educadores sociais que tinha como finalidade perceber qual o papel do educador social na promoção de representações positivas sobre o envelhecimento.

Depois de elaborado a primeira versão do guião de entrevista, esta foi também analisada por duas especialistas com o intuito de verificar a adequação das perguntas elaboradas aos educadores sociais. Desta análise resultaram algumas alterações, nomeadamente, a necessidade de mudar algumas questões de temas e objetivos, com o intuito de tornar o guião mais completo, com vista a alcançar os objetivos da investigação.

Após a realização das alterações e, quando obtivemos o guião alterado das entrevistas, demos início à realização das mesmas.

A seleção dos educadores sociais para o estudo foi realizada por convivência e disponibilidade, tendo em consideração a sua situação profissional, pois tinham que se encontrar a trabalhar com crianças

As entrevistas foram realizadas a três educadores sociais do sexo feminino, entre o período de 25 a 27 de Junho de 2018, com uma duração de 30 minutos cada. Estas foram previamente agendadas com o intuito de verificar a disponibilidade dos respetivos educadores sociais para a realização das mesmas. No momento da entrevista foi pedido aos educadores sociais que assinassem um consentimento informado que lhes permitissem participar no estudo (Anexo D).

No que se refere ao contexto onde se desenvolveram as entrevistas, duas realizaram-se no Instituto Politécnico de Bragança, na sala de estudo disponível para os alunos e uma na Biblioteca Municipal de Mirandela.

Seguidamente será apresentada a caracterização dos participantes que participaram no estudo.

2.6. Caracterização dos participantes do estudo - seleção e procedimentos utilizados

A realização de um trabalho de investigação tem como finalidade a recolha de informações e dados, acerca da população que se pretende analisar ao longo do estudo, com o intuito de produzir conclusões (Hill & Hill, 2005).

Numa investigação de natureza qualitativa, como a que apresenta este estudo, procede-se à seleção dos participantes, seleciona-se um conjunto de indivíduos de um grupo, com o objetivo de analisar as suas conceções sobre o tema em estudo (Fortin, 2009).

Numa primeira fase, procedeu-se à seleção de um caso concreto que permitisse analisar as representações sociais que as crianças da educação pré-escolar têm do envelhecimento e da velhice, tendo sido selecionado para o estudo em questão um jardim de infância.

A escolha da instituição para a realização do estudo seguiu alguns critérios delimitados previamente pela investigadora, sendo esses a inserção geográfica no concelho de Bragança, a disponibilidade da instituição para aceitar a realização do estudo e a existência de crianças de educação pré-escolar. Deste modo, de entre a grande diversidade de instituições dirigidas às crianças existentes no concelho de Bragança selecionamos um jardim de infância localizado na cidade de Bragança que correspondesse aos critérios definidos.

As crianças participantes no estudo foram selecionadas intencionalmente pelo investigador, de acordo com as finalidades que este pretendia alcançar com a investigação, tendo tidas em consideração apreciações acerca dos conhecimentos que as crianças possuíam acerca do envelhecimento e da velhice.

Após a seleção dos participantes e em conjunto com as educadoras consideramos apropriada a divisão das crianças em grupos homogéneos, com a finalidade de se desenvolver uma entrevista e desenho livre mais enriquecedor e, permitindo às crianças uma maior desinibição, conforto e troca de ideias.

Os participantes, numa primeira fase do estudo, eram vinte crianças, dez com 4 anos de idade, cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino e dez com 5 anos de idade, cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Porém, aquando da realização das entrevistas surgiram alguns imprevistos devido à ausência de algumas crianças. Assim, os participantes do estudo foram vinte e uma crianças, doze com quatro anos de idade, seis do sexo feminino e seis do sexo masculino e, nove de cinco anos de idade, três do sexo masculino e seis do sexo feminino como pode ser verificado na tabela n. º1 apresentada a seguir.

Relativamente à codificação utilizada consideramos apropriada a utilização de siglas representativas das crianças do sexo feminino (CF) e do sexo masculino (CM), por sua vez, para distinguir os participantes procedeu-se a codificação através da associação de algarismo às siglas [CF (1), CF (2), CF (3), CM (4); CM (5) ...].

Tabela 3 Caracterização das crianças participantes no estudo

Caracterização das crianças participantes no estudo		
Participantes (P)	Sexo	Idade (anos)
CF (4)	Feminino	4
CF (5)	Feminino	4
CF (6)	Feminino	4
CF (10)	Feminino	4
CF (11)	Feminino	4
CF (12)	Feminino	4
CF (13)	Feminino	5
CF (15)	Feminino	5
CF (17)	Feminino	5
CF (19)	Feminino	5
CF (20)	Feminino	5
CF (21)	Feminino	5
CM (1)	Masculino	4
CM (2)	Masculino	4
CM (3)	Masculino	4
CM (7)	Masculino	4
CM (8)	Masculino	4
CM (9)	Masculino	4
CM (14)	Masculino	5
CM (16)	Masculino	5
CM (18)	Masculino	5

Numa segunda fase, procedeu-se à seleção de três educadores sociais, com a finalidade de recolher as suas perceções sobre o papel que o educador social desempenha na promoção de uma representação social positiva do envelhecimento.

A seleção foi realizada por convivência, tendo em conta a disponibilidade para participar no estudo e a situação profissional, que garantisse uma proximidade aos grupos em estudo (crianças e idosos) e localização geográfica. Deste modo os educadores sociais participantes no estudo encontravam-se a trabalhar e a desenvolver a sua atividade profissional com crianças em idade pré-escolar, onde efectuavam um conjunto de atividades que abrangiam também a interação entre crianças e idosos. Para garantir a anonimato das participantes utilizou-se a codificação (ES), por sua vez, para distinguir os participantes procedeu-se a codificação através da junção de um algarismo às siglas [ES (1), ES (2), ES (3)].

A ES (1) encontrava-se a trabalhar numa Instituição Particular de Solidariedade Social situada no concelho de Bragança, que integrava a valência de jardim de infância e as ES (2) e ES (3) desenvolviam a sua ação em Instituições Particulares de Solidariedade Social situadas no concelho de Mirandela, com valência de jardins de infância. Na tabela n.º 4 sintetizam-se os dados relativos às participantes.

Tabela 4 Caracterização dos educadores sociais

Participante (P)	Sexo	Instituição
ES (1)	Feminino	IPSS – Com Jardim de Infância
ES (2)	Feminino	IPSS – Com Jardim de Infância
ES (3)	Feminino	IPSS – Com Jardim de Infância

Tendo em consideração a caracterização realizada acerca dos elementos que compõem os participantes do estudo, julgo crucial referir as questões éticas da recolha de dados utilizada.

2.7. Questões éticas da recolha de dados

O presente trabalho de investigação procura assegurar os princípios éticos da investigação com pessoas, respeitando-os e salvaguardando todas as informações pessoais dos participantes.

Deste modo, numa fase inicial procedeu-se ao estabelecimento dos procedimentos de autorização formais necessários para o desenvolvimento do estudo na instituição, tendo-se informado todos os colaboradores acerca dos objetivos da investigação e da contribuição do estudo para a área de educação social.

Após a respetiva autorização da instituição, todas os encarregados de educação e as crianças foram informados e clarificados quanto ao estudo e às suas finalidades académicas, sendo assegurada a confidencialidade do processo e anonimato. Assim, efetuou-se um pedido de autorização dirigido aos encarregados de educação das crianças, antecipadamente à entrevista e, no momento da entrevista, também as crianças assinaram um pedido de livre participação no estudo, tendo sido entregue um exemplar aos pais e ao investigador, o mesmo se verificou aquando da realização das entrevistas dirigidas aos educadores sociais.

Por sua vez, aquando da realização das entrevistas e desenho livre foram explicados todos os procedimentos que se iriam desenvolver e o papel dos participantes, nesta fase, o investigador tentou gerar alguma dinâmica que lhe permitisse gerar confiança, honestidade e compromisso com os participantes para responderem às questões colocadas, explicando-lhes que estes eram livres de sair da entrevista.

Tendo em consideração que as entrevistas realizadas às crianças foram realizadas em grupo, o investigador pediu às crianças que respeitassem a opinião dos colegas e a sua vez de falar. Antes de se iniciar as gravações das entrevistas, informaram-se todos os participantes, crianças e educadores sociais, se tinham compreendido a importância do estudo e o seu papel

nele, seguindo-se a assinatura do pedido de colaboração voluntária no estudo e de autorização para a gravação dos dados em formato áudio.

Deste modo, foram respeitadas todas as responsabilidades representativas da investigação educacional, dos participantes e colaboradores e foi garantido todo o anonimato e confidencialidade.

O procedimento de recolha de dados não compôs qualquer tipo de riscos para as crianças que participaram no estudo, bem como para os respetivos educadores sociais.

2.8. Tratamento da informação – análise de conteúdo

Para se proceder a análise dos dados obtidos através da entrevista e dos desenhos livres realizados pelas crianças em educação pré-escolar, bem como das entrevistas realizadas aos educadores sociais (Anexo G, H e I) procedeu-se à análise de conteúdo. A escolha da técnica selecionada apresentou-se como a mais adequada para a análise dos dados, uma vez que, possibilita uma fácil interpretação e tratamento dos dados de forma estruturada e coerente, seguindo uma lógica de aprofundamento das informações obtidas (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Segundo Silva e Pinto (2009), a técnica de análise de conteúdo “permite a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifestado na comunicação” (p. 103). Desta forma, a análise de conteúdo baseia-se na interpretação dos diversos discursos, possibilita a atribuição de um significado a uma categoria, o que só é possível através da interligação que a descrição, ou seja, os atributos que são mencionados no texto e a interpretação que estabelecem (Carmo & Ferreira, 1998).

Os dados obtidos através das entrevistas foram interpretados de forma qualitativa e estruturados através da criação de categorias e subcategorias, da divisão do material em concordância com as categorias e subcategorias e, por último, a interpretação das suas subjetividades.

Para que fosse possível realizar a análise de conteúdo executou-se, numa fase inicial, uma pré-análise, ou seja, a leitura flutuante das entrevistas.

Numa segunda fase procedeu-se à exploração do material, realizou-se a codificação da unidade de registo onde todos os elementos, com características semelhantes, foram agrupados possibilitando assim a sua categorização.

A codificação e categorização, numa fase inicial, foi interpretativa sendo que *à posteriori* esta foi efetuada de forma minuciosa analisando a exaustividade e exclusividade dos dados.

Conforme se referiu anteriormente, as respostas às questões obtidas através das entrevistas originaram a formação de categorias e subcategorias, explicitadas através das unidades de registo. As unidades de registo apresentam-se como proposições de cariz

afirmativo, compostas por um predicado relacionado à pessoa ou situação que as produziu, o que ressalta e necessidade de estas se encontrarem contextualizadas e reagrupadas analogamente em categorias e subcategorias (Pires, 2005).

No que se refere à codificação das categorias foram utilizadas as letras alfabéticas (A, B, C, D...), já nas subcategorias procedeu-se à codificação através da implementação de um número às letras das categorias correspondentes (A1, A2, B1, B2, C1, C2...).

Relativamente às entrevistas dirigidas às crianças, surgiram as seguintes categorias e subcategorias, A. *Conceito de velhice* composto pela subcategoria A1. *Ser velho*. A categoria B corresponde ao *Processo de envelhecimento*, da qual fazem parte as subcategorias B1. *Processo de envelhecimento contínuo* e B2. *Processo de envelhecimento diferenciado*. Já a categoria C. refere-se às *Representações associadas ao envelhecimento e à velhice*, a qual correspondem as subcategorias C1. *Representação positiva do envelhecimento e velhice*, C2. *Representação negativa do envelhecimento e velhice* e C3. *Representação neutra do envelhecimento e velhice*. Por último, surge a categoria D. *Representação das crianças sobre a sua futura velhice*, composta pelas subcategorias D1. *Aceitação da velhice* e D2. *Negação da velhice*.

No que se refere às entrevistas dirigidas aos educadores sociais surgiram as seguintes categorias e subcategorias, categoria A. *Papel do Educador Social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento*, composta pela subcategoria A1. *Educar as representações acerca do envelhecimento e velhice*; A2. *Alterar as perceções sobre o envelhecimento e velhice* e A3. *Consciencialização do processo contínuo de envelhecimento*. Seguindo-se a categoria B *Etapa de vida para trabalhar as representações sociais*, composta pela subcategoria B1. *Etapa de vida*. Por último, segue-se a categoria C. *Papel do educador social na desconstrução das representações sociais e dos estereótipos*, composta pelas subcategorias C1. *Intervenção Socioeducativa* e C2. *Metodologias de Intervenção*. A categorização efetuada encontra-se disponível no anexo J e L da grelha de análise de conteúdo das crianças e dos educadores sociais.

3. Apresentação e análise dos dados

Nas fases que se seguem apresentam-se os dados recolhidos através das entrevistas aos participantes no estudo, crianças e educadores sociais e os desenhos seguindo-se a sua análise e discussão. Numa primeira fase, irão ser apresentados e analisados os dados obtidos nas entrevistas e nos desenhos das crianças. Seguidamente, serão apresentados e analisados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos educadores sociais e, por último, será elaborada a discussão dos dados obtidos em todos os instrumentos.

A análise das respostas obtidas através das entrevistas foi elaborada a partir das categorias, subcategorias e unidades de registo que se estabeleceram a partir dos procedimentos anteriormente descritos. No que se refere à interpretação das informações recolhidas, foi realizada uma reflexão acerca dos dados obtidos em relação à literatura existente e apresentada no enquadramento teórico, relativo à temática das representações e estereótipos sociais na velhice e envelhecimento.

Assim, em seguida para facilitar a análise e discussão dos resultados serão apresentados alguns excertos das respostas e os desenhos dos participantes, estando esses disponíveis nos anexos G, H e I.

3.1. Apresentação e análise dos dados das entrevistas e dos desenhos das crianças

Neste ponto serão apresentados, discutidos e analisados todos os dados obtidos através das entrevistas e desenhos realizados pelas crianças que participaram no estudo.

A importância do estudo das representações sociais das crianças, em relação aos idosos, surge pelo facto de as primeiras atitudes que a criança apresenta em reação a este e outros grupos começarem a ser formadas, inicialmente, durante o período de infância das crianças. Contudo, de acordo com Luchesi, Dupas e Pavarini (2012) nesta fase do ciclo vital do ser humano, as representações podem ainda ser alteradas através de uma intervenção que auxilie a criança na construção de representações e atitudes positivas face ao envelhecimento e à velhice, desconstruindo os estereótipos negativos característicos do processo de envelhecimento.

Deste modo, numa fase inicial torna-se importante perceber as representações que as crianças têm em relação ao que significa ser velho, análise que será efetuada seguidamente através da categoria A. Conceito de velhice e subcategoria A1. Ser velho.

3.1.1. Análise da categoria A: *Conceito de velhice*

Na categoria A: *Conceito de velhice*, evidencia-se o significado da velhice para as crianças, bem como se identificam as pessoas idosas que elas conhecem. Além do referido, pretendíamos ainda que a criança caracterize o que é para si uma pessoa idosa.

Subcategoria A1: *Ser velho*

No âmbito da subcategoria *Ser velho* verificamos que num primeiro momento as crianças definem uma pessoa velha através das suas características físicas, referindo a existência de rugas, a perda de vitalidade muscular, os cabelos brancos e os sinais vermelhos, tal como se pode verificar através dos discursos produzidos.

“Ser velho é quando as caras ficam muito velhinhas” (CM1).

“Ser velhinho é quando nós vamos ser magros e mais magros até nós envelhecermos” (CM2).

“Para mim só ficamos velhos quando temos muitas rugas na cara” (CM3).

“Para mim ser velho é ter rugas na cara” (CF5).

“Ser velho é ter muitas rugas, sinais vermelhos e unhas grandes” (CF13).

“Ser velhote acontece quando as pessoas ficam com o cabelo branco” (CF19).

“Os velhinhos só são velhinhos quando têm o cabelo branco, mas alguns pintam” (CF21).

Este aspeto é saliente no estudo de Ribeiro (2007) que considera que, a velhice pode assim ser definida de acordo com um conjunto de aspetos que se verificam ao nível físico, psicológico e social. É de ressaltar, portanto, que as crianças já possuem conhecimento de que a velhice é caracterizada por um conjunto de alterações que ocorrem a diversos níveis, na pele através das rugas, no cabelo que fica branco e, na estrutura muscular do indivíduo que perde parte da sua massa muscular ficando magro.

Também nos desenhos realizados pelas crianças se podem observar que as suas representações assumem as características físicas desta fase do ciclo vital do ser humano tais como: os seus cabelos de brancos, as rugas na testa e o uso de óculos visível nos desenhos do CF4 e CF6.



Figura 1 Representação de uma pessoa idosa (CF4)

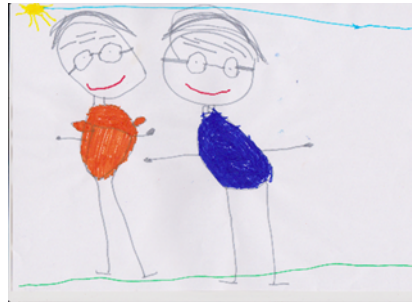


Figura 2 Representação de uma pessoa idosa (CF6)

Os desenhos demonstram ainda uma expressão feliz nos idosos, observável através do seu sorriso, o que nos remete para a existência de um estado emocional positivo nesta fase caracterizada como velhice.

De uma forma geral, verificou-se que os participantes caracterizam as pessoas idosas, essencialmente através das características físicas associadas à face e ao cabelo do indivíduo, ressaltando o aspeto enrugado da sua pele e a cor branca dos seus cabelos.

Esta representação enquadra-se na perspetiva apresentada no estudo de Lopes e Park (2007), que refere que as crianças quando caracterizam uma pessoa idosa destacam essencialmente características físicas, tais como pele enrugada e seca, cabelo, barba e sobrancelhas esbranquiçadas.

As mesmas representações foram identificadas no estudo de Sousa et al. (2010) que salienta que as crianças utilizam aspetos físicos visíveis através das caras dos indivíduos para os caracterizar segundo o critério idade. O critério idade apresenta-se, assim, como o atributo social de que as crianças têm maior consciência, pois desde muito cedo que as crianças pequenas conseguem utilizar os atributos físicos do ser humano para designar a sua idade.

Neste seguimento, verificou-se ainda que o *ser velho* é associado também por muitas crianças aos seus avós que, por sua vez, eram as pessoas que conheciam e que para si representavam o conceito de velhice, tal como pode ser verificado seguidamente.

“Para mim ser velho é como o meu avô, mas ele já morreu” (CM7).

“O meu avô para mim é uma pessoa velhota” (CM8).

“Para mim um ser velho é a minha avó, ela tem muitas rugas e não vê” (CF11).

“Para mim um velho é igual à minha avó” (CF12).

“A minha bisavó é para mim uma pessoa muito velhinha” (CM14).

“Os meus avós são pessoas velhas, mas eles ainda não são velhos, velhos, velhos” (CF17).

Verificou-se que as crianças, na maioria das vezes, quando pensam no conceito de velhice, pensam nos seus avós, uma vez que, eles são para si a imagem mais próxima que têm de uma pessoa idosa, tal como pode ser verificado através dos desenhos do CF17 e CM18.



Figura 3 Conceito de velhice baseado nos avós (CF17)



Figura 4 Conceito de velhice baseado nos avós (CM18)

No desenho do CF17 podemos verificar que existe um idoso e uma criança a apanhar cerejas num ambiente de proximidade, harmonia e felicidade. Já no desenho do CM18 podemos observar dois idosos a passear com uma criança mais nova, demonstrando assim, um clima de proximidade, companheirismo e felicidade entre os idosos e a criança mais jovem, para a realização dos desenhos as crianças inspiraram-se nas suas vivências de proximidade.

De acordo com o estudo de Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) o conceito de velhice varia de acordo com a idade do entrevistado e as suas experiências de vida. Deste modo, é referido que as crianças até aos 14 anos de idade associam o conceito de velhice a “ter avós que podem contar histórias” (p. 9).

Também no estudo de Lopes e Park (2007) se refere que as crianças quando interrogadas acerca do que é uma pessoa idosa referem os seus avós. Os avós são, assim, de acordo com o que se verificou nas narrativas dos participantes, a representação mais concreta que possuem de uma pessoa idosa.

No que se refere ao conceito de velhice determinado pela subcategoria “*Ser velho*”, podemos concluir que as crianças em idade pré-escolar apresentam uma noção acerca do que é ser velho, caracterizando uma pessoa idosa através dos atributos físicos que consideram ser mais visíveis neste público, tendo como referência para essa caracterização os seus avós que são as pessoas idosos mais próximas de si.

3.1.2. Análise da Categoria B: *Processo de envelhecimento*

Na categoria B: *Processo de envelhecimento* pretende-se perceber como acontece o processo de envelhecimento segundo a perspetiva das próprias crianças, bem como perceber se estas consideram que o processo de envelhecimento afeta diferenciadamente cada ser humano.

Subcategoria B1: *Processo de envelhecimento contínuo*

No âmbito da subcategoria *Processo de envelhecimento contínuo* podemos contatar que as crianças têm consciência que as pessoas vão envelhecendo com o passar dos anos, ou seja, com o passar do seu tempo de vida elas acabaram por atingir a velhice, o que pode ser visível através das narrativas que se seguem.

“As pessoas vão envelhecendo porque já comeram muito, muito e chegou o tempo de elas serem velhas” (CM1).

“As pessoas envelhecem porque chega uma altura em que temos todos que ficar velhos” (CF4).

“As pessoas ficam velhas porque com o tempo vão ficando velhos e mais velhos” (CF6).

As crianças apresentam conhecimento que com o passar do tempo todos os indivíduos ficarão velhos, apresentando-se o envelhecimento como um processo contínuo que ocorre desde a sua conceção até à morte.

Percebe-se ainda, pelas narrativas das crianças, que elas sabem que existe uma fase de crescimento e desenvolvimento humano dos indivíduos, que ocorre ao longo do seu ciclo vital, e que *à posteriori* resulta no seu envelhecimento.

“As pessoas envelhecem porque crescem mais e mais como os avós, eles vão ficando mais velhos e nós também” (CM16).

“As pessoas vão envelhecendo como nós que vamos crescendo e crescendo e depois vamos ficar velhinbos” (CF17).

Através dos resultados apresentados, verifica-se que as crianças têm consciência de que o envelhecimento é um processo de crescimento contínuo e que implica a passagem de tempo, até a pessoa atingir a última fase do seu ciclo vital caracterizada como velhice.

Esta evidência aparece também no estudo de Lopes e Park (2007) cujos dados salientam que as crianças sabem que envelhecer implica a passagem de anos, apresentando-se como um processo natural de todos os seres humanos. As crianças têm, portanto, a noção de que elas próprias um dia serão velhas, mas que antes de atingirem essa fase terão que realizar outras metas como arranjar um emprego, casar, ter filhos até atingir, por fim, a reforma. Nas narrativas que se seguem podemos verificar a consciência que as crianças têm de que um dia também serão velhas.

“Quando for velho vou ser pai e quando crescer, crescer vou ser velhinbo” (CM9).

“Quando eu for velha e crescer vou ser mamã e quando passarem muitos anos vou ficar velhinba” (CF11).

“Nós também vamos ficar velhos como as outras pessoas, quando passarem muitos anos” (CF13).

“As pessoas ficam velhas como vai acontecer comigo, eu tenho cinco anos vou passar para os seis e vou fazendo muitos anos, depois cresço e fico mais pequena e fico velhinha” (CF15).

“Sim nós vamos ser velhos um dia quando tivermos muitos anos agora ainda somos novinhos” (CM18).

“Sim nós um dia seremos velhos, mas, primeiro ainda vão ser os nossos pais” (CF21).

Por outro lado, é ainda observado nos discursos das crianças o seu desejo de se construir uma família e, só depois poder envelhecer.

Outro dos aspetos que confirma a consciência das crianças acerca da continuidade do desenvolvimento e crescimento do ser humano surge quando estes referem que os seus pais também vão envelhecer, porém, têm consciência que estes não são, ainda velhos.

“Os meus pais não são velhos, ainda são novinhos” (CM2).

“Não os meus pais não são velhos, o meu pai não tem rugas e a minha mãe só tem uma na testa” (CF6).

“Os meus pais só vão ficar velhos daqui a muitos anos” (CM9).

“Os meus pais ainda são novinhos, mas vão ficar velhinhos” (CM14).

“Sim, os meus pais vão ficar velhinhos daqui a alguns anos” (CF17).

“Sim, os meus pais vão ser velhos quando tiverem muitos anos” (CF19).

As narrativas apresentadas demonstram que as crianças sabem que os seus pais estão a envelhecer, pois já apresentam sinais de envelhecimento como é referido pelo CF6, porém ainda não atingiram a velhice.

Esta evidência surge também no estudo de Sousa et al. (2010), em que as crianças quando questionadas sobre se os seus pais eram velhos responderam quase na totalidade que não, porém, tinham consciência que um dia mais tarde ficariam velhos.

No que se refere ao envelhecimento, enquanto processo contínuo, podemos observar que as crianças têm noção que com a passagem do tempo as pessoas envelhecem, pois existe uma fase de crescimento e desenvolvimento humano que culmina na velhice. Além disso, as crianças demonstram ainda saber que um dia elas e os seus pais serão idosos, já que o envelhecimento é um processo contínuo e universal.

Subcategoria B2: *Processo de envelhecimento diferenciado*

No âmbito da subcategoria *Processo de envelhecimento diferenciado* observamos que, no geral, todas as crianças têm a noção que os idosos não são iguais, porque apesar de haver um conjunto de características comuns, como a existência de rugas, a pele mais flácida, mais manchas e a

diminuição da visão, o processo de envelhecimento não se realiza da mesma forma em todos os idosos. As crianças, deste estudo, parecem ter consciência disso, conforme se revela nos discursos que se seguem.

“Os velhinbos não são iguais, alguns têm dificuldades de respiração e depois tem que ir ao médico por uma máscara de respiração” (CM2).

“Os velhos são diferentes, alguns estão no hospital porque já não conseguem andar” (CF5).

“Os velhinbos são diferentes, alguns têm de usar cadeira de rodas porque já não conseguem andar” (CF6).

“Os velhos são diferentes, por exemplo o meu avô tem cabelos brancos e curtos outros velhos não têm” (CM8).

Estas afirmações enquadram-se nas conclusões assumidas por Lopes (2010) e Neves (2012) que reconhecem que o processo de envelhecimento, apesar de abranger todos os indivíduos, pode afetar cada um de forma diferente, bem como ser experienciado de diversas formas, pois o indivíduo pode passar por alterações biológicas, psicológicas e sociais, mas não ocorrerem da mesma forma que noutros.

Ao longo das narrativas são apontados diversos aspetos que, segundo as crianças, distinguem os idosos, sendo de destacar os diferentes aspetos físicos, as necessidades que cada um tem, as suas dificuldades e limitações. Os discursos das crianças evidenciam que os idosos são todos diferentes, uma vez que em novos também nunca foram iguais.

“Os velhos não são iguais, olhem para os nossos cabelos, nós não vamos ser iguais porque eu tenho o cabelo diferente dela” (CF15).

“Somos todos diferentes, por isso, quando formos velhinbos também vamos ser” (CM16).

“Os velhos são diferentes como nós, podemos ter todos os cabelos brancos quando formos velhos, mas não somos iguais” (CM18).

“Os velhos são diferentes porque olhem nós agora não temos a cara igual por isso quando formos velhos não vamos ser iguais” (CF20).

“Nós não somos iguais em novinhos por isso em velhinbos também não vão ser” (CF21).

Esta evidência aparece também no estudo realizado por Lopes e Park (2007), cujos dados salientam que as crianças têm noção da heterogeneidade dos idosos, apesar de existirem aspetos semelhantes na caracterização de uma pessoa velha, as crianças têm consciência que existem outros aspetos que são diferenciadores.

Podemos referir através da análise desta subcategoria que as crianças sabem que os idosos são diferentes, já que, em novos também o eram. Deste modo, as crianças têm

consciência que todas as pessoas são diferentes durante todo o seu ciclo vital, visto que apresentam características físicas, necessidades, limitações e dificuldades distintas uns dos outros.

3.1.3. Análise da Categoria C: Representações associadas ao envelhecimento e à velhice

Na categoria C: *Representações associadas ao envelhecimento e à velhice* pretende-se perceber que tipo de representações possuem as crianças sobre o processo de envelhecimento e velhice.

De acordo com Vala e Monteiro, (2013) as representações sociais correspondem a informação que circula na sociedade à qual o indivíduo sente a necessidade de atribuir um significado, porque só assim poderá compreender esse fenómeno. Deste modo, sendo as crianças parte integrante de uma sociedade e, enquanto membros de um grupo social, importa conhecer as suas concepções no sentido de educar para a criação ou reestruturação das representações acerca da pessoa idosa.

Subcategoria C1: *Representação positiva da velhice e envelhecimento*

No âmbito da subcategoria *Representação positiva da velhice e envelhecimento* verificamos, ao longo dos discursos, que as crianças se referiram positivamente à pessoa idosa. Num primeiro momento, verificou-se que um pequeno grupo de crianças referiu com base na sua experiência de vida e convívio com os seus avós, que estes mantinham algum cuidado em relação à sua aparência física, cuidando do seu aspeto físico e forma de vestir.

“As avós ainda se compõem” (CM14).

“A minha avó é uma velhinha bonita e vaidosa, usa brincos grandes, usa vestido e pinta as unhas” (CF15).

“A minha avó é bonita e veste umas saias azuis, rosa e umas camisolas as flores” (CM16).

“A minha avó tem o cabelo loiro, mas ainda o pinta de amarelo” (CF17).

É evidente que as pessoas idosas com quem estas crianças contactam parecem ter cuidados consigo e serem ainda autónomas e joviais. Esta característica dos idosos revela uma imagem positiva que as crianças possuem. Esta perspetiva contraria a imagem característica da pessoa idosa como descuidada e feia (Lopes, 2010).

Os discursos demonstram ainda que as crianças que mantêm uma relação de proximidade com os seus avós, têm uma imagem positiva do envelhecimento e da velhice. As crianças consideram os idosos pessoas afáveis, com quem gostam de passar tempo e desenvolver atividades.

“Para mim uma pessoa idosa é uma pessoa adorável, muito minha amiga” (CF13).

Também, através do desenho realizado pelo CF5 podemos verificar a cumplicidade existente entre as crianças e a sua avó. A figura ilustra uma criança com a sua avó cheia de corações de diversas cores, apresentando-se esta uma imagem colorida, alegre e positiva acerca das interações que mantêm.



Figura 5 Representação positiva do envelhecimento e velhice (CF5)

No que se refere à participação no crescimento dos netos, podemos ver pelas narrativas, que as crianças passam um tempo considerável com os seus avós e que desenvolvem atividades em conjunto tal como referido anteriormente.

“Eu gosto muito da minha avó porque ela faz-me canjinha e o meu avô brinca comigo às lutas” (CM2).

“Eu gosto muito de passar tempo com a minha avó porque ela dá-me brinquedos” (CF10).

“Eu gosto de meu avô porque ele brinca comigo, está sempre escondido e diz que não me deixa passar e eu passo pelo meio das pernas dele, ele está sempre a brincar” (CF15).

“Eu gosto muito do meu avô porque ele leva-me a passear para o monte e fazemos muitas coisas juntos” (CM18).

“Eu gosto de passar tempo com a minha avó porque ela ensina-me a fazer a ginástica dela” (CF19).

Esta relação entre gerações contribui para a construção de representações positivas acerca do processo de envelhecimento e da velhice, dado que as crianças participantes no estudo referem passar um tempo considerável a desenvolver atividades prazerosas com os seus avós.

Mazutti e Scortegagna, (2006) referem no seu estudo que o convívio que as crianças estabelecem com os seus avós, ocorre cada vez mais, pois as crianças, na atualidade, possuem

a oportunidade de conhecer e interagir com os seus avós devido ao aumento da esperança média de vida, algo que antigamente não se verificava.

No que se refere aos desenhos, podemos verificar que alguns participantes se ilustraram a realizar atividades com os seus avós. No desenho da CF10, podemos visualizar uma avó a passear com o seu cão e os seus dois netos pequenos, o que faz evidenciar a convivência entre avós e netos no quotidiano.



Figura 6 Representação positiva do envelhecimento e velhice (CF10)



Figura 7 Representação positiva do envelhecimento e velhice (CF13)

Já no desenho do CF13 observa-se a criança a apanhar cerejas com os seus dois avós, evidenciando, novamente, a partilha de momentos prazerosos e de realização de tarefas em conjunto.

No que se refere à realização de atividades por parte dos idosos podemos, através das transcrições, verificar que as crianças CM1, CF5, CF6, CM7, CF13, CF17, CF20 e CF21 veem o idoso com uma pessoa ativa e que, após a entrada no seu período de reforma, continua a desenvolver atividades.

“A minha avó dá de comer aos animais” (CM1).

“O meu avô anda de trator” (CF5).

“A minha avó e avô regam as plantas” (CF6).

“O meu avô trabalha nos carros, vai buscar quando estão estragados” (CM7).

“O meu avô trabalha muito nos ramos e corta-se e ainda continua a trabalhar, ele não descansa” (CF13).

“Já vi muitos velhos na ginástica, a minha avó vai à ginástica” (CF17).

“O meu avô vai à pesca e a minha avó fica em casa a fazer o almoço e o jantar” (CF20).

“A minha avó e avô trabalham no café a ajudar os papás” (CF21).

Podemos referir com base nos discursos das crianças, que as atividades que os seus avós realizam são tarefas domésticas e agrícolas.

Esta evidência de acordo com Lopes e Park (2007) deve-se ao facto de a comunidade onde estas se encontram inseridas serem eminentemente rurais e, quase todos desenvolverem este tipo de atividades, o que transmite uma representação positiva e ativa da pessoa idosa quase até ao fim da sua vida.

Nas imagens positivas referidas, pelos participantes no estudo, destacam-se os cuidados que o idoso tem com a sua aparência física e vestuário, a sua gentileza, a proximidade dos familiares, a relação estabelecida entre avós e netos no desenvolvimento de atividades em conjunto e a sua disponibilidade para a realização de atividades prazerosas, nomeadamente domésticas e agrícolas.

Também no estudo de Ribeiro (2007) e Lopes (2010) que refere as representações positivas associadas ao envelhecimento e velhice, destacando aspetos como a gentileza do idoso, a sua tranquilidade no dia a dia, a sabedoria de que estes são detentores, um maior tempo para a convivência com familiares e amigos, a boa disposição, a participação no crescimento dos netos, um maior tempo livre para a realização de outras atividades e a transmissão de tradições antigas.

Subcategoria C2: *Representação negativa do envelhecimento e velhice*

No âmbito da subcategoria *Representação negativa sobre o envelhecimento e a velhice* podemos observar que as crianças participantes no estudo também atribuem algumas representações negativas à pessoa idosa. Os discursos que as crianças possuem evidenciam representações negativas da pessoa idosa relacionadas com os problemas biológicos que se observam durante a velhice.

“Alguns velhinbos têm que usar cadeiras de rodas” (CF6).

“Alguns velhotes também têm que usar óculos para ver” (CM7).

“Alguns velhinbos têm que usar bengalas, porque já não andam muito bem” (CM9).

Os desenhos elaborados pelas crianças CM2, CM9, CF12 e CF15 também demonstram que as crianças representam os idosos usando óculos e bengalas colocando rugas, mas sempre com um ar simpático.



Figura 10 Idoso de óculos (CM2)



Figura 11 Idosa de bengala (CM9)



Figura 9 Idosa de bengala (CF12)



Figura 8 Idosos de bengala e óculos (CF15)

Esta evidência aparece também no estudo de Dias e Miguel (2012), em que as crianças quando desenhavam uma pessoa idosa utilizavam os seguintes utensílios/acessórios: óculos, bengalas e andarilhos.

A utilização destes utensílios de apoio remete-nos para as incapacidades ou dificuldades que os idosos sentem na realização de algumas tarefas, sendo este o resultado da perda de algumas funcionalidades características da velhice.

Os discursos das crianças participantes no estudo demonstram que estas têm consciência de que o processo de envelhecimento resulta em alterações no idoso, que se verificam a diversos níveis.

“Alguns velhinbos ainda têm dentes, outros não” (CF20).

“Alguns velhotes já não conseguem andar” (CF21).

“Alguns velhinbos têm dificuldades de respiração e depois têm que ir para o médico pôr uma máscara de respiração” (CM2).

Estas afirmações enquadram-se nas concepções assumidas por Schneider e Irigaray, (2008) que referem o envelhecimento como um período negativo, pois o idoso desenvolve diversos problemas biológicos, psicológicos e sociais.

As alterações, que ocorrem aos diversos níveis no idoso durante a velhice, resultam na sua incapacidade para realizar tarefas ou atividades que eram habitualmente realizadas por si, resultando assim na sua dependência. Desta forma, os idosos necessitam do apoio de alguns

familiares, ou de técnicos especializados que os auxiliem na realização de algumas atividades de vida diária que já não consegue realizar (Costa, 1998; Ribeiro, 2007).

Ao longo dos discursos das crianças verifica-se que estas consideram que existe dependência por parte de alguns idosos, em idade avançada, para realizar as suas tarefas habituais.

“A minha mãe trata dos velhinhos, limpa o rabo porque eles já não conseguem” (CM1).

“Alguns velhinhos precisam da ajuda das senhoras para fazerem coisas” (CM16).

“Os velhinhos vão para o lar (...) porque já são muito velhinhos e lá cuidam deles para não morrerem” (CF20).

“Os velhinhos vão para o lar, as senhoras que estão no lar cuidam deles como se fossem bebés, porque eles não conseguem andar nem tomar banho” (CF21).

As crianças, participantes neste estudo, demonstram ter consciência que a velhice pode resultar na dependência ou na incapacidade de alguns idosos para a realização de algumas atividades.

Esta evidência surge também no estudo de Ribeiro (2007), em que a velhice resulta na incapacidade da realização de atividades anteriormente realizadas pelo indivíduo, o que culmina na perda da sua autonomia, tornando-o assim um pouco dependente da ajuda dos outros.

Os discursos das crianças revelam ainda que esta fase do ciclo do ser humano pode estar interligada ao aparecimento de doenças, o que conduz à caracterização do idoso como pessoa doente.

“As pessoas tornam-se velhas porque têm doenças” (CM7).

“Alguns velhinhos, quando chegam a velhinhos são doentes” (CF11).

“Os meus avós falam muitas vezes que estão doentes” (CF15).

Estas afirmações enquadram-se nas referidas por Fontaine (2000) em que a velhice pode ser percebida como patológica quando remete para o surgimento de doenças durante esta fase do ciclo vital do indivíduo.

Tendo em consideração que a velhice se apresenta como a última fase do ciclo vital do indivíduo, considera-se que existe uma relação de proximidade dos idosos com a morte, pois o ciclo vital do ser humano termina com o óbito do indivíduo (Fontaine, 2000).

As crianças, participantes no estudo, introduzem, no decorrer dos seus discursos, o conceito de morte, sendo perceptível que estas têm consciência que a última fase do ciclo vital do ser humano termina com a morte, conforme se pode aferir pelos seguintes discursos:

“Quando ficamos velhos morremos” (CF10).

“Eu imagino-me quando eu for velha e crescer vou ser mamã e quando passarem muitos anos vou ficar velhinha e vou morrer” (CF12)

“Eu imagino-me no futuro como uma pessoa velha, mas, estava ao pé de Jesus” (CF20).

Outro dos aspetos que representam negativamente a pessoa idosa é o seu local de habitação, de acordo com o estudo de Rodrigues (2014), na maioria das vezes, a população envelhecida encontra-se inserida nas respostas sociais existentes para idosos.

No que se refere ao local de habitação, podemos observar que algumas crianças referiram que os idosos *“vivem em casas grandes com mais velhinhos”*, sendo que alguns sabiam mesmo qual a denominação dada a esses espaços. Porém, um reduzido número de participantes referiu que os idosos viviam nas próprias casas, com familiares ou em hospitais.

“Os velhinhos vivem num sítio chamado casa dos velhos” (CM2).

“Os velhinhos moram em casas grandes com duas camas e mais velhinho” (CF11).

“Os velhinhos podem morar num lar” (CF13).

Constatamos assim, que as crianças têm conhecimento que os idosos podem viver em diversos lugares, sendo que destacam os lares de idosos como principal local de habitação de muitos deles. Talvez esta realidade seja percecionada devido ao distrito onde se desenvolveu o estudo, pois em Bragança a institucionalização de idosos é muito frequente.

No que se refere à perceção que as crianças têm do que os outros dizem acerca das pessoas idosas, estas salientam que as pessoas dizem coisas más, sendo que só um pequeno número de elementos referiu que diziam coisas agradáveis ou não sabiam.

“As pessoas quando falam dos velhos dizem coisas que os outros não gostam” (CM1).

“Algumas pessoas quando falam dos velhinhos dizem olha está ali um velho e depois eles ficam zangados, porque ninguém gosta de ouvir chamar velho a ninguém” (CM2).

“As outras pessoas quando falam dos velhinhos dizem coisas más” (CF19).

As crianças participantes no estudo consideram que as pessoas quando se referem a população envelhecida, na maioria das vezes, referem coisas desagradáveis.

As afirmações evidenciadas nesta subcategoria enquadram-se nas conceções assumidas no estudo de Ribeiro (2007) e Lopes (2010), que reconhecem que as representações negativas sobre os idosos ressaltam essencialmente do facto de estes serem pessoas solitárias, tristes, doentes, dependentes, que gostam de se isolar e inseguras perante o futuro. Estas apresentam

ainda algumas incapacidades, aspetos físicos característicos desta faixa etária, desinteresse com a sua aparência e receio da morte.

Através dos discursos das crianças, podemos assim constatar que estas têm consciência que o processo de envelhecimento resulta em alterações no idoso, que se verificam aos diversos níveis. Deste modo, podemos constatar que as crianças apresentam algumas representações negativas acerca da velhice assentes nas necessidades que os idosos revelam, na dependência relativamente a utilização de utensílios de apoio, no aparecimento de doenças, na morte, no local de habitação dos idosos e sobre o que os outros dizem sobre eles.

Subcategoria C3: Representações neutras do envelhecimento e velhice

No âmbito da subcategoria *Representações neutras do envelhecimento e da velhice* verificamos que estas crianças revelam reduzidas representações neutras, conforme se pode aferir pelos seguintes discursos.

“As pessoas ficam idosas porque já passaram anos e anos” (CM9).

“As pessoas ficam velhotas porque já passaram muitos anos” (CF12).

A representação neutra mais evidente foi o facto de as crianças considerarem que as pessoas envelhecem devido à passagem dos anos, tal como é evidenciado no estudo realizado por Ribeiro (2007) e Lopes (2010), em que as representações neutras se referem ao envelhecimento e velhice como uma fase natural do ciclo vital do indivíduo caracterizada pelos seus anos e pelo sentimento de velhice.

As crianças, participantes no estudo, manifestaram poucos discursos neutros relativamente ao envelhecimento e à velhice, sendo de destacar apenas a passagem dos anos, ou seja, o processo de envelhecimento como natural de todo o ser humano e gradativo.

3.1.4. Análise da Categoria D: Representação das crianças sobre a sua futura velhice

Na categoria D: *Representação das crianças sobre a sua futura velhice* evidenciam-se os discursos que permitem perceber como as crianças se imaginam no futuro, enquanto pessoa idosa, bem como perceber se existe uma aceitação ou negação da própria velhice e/ou receio de envelhecer.

Subcategoria D1: Aceitação da velhice

No âmbito da subcategoria *Aceitação da velhice* podemos observar que as crianças, participantes no estudo, se imaginam na sua velhice como pessoas ativas, através da realização de tarefas de que gostam, conforme se pode verificar pelos seguintes discursos.

“Eu quando for velhinho gostava de ser agricultor e vivia no sítio dos agricultores” (CM2).

“Eu quando for velhinha gostava de fazer massagens aos outros e vivia sozinha (CF4).

Através das narrativas das crianças podemos verificar que estas, no seu futuro e como pessoas idosas, se imaginam a morar sozinhas, o que nos remete para a ideia de autonomia.

Contudo, as crianças participantes no estudo apresentam reduzidas perspetivas positivas enquanto futuros idosos.

Subcategoria D2: *Negação da velhice*

No que se refere à subcategoria *Negação da velhice* por parte das crianças, podemos verificar que algumas crianças se imaginam, segundo um conjunto de características que são consideradas por muitos autores como sendo uma representação negativa da velhice, apresentando assim, por sua vez, uma perceção negativa da própria velhice (Ribeiro, 2007).

“Quando for velhinho imagino-me com umas peúgas quentinhas e a andar devagarinho” (CM8).

“Quando for velhinho terei o cabelo todo branquinho” (CM16)

“Quando for velhinha vou ter muitas rugas na cara” (CF17).

“Eu quando for velho vou ser careca e ter uma voz fraquinha” (CM18).

Tendo em consideração os discursos apresentados podemos verificar que as crianças se descrevem, enquanto futuras pessoas idosas, a partir das características físicas que observam nos idosos que lhe são próximos.

No entanto, foi também visível que algumas das crianças entrevistadas sentiam alguma dificuldade em imaginar-se enquanto pessoas idosas no futuro, sendo ainda visível em algumas a negação e a incapacidade de aceitar esta última fase da vida do ser humano, algo que pode ser visível através das narrativas que se seguem.

“Não sei como vou ser velho no futuro, não me consigo imaginar” (CM7).

“Eu nunca vou ser velhota” (CF10).

“Eu também não me consigo imaginar no futuro como velho” (CM14).

“Não me consigo imaginar nem um bocadinho como sendo velha no futuro, nem quero!” (CF19).

Além das dificuldades evidentes em alguns participantes em imaginarem-se no futuro enquanto pessoas idosas, as crianças CM1 e CF10 sentiram dificuldade em aceitar que um dia seriam idosos.

“Não quero ser velhinho” (CM1).

“Nunca vou ser velhota” (CF10).

As crianças imaginam-se como futuros idosos segundo um conjunto de representações negativas sendo que, algumas apresentaram alguma dificuldade em imaginar-se ou em aceitar que um dia serão velhas.

Em síntese

Podemos referir que da análise das entrevistas e dos desenhos das crianças sobressaem alguns aspetos essenciais. As crianças da educação pré-escolar apresentam ter noção do que é ser velho. Estas caracterizam a pessoa idosa através dos atributos físicos que consideram ser mais visíveis de acordo com os seus avós, que são a sua figura de referência.

O processo de envelhecimento contínuo, de acordo com as crianças, refere-se à passagem do tempo, pois existe uma fase de crescimento e desenvolvimento humano que resulta na velhice de todos os indivíduos tal como irá acontecer com elas.

No que se refere ao processo de envelhecimento diferenciado observou-se que as crianças sabem que os idosos são diferentes, pois em novos também não apresentavam as mesmas características físicas, necessidades, limitações e dificuldades que os outros indivíduos.

Relativamente às representações positivas do envelhecimento e da velhice, as crianças destacaram o cuidado que o idoso tem com a sua aparência física e vestuário, a sua gentileza, a proximidade dos familiares (avós e netos) e o desenvolvimento de atividades prazerosas.

Nas representações negativas do envelhecimento e da velhice, as crianças apresentaram algumas representações negativas relativamente às necessidades dos idosos, à dependência de utensílios, às doenças, à morte, ao local de habitação e, relativamente, ao que os outros dizem sobre eles.

Já nas representações neutras do envelhecimento e da velhice, as crianças definem a velhice como sendo a passagem dos anos.

As crianças participantes no estudo apresentaram reduzidas representações positivas enquanto futuros idosos, destacando apenas, que gostariam de ser ativos, apresentando locais onde gostariam de morar.

Por fim, as crianças representam-se futuramente segundo um conjunto de representações negativas sentindo dificuldades em imaginar-se ou em aceitar a própria velhice.

3.2. Apresentação e análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos educadores sociais

Neste ponto serão apresentados, discutidos e analisados os dados obtidos através das entrevistas realizadas aos educadores sociais que trabalham com crianças.

O educador social apresenta-se como um profissional promotor e defensor do ser humano desempenhando um papel preponderante junto dos indivíduos com que trabalha, pois a sua atuação deve auxiliar na sua integração social. O profissional de educação social orienta a sua prática de intervenção através da área da educação e do trabalho social com a finalidade de desenvolver metodologias eficazes no combate de situações de discriminação e exclusão social (Mateus, 2012).

Neste enquadramento, sobre a população idosa, alvo de atitudes discriminatórias e representações sociais negativas, torna-se importante perceber a relevância que estes profissionais consideram existir no trabalho sobre as representações acerca do envelhecimento e da velhice (Carvalho & Baptista, 2004).

Deste modo, importa perceber, o papel que o educador social poderá desempenhar na reconstrução de representações sociais positivas sobre o envelhecimento e velhice.

No que se refere às entrevistas dirigidas aos educadores sociais surgiram as seguintes categorias e subcategorias que iremos apresentar e analisar de seguida, categoria A. *Papel do Educador Social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento*, composta pela subcategoria A1. *Educar as representações acerca do envelhecimento e velhice*; A2. *Alterar as perceções sobre o envelhecimento e velhice* e A3. *Consciencialização do processo contínuo de envelhecimento*. Seguindo-se a categoria B *Etapa de vida para trabalhar as representações sociais*, composta pela subcategoria B1. *Etapa de vida*. Por último, segue-se a categoria C. *Papel do educador social na desconstrução das representações sociais e dos estereótipos*, composta pelas subcategorias C1. *Intervenção Socioeducativa* e C2. *Metodologias de Intervenção*.

3.2.1. Categoria A: *Papel do educador social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento*

Na categoria A: *Papel do educador social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento* obtiveram-se discursos que permitem perceber o papel que o educador social desempenha na reconstrução de representações sobre o envelhecimento, detalhando a sua perceção sobre a importância de desenvolver ações que permitam desconstruir as representações sociais acerca da velhice e envelhecimento.

Subcategoria A1: *Educar as representações acerca do envelhecimento e velhice*

No âmbito da subcategoria *Educar as representações acerca do envelhecimento e velhice* verificamos que os educadores sociais participantes no estudo consideram bastante vantajoso trabalhar as representações sobre o envelhecimento e velhice, uma vez que, consideram que,

atualmente o idoso ainda é considerado pela sociedade como dispensável, conforme se pode aferir pelos seguintes discursos.

“Vai ser sempre vantajoso que toda uma sociedade olhe para esta população de uma forma diferente. Até porque atualmente é considerado que os idosos depois de uma certa idade estão ali apenas à espera da morte. Deste modo, considero que é essencial cultivar uma perceção diferente, de que eles continuam a viver e podem continuar a desenvolver imensas coisas e atividades” (ES1).

“Vejo todas as vantagens na alteração desta perceção. Em pleno Século XXI ainda existe a ideia de que o idoso é um “estorvo”, é alguém que está ali sentado, que passa o dia sem fazer nada e que apenas recebe a sua reforme ao final de cada mês! Mas como sabemos isso não é verdade” (ES2).

As afirmações evidenciadas enquadram-se nas conceções assumidas no estudo de Lopes (2010), que observaram representações que referem a velhice como uma doença incurável e irremissível, em que o idoso é qualificado como dependente, inativo, fraco, improdutivo e inútil, devido às perdas físicas, psicológicas e sociais características do processo de envelhecimento que resultam na deterioração das suas capacidades.

Deste modo, os educadores sociais, participantes no estudo, consideram que existem diversas vantagens em trabalhar as representações sociais sobre o envelhecimento e velhice, uma vez que o idoso, na atualidade, ainda é considerado pela sociedade como um “estorvo”, uma vez que, nesta fase da vida, apenas se encontram à espera da morte.

Outro aspeto observado nos discursos dos educadores sociais foi a necessidade de cultivar uma imagem ativa do idoso, pois apesar de estes serem idosos ainda possuem diversas capacidades para desenvolverem atividades.

Esta evidência surge também no estudo de Almeida (2014) que refere que a sociedade atual tem trabalhado no sentido de transformar as representações negativas face a este período do ciclo vital do ser humano. Tal facto, deve-se aos avanços médicos que permitem que o indivíduo, cada vez mais, envelheça com qualidade de vida, mantendo-se se ativo socialmente e desenvolvendo atividades prazerosas.

Os educadores sociais que participaram no estudo consideram ser necessário e vantajoso alterar as representações negativas em relação à pessoa idosa, pois apesar de esta já ter alguma idade e limitações características do processo de envelhecimento, ainda pode desenvolver diversas atividades.

Subcategoria A2: Alterar as perceções sobre o envelhecimento e velhice

Na subcategoria *Alterar as perceções sobre o envelhecimento e velhice* podemos observar através dos discursos apresentados que é importante combater as atitudes preconceituosas e negativas

de que a população idosa é alvo apresentando-se a educação sobre o envelhecimento como uma resposta necessária à alteração dessas representações.

“Julgo que as percepções que existem em relação às pessoas idosas deveriam ser sempre alteradas com base numa educação acerca da velhice e do envelhecimento, ou seja, se nos não educarmos para que as pessoas tenham uma visão diferente nunca vamos conseguir alterar o que é considerado como normal para essas pessoas” (ES1).

“Educar é sempre importante em todos os aspetos, educar para o envelhecimento ainda mais, porque o envelhecimento é um estágio pelo qual todos nós esperamos um dia passar. É importante educarmos os mais novos para que percebam, para que compreendam, para que valorizem e, acima de tudo, para que respeitem os mais velhos” (ES3).

Os educadores sociais consideram que a educação é uma das ferramentas que podem utilizar para alterar as representações negativas sobre o envelhecimento e a velhice, pois só através da educação se podem formar indivíduos que compreendam e percebam o envelhecimento promovendo uma visão positiva desta fase do ciclo vital do ser humano.

Esta evidência surge também no estudo desenvolvido por Luchesi, Pavarini e Viana (2012) em que se observou que as atitudes que os indivíduos têm em relação ao envelhecimento e à velhice ocorrem devido aos processos de aprendizagem formais, informais ou não formais que podem influenciar positivamente ou negativamente a percepção que a criança possui da pessoa idosa. De acordo com o estudo mencionado anteriormente, os autores observaram que quando a criança convive com idosos que possuem alterações cognitivas estas podem desenvolver atitudes negativas em relação à população envelhecida. Deste modo, a aprendizagem, sobre o processo de envelhecimento e velhice, apresenta-se como uma forma de trabalho na construção de representações positivas face a este período da vida do ser humano.

É ainda referido pelos educadores sociais que, através da educação, poderiam ser desconstruídas as diferenças que existem entre os indivíduos e promovida a aceitação positiva a nível pessoal e social, como é observado na narrativa que se segue.

“Através da educação teríamos crianças e jovens mais informados e preparados para aceitar as diferenças que existem na nossa sociedade” (ES2).

Porém, de acordo com ES1 o que se verifica é que a educação, na maioria das vezes, não é utilizada no combate e desconstrução de ideias e representações negativas face a esta fase final do ciclo vital do ser humano, quer de forma formal nas instituições, quer de forma não formal pelos pais, avós e amigos, conforme revela o discurso.

“Muitas das vezes ela não é tida em conta, ou seja, ela acontece naturalmente quando as crianças convivem com os seus avós e lidam com os próprios pais à medida que estes vão envelhecendo. Mas o que se verifica é que este tipo de educação mais familiar não é uma educação efetiva que ensine e explique as crianças que o envelhecimento vai ser assim, não tu agora és pequeno e depois vais ser grande. Não existe aquela percepção de que se é pequeno, depois grande e, posteriormente, irá ficar velho. Assim, interpreto que a educação sobre o envelhecimento não se verifica até porque as crianças têm uma ideia má de quem é mais velho” (ES1).

Os educadores sociais participantes no estudo consideram que apesar de a educação quer ao nível formal, informal ou não formal falhar, no que se refere à temática do envelhecimento, salientam que esta se apresenta como uma metodologia que auxilia no combate aos estereótipos e representações negativas que existem acerca da pessoa idosa, conforme se pode verificar nos seguintes discursos.

“Eu penso que a educação se apresenta como uma metodologia que auxilia na prevenção e reeducação das representações que existem em relação aos idosos dependendo obviamente da população com que se trabalha e se existe uma abertura ou não para a desconstrução e alteração das ideias que as pessoas têm acerca da pessoa idosa e da velhice” (ES1).

“A educação é a base da mudança! Se educarmos as nossas crianças e jovens a não estereotipar e a não generalizar as situações elas acabam por não acontecer” (ES2).

A educação é considerada pelos educadores sociais como uma metodologia que pode auxiliar na prevenção e esbatimento das representações negativas sobre o processo de envelhecimento e a velhice.

Esta interpretação consubstancia o referido por Carvalho e Baptista (2004) quando salientam que, a intervenção com base na educação, desenvolvida pelo educador social combate o agravamento de fenómenos de exclusão social, apresentando-se como uma ferramenta no combate e controlo de situações de pré-rutura ou rutura social de que é exemplo a população envelhecida.

A educação é considerada pelos participantes no estudo como uma forma de intervenção no combate as representações negativas associadas ao processo de envelhecimento e velhice. Por sua vez, a educação possibilita a compreensão do processo de envelhecimento e contribui para o respeito da pessoa idosa.

Subcategoria A3: Consciencialização do processo contínuo de envelhecimento

Dos discursos emerge a subcategoria *Consciencialização do processo contínuo de envelhecimento* onde é assumido pelos participantes a necessidade de consciencializar os indivíduos sobre o

envelhecimento, como processo contínuo que resulta no envelhecimento de todos os indivíduos, conforme se pode observar no discurso apresentado a seguir:

“Através da educação poderíamos alterar esta imagem negativa e consciencializar a população de que todos um dia ficaremos velhos. Talvez desta forma, consigamos melhorar e possibilitar a construção de uma imagem positiva da velhice e envelhecimento, uma vez que, é importante que se faça alguma coisa para melhorar a visão que existe acerca dos mais idosos” (ES1).

Esta ideia reflete a conceção assumida por Carvalho e Baptista (2004) que consideram que é necessário que os indivíduos sejam educados no sentido de se prepararem para enfrentar de forma positiva situações difíceis como a futura velhice, o que pode ser realizado através da educação e reconstrução da representação pessoal do indivíduo e coletiva.

Os educadores sociais consideram que a educação, além de ajudar na reconstrução da representação social da pessoa idosa, possibilita ainda uma consciencialização de todos os indivíduos que constituem a sociedade para o facto de o processo de envelhecimento se apresentar como um processo contínuo que ocorre em todos os indivíduos, ou seja, um dia todos os indivíduos serão velhos.

3.2.2. Categoria B: Etapa de vida para trabalhar as representações sociais sobre o envelhecimento e velhice

No âmbito da categoria B: *Etapa de vida para trabalhar as representações sociais sobre o envelhecimento e velhice* foi identificado pelos entrevistados a etapa da vida do ser humano que, segundo os profissionais de educação social, se apresenta como a mais relevante para trabalhar as representações sociais sobre o envelhecimento e velhice.

Subcategoria B1: *Etapa de vida*

Na subcategoria *Etapa de vida*, os educadores sociais consideraram ser necessário iniciar uma intervenção acerca da temática do envelhecimento e velhice desde a infância, conforme se pode observar nos discursos que se seguem.

“Desde a infância! Se começarmos a trabalhar o combate ao preconceito e a estereotipização desde a infância, provavelmente, esses efeitos não se vão sentir na idade adulta” (ES2).

“Eu penso que a melhor etapa da vida para se trabalhar estas questões seria na infância, ou seja, com as crianças porque estas ainda estão a construir as suas percepções e ideias em relação a determinado assunto, porque nos jovens e adultos já existe uma ideia preconcebida e estabelecida em relação aos idosos, enquanto na infância, a criança ouve a opinião dos pais, dos outros e da educadora e pondera sobre qual será a percepção mais correta ou verdadeira acerca dos idosos” (ES3).

Os educadores sociais consideraram que as representações sobre o processo de envelhecimento e a velhice devem ser abordadas logo desde a infância, pois é nesta primeira fase do ciclo vital do ser humano que as crianças constroem as primeiras percepções acerca da realidade que observam.

Esta evidência é também observada no estudo Lopes e Park (2007), que revela que as representações sociais das crianças acerca de determinada realidade surgem desde a infância, pois a criança encontra-se desde que nasce inserida num mundo que se baseia num conjunto de representações.

Tendo em consideração que a presença e a influência das representações sociais está presente na vida da criança desde cedo, estas questões devem ser trabalhadas logo desde o início do ciclo vital do indivíduo, com o intuito de que este obtenha conhecimentos suficientes acerca de uma realidade. Pois, só assim, poderá contruir a sua própria representação e, posicionar-se em relação a uma temática. Este tipo de atitudes e representações sociais de que a criança é detentora, fará com que no futuro esta se consiga inserir num grupo social que compartilhe dos mesmos princípios e ideologias (Lopes & Park, 2007).

Neste âmbito, deve ser dada especial atenção ao núcleo familiar em que as crianças se encontram inseridas, já que, este pode influenciar as suas percepções de forma positiva ou negativa conforme é referido pelo ES3 na narrativa que se segue.

“A educação muitas das vezes no seio familiar implica também a construção das atitudes e percepções que a criança vai ter futuramente em relação aos mais idosos. Cabe assim ao educador também através das dinâmicas que estabelece com as crianças perceber um pouco o tipo de percepções que a criança construir segundo o que observa no seu seio familiar, trabalhando-as e desconstruindo algumas atitudes e ideias erradas e incorretas que a criança possa ter em relação aos mais velhos” (ES3).

Porém é ainda referido pelo ES1 que as temáticas, relacionadas ao processo de envelhecimento e velhice, deveriam também ser trabalhadas em outras faixas etárias como é visível na narrativa que se segue.

“Desde cedo, ou seja, nas crianças elas são o futuro, porém deve ser trabalhada em todos os indivíduos porque, por exemplo, se um profissional vai trabalhar com idosos não pode ter uma ideia preconceituosa e estereotipada em relação a este público, daí a necessidade de também ser necessário trabalhar esta questão das representações sociais em relação à velhice em diversos grupos sociais e em todas as faixas etárias” (ES1).

A evidência apresentada é também observada no estudo desenvolvido por Ribeiro, (2007) que aborda a necessidade de serem trabalhadas as representações sociais com

profissionais que trabalhem com idosos, através da formação, pois a imagem negativa que estes possuem em relação às pessoas idosas pode influenciar negativamente a sua intervenção.

Além dos cuidadores formais é referida ainda, a necessidade de prestar apoio aos cuidadores informais que se encontram com os idosos sendo que, muitas vezes esse apoio pode passar pela formação. A formação apresenta-se assim, como uma metodologia que auxilia os cuidadores a desconstruírem preconceitos e estereótipos acerca do processo de envelhecimento e da velhice como é observado no discurso do ES1 que se segue.

“Ao nível da formação pode ser transmitida essa representação mais positiva acerca do envelhecimento, ajudando os cuidadores dos idosos a perceber o motivo, por exemplo, da repetição da mesma ideia diversas vezes pelo idoso e explicando que existem acontecimentos que se verificam em alguns idosos e que são normais do envelhecimento, devido a perda de capacidades a diversos níveis” (ES1).

Deste modo, de acordo com o ES1 só através de uma educação e formação que englobe todas as faixas etárias é que se pode efetivamente desenvolver um trabalho eficaz em relação ao combate de representações sociais negativas e estereótipos.

“Desta forma, é necessário trabalhar as crianças porque estas são o futuro de uma sociedade, mas também trabalhar os restantes elementos que compõem a sociedade, pois essas pessoas é que educam as crianças e se não mudarmos e trabalharmos a sua mentalidade também não estaremos efetivamente a contribuir para a transmissão de uma imagem mais positiva da velhice aos mais novos” (ES1).

Os educadores sociais que participaram no estudo consideram que de facto se devem abordar e trabalhar as representações sociais acerca do envelhecimento e velhice desde que a criança é pequena, porém, esta deve englobar outras faixas etárias sendo dado especial destaque para os cuidadores formais e informais.

3.2.3. Categoria C: *Papel do educador social na desconstrução das representações sociais e dos estereótipos*

Na categoria C: *Papel do educador social na desconstrução das representações sociais e dos estereótipos* os discursos revelam as perceções que os educadores sociais têm da sua intervenção na desconstrução de representações e estereótipos sociais sobre o envelhecimento e a velhice, bem como o tipo de estratégias e metodologias que utilizam para combater a exclusão e discriminação social que existe em torno dos idosos.

A educação social apresenta-se, assim, como uma forma de intervenção que cruza o trabalho social e a educação. Deste modo, cabe ao educador social desempenhar as seguintes funções, prevenir e acompanhar a população desfavorecida, promover a inserção através de metodologias socioeducativas, desenvolver ou restaurar mecanismos de aprendizagem,

promover a integração através do conhecimento e desempenho dos direitos e deveres cívicos, desenvolver o estabelecimento de relações sociais que promovam a participação social e a aquisição de uma cultura civilizacional e auxiliar na reinserção no mundo laboral (Carvalho & Baptista, 2004).

Subcategoria C1: *Intervenção socioeducativa*

No âmbito da subcategoria *Intervenção socioeducativa* salientam-se as perceções que os educadores sociais entrevistados têm acerca da sua intervenção.

Os discursos dos educadores sociais participantes no estudo evidenciam que as crianças podem apresentar tanto uma visão negativa como positiva dos mais idosos dependendo da sua educação e da interação que estabelecem com este público.

“Considero que para as crianças a pessoa velha cheira mal porque utiliza uma fralda, porque faz chichi e fica a cheirar a urina, porque tem bigode, porque querem dar beijinhos, mas tem uma barba que pica, ou seja, é um bocadinho por aí que eu considero que as crianças pensam numa pessoa velha. É claro que esta imagem não é igual para todas as crianças, pois existem muitas crianças que crescem com os avós e, crescendo com os avós, e tendo este contacto acho que acaba também por crescer o respeito” (ES1).

“Eu acho que a imagem que as crianças têm da velhice depende muito da educação e das ideias que lhes são transmitidas em casa. De acordo com a minha experiência profissional, dos quais 6 anos foram a trabalhar com crianças e jovens, posso dizer que aquilo que as crianças pensam da velhice vem do contacto que estes têm com este público-alvo” (ES2).

“As crianças a imagem que tem do idoso é a do avó e avó, pois é a primeira figura representativa com quem estabelecem um contacto positivo através das relações de proximidade e carinho que os netos vão estabelecendo com os seus avós” (ES3).

Com base nas narrativas apresentadas podemos constatar que a maioria dos educadores sociais considera que as crianças possuem uma representação e imagem positiva dos idosos com base nas relações de afinidade que estabelecem com os mais velhos, sendo destacada a relação entre avós e netos.

Porém, é ainda referido pelo ES1 que as crianças possuem uma imagem negativa da população envelhecida baseada em aspetos físicos, como a barba e o seu cheiro, algo que precisa de ser trabalhado.

No que se refere à convivência entre os mais novos e velhos, foi também evidente no estudo desenvolvido por Carvalho e Baptista (2004) que a interação entre os diferentes grupos etários com a população mais envelhecida apresenta-se como uma metodologia favorecedora da integração social do idoso e no combate dos estereótipos relativamente à velhice, quer a

nível familiar, quer a nível institucional, apresentando-se a escola um dos elementos que devem necessariamente incluir a convivência entre gerações.

Desta forma, a educação ao nível formal, informal e não formal deve contribuir como uma resposta de intervenção que o educador social deve utilizar com a finalidade de promover a construção de uma imagem positiva acerca da velhice, combatendo as concepções que existem atualmente nas sociedades e que impedem os mais novos de encarar a sua futura velhice de forma positiva. Esta ideia fica expressa nos discursos dos seguintes educadores sociais que participaram no estudo.

“Então uma das formas de combater estas representações passa pela educação talvez numa população mais nova para que esta possa ter a noção de quem futuramente serão assim, educando os mais pequenos nós poderemos ter alguma capacidade para alterar as perceções erradas que existem sobre o envelhecimento” (ES1).

“Acho que ao estarmos a educar as nossas crianças e jovens iremos estar a trabalhar e formar futuros adultos e idosos mais positivos e respeitadores dos mais velhos. É assim, importante trabalhar algumas mentalidades preconceituosas e valores que algumas pessoas apresentam, pois nem sempre são verdadeiros, daí ser importante trabalhar e educar sobre a velhice e o envelhecimento” (ES3).

Esta evidência surge também no estudo de Carvalho e Baptista (2004), que refere que a educação social deve, através da sua intervenção com base na educação, redefinir as representações sociais negativas acerca dos idosos, demonstrando a importância e utilidade que estes podem representar ao nível social.

É ainda visível, ao longo das narrativas do ES2, que existe a necessidade de abordar a problemática do envelhecimento também de forma prática, ou seja, em campo através do contacto com a realidade como é referido na narrativa que se segue.

“Na minha opinião, para desconstruir esta ideia tão enraizada na sociedade temos de passar da teoria à prática! Não vale a pena estarmos com discursos bonitos e powerpoint’s floreados para mostrar às crianças que não vale a pena darem importância aos estereótipos. Temos de ir ao encontro da problemática” (ES2).

O ES2 considera ainda, que além da educação das crianças acerca da temática, devem ser elaboradas metodologias de intervenção práticas que possibilitem às crianças ter contacto e interagir com idosos, no sentido de construírem uma visão realista sobre o processo de envelhecimento e velhice.

No que se refere ao principal objetivo da educação sobre o envelhecimento, o ES3 considera que esta pretende que se promova sempre uma representação mais positiva acerca do envelhecimento bem como a sua compreensão.

“O principal objetivo da educação para o envelhecimento passa sempre pela construção de uma imagem mais positiva acerca do futuro envelhecimento que vai atingir todos os indivíduos. O que se pretende é que as crianças no futuro sejam capazes de compreender o seu envelhecimento e tenham consciência de que todos nós estamos gradualmente a envelhecer incluindo elas, apesar de ainda serem novas” (ES3).

De acordo Carvalho e Baptista (2004), os educadores sociais devem implementar medidas educativas de prevenção e inserção, promovendo a consciencialização social dos cidadãos acerca dos problemas que as sociedades contêm, sendo exemplo a problemática do envelhecimento.

Os educadores sociais participantes no estudo consideram que devem ser trabalhadas as representações negativas que as crianças possuem acerca da velhice, embora estas possam ser visíveis em maior ou menor grau, apresentando-se a educação e o contacto com a população envelhecida como uma forma a utilizar no combate às representações e estereótipos sociais acerca da velhice e envelhecimento.

Subcategoria C2: Metodologias de intervenção

No âmbito da subcategoria *Metodologias de intervenção* emergem os discursos sobre o tipo de metodologias de intervenção que os educadores sociais participantes no estudo consideram que deveriam ser utilizadas para abordar a temática das representações sobre o envelhecimento e velhice. O ES2 referiu que a problemática em questão deveria ser abordada de forma apelativa e dinâmica como se pode observar no discurso que se segue.

“Tento trabalhar esta problemática das representações e estereótipos relacionados a pessoa idosa através de uma forma apelativa e dinâmica, pois só assim se podem verificar mudanças” (ES1).

“A minha metodologia é a prática! É assim que eu acho que os “muros vão caindo” (ES2).

Esta evidência surge também no estudo de Mateus (2012) e Carvalho e Baptista (2004), em que o técnico de educação social se apresenta como um profissional que deve ser criativo, empreendedor, dinâmico, aberto e ter uma formação contínua e polivalente que lhe permita responder de forma adequada às problemáticas que vão surgindo.

Ao longo dos discursos dos educadores sociais pode também observar-se que estes afirmaram que desenvolvem um conjunto de metodologias que são dinâmicas e criativas, pois incluem a convivência entre crianças e idosos, bem como o desenvolvimento de atividades em conjunto.

“Tenho organizado já desde o início do ano letivo, um intercâmbio entre a escola e o lar de idoso onde são promovidas atividades, como por exemplo, nas épocas festivas. Desenvolvem atividades em conjunto com as crianças e idosos, desde fazer bolas em cartão para a árvore de natal em que alguns ajudam as crianças a

recortar dependendo da dificuldade de cada um deles. Tentando sempre ajustar as capacidades tanto das crianças como dos idosos e promovem o espírito de interajuda e de partilha” (ES3).

“As crianças pintavam desenhos para dar aos idosos, na altura do magusto assamos castanhas e fomos lanchar com eles, na páscoa fizemos uns ramos de flores com amêndoas entre outras atividades, e ficávamos entre uma hora a hora e meia a conviver com eles” (ES2).

“Outro exemplo é a construção dos ovos da páscoa, tento sempre desenvolver atividades em que tanto as crianças, como os idosos cooperem e possam realizar em conjunto” (ES3).

Através das transcrições referidas anteriormente, é ainda visível a relevância dada ao desenvolvimento de atividades relacionadas com épocas festivas em os educadores sociais aproveitam para desenvolver atividades relacionadas com esse período e para promover a interação entre as crianças e os idosos.

No discurso o ES3 refere que existe durante o desenvolvimento das atividades uma troca de experiências e conhecimentos entre a criança e o idoso, como pode ser observado no seguinte excerto.

“São ainda desenvolvidas atividades que possibilitem tanto as crianças como aos idosos falarem um pouco de cada um e da experiência de vida que têm, sendo que, por vezes, procedemos também, ao conto de tradições, histórias antigas e fábulas em que os idosos apresentam um contributo essencial (ES3).

Podemos constatar que o ES3, ao longo da sua intervenção tenta sempre promover a troca e partilha de conhecimentos antigos que o idoso possui, sendo exemplo as suas histórias antigas, a transmissão de tradições e fábulas.

Por sua vez, esta troca de experiências apresenta-se, segundo o profissional de educação social, como uma metodologia que promove tanto o desenvolvimento da criança como do idoso como se pode observar no discurso que se segue:

“Considero que é importante esta partilha até porque hoje em dia as crianças conhecem coisas diferentes e mais modernas que podem, também, ensinar aos idosos, promovendo assim uma troca de conhecimentos entre ambos, demonstrando-se sempre interessante ver tanto o desenvolvimento da criança como o do idoso que se vai mantendo ativo e integrado socialmente” (ES3).

Em conformidade com o referido, também no estudo de Ribeiro, (2007) se refere que devem ser desenvolvidas atividades que possibilitem o relacionamento entre idosos e netos. Neste sentido, o idoso pode partilhar com os mais novos tradições possibilitando uma relacionamento de trocas de experiências e conhecimentos entre os mais novos e os mais velhos.

Outro aspeto referido relaciona-se com a necessidade de serem desenvolvidos mais projetos de intervenção que promovam uma maior interação entre idosos e crianças. O ES2 apresenta o seguinte exemplo.

“No Projeto Incentivar: Faz a Tua Escolha – E5G (pertencente ao Programa Escolhas), desenhei uma atividade designada de “Eu e Tu Somos Mais” que consistia nada mais, nada menos, do que no contacto dos meus meninos com os idosos. Todos os meses pensávamos numa atividade para ir visitar os nossos ‘avós do coração” (ES2).

De acordo com o referido também Rodrigues, (2014) no seu estudo evidencia que já se realizam algumas atividades entre gerações que podem ser resultado da implementação de projetos sociais que visam o desenvolvimento de atividades lúdicas entre crianças e idosos e o estabelecimento de relações entre estes dois grupos sociais. Por outro lado, pode observar-se que existe, ainda, um longo caminho a percorrer no desenvolvimento e aplicação de metodologias que promovam o desenvolvimento de atividades que permitam o convívio entre as crianças e os idosos como é referido pelo ES1.

“Devem ainda, ser criadas dinâmicas que permitam as crianças estabelecer interação com os idosos, em que possa existir, efetivamente uma partilha de conhecimentos e experiências auxiliando na alteração de ideias erróneas em relação à pessoa idosa” (ES1).

Deste modo, devem ser desenvolvidas metodologias de intervenção que possibilitem uma maior interação com os idosos pois, só assim, se pode possibilitar uma crescente partilha de conhecimentos acerca dos mais idosos, permitindo a modificação de representações erróneas acerca deste público.

Esta evidência surge também no estudo desenvolvido por Luchesi, Pavarini e Viana (2012), evidenciando que o fator convivência entre idosos e crianças se apresenta como influenciador na construção de uma representação positiva ou negativa acerca do idoso. O estudo, refere que, quando essa relação se apresenta como positiva e saudável para ambos resulta na construção de uma representação positiva, porém, quando a criança convive com idosos com problemas de saúde ou psicológicos, o mesmo pode não se verificar e a criança pode construir uma perceção negativa acerca da velhice.

Por sua vez, é sugerido pelos educadores sociais entrevistados um conjunto de iniciativas que valorizam o conhecimento tradicional, as histórias de vida, as experiências dos idosos e a educação escolar, com uma forma de partilha e troca de conhecimentos entre as crianças e os idosos, contribuindo para a sua educação, como pode ser observado no discurso que se segue.

“Deveriam ser assim desenvolvidas atividades, como por exemplo, fazer um foliar que é algo que é tradicional na páscoa e que a maioria não sabe fazer. Por que não partilhar e transmitir estes conhecimentos através

do estabelecimento de relações entre as crianças mais jovens e os idosos. Os idosos poderiam ainda dar o seu testemunho de vida, através da partilha das suas experiências e vivências, contribuindo assim, para a compreensão e desmitificação do envelhecimento” (ES2).

Outra das questões que também se coloca é o voluntariado, pois os idosos poderiam apresentar-se como uma mais-valia na educação das crianças através da sua participação voluntária na educação dos mais novos, como é observável no discurso que se segue.

“Poderiam ser também desenvolvidas atividades que permitissem ao idoso voluntariamente participar na educação das crianças através da sua presença em jardins de infância, escolas, universidades entre outros espaços, onde estes pudessem dar o seu testemunho de vida” (ES2).

No que se refere à educação das crianças, em relação ao envelhecimento e à velhice, é sugerido que este tipo de formação ocorra nas escolas desde cedo, através de uma disciplina que aborde questões sociais problemáticas.

“A educação sobre o envelhecimento, na minha opinião, deveria fazer parte da estrutura curricular, este tema e outros, como, por exemplo, falar na questão dos divórcios, das novas famílias, da homossexualidade deviam ter lugar no programa. Não digo ter uma disciplina específica, mas dentro de uma disciplina a de cidadania seria a mais adequada haver um tempo dedicado a estes temas durante o ano letivo” (ES2).

Em conformidade com o referido por Ribeiro (2007), deveriam ser desenvolvidas estratégias baseadas na educação, formação, construção de grupos de apoio ao envelhecimento e de combate às ideias erradas existentes em relação a esta fase do ciclo vital do indivíduo. Pois, só através da implementação de estratégias educativas e informais é que se podem alterar as imagens negativas existentes nas sociedades e fomentar uma representação mais positiva da velhice.

Surge de acordo com o ES3, a necessidade de se criarem protocolos entre instituições com a finalidade de dinamizar e desenvolver nas instituições atividades prazerosas e enriquecedoras do tempo disponível e livre que, tanto os idosos como as crianças têm, através do estabelecimento deste intercâmbio.

“Deveriam ainda ser estabelecidos protocolos e parcerias entre as instituições que possuem idosos e crianças para que se estabeleça um maior contacto e comunicação entre estes dois públicos. Existe assim uma necessidade de enriquecer de forma positiva o tempo que tanto as crianças como os idosos passam nas instituições, através do estabelecimento de práticas inovadoras que poderiam passar pelo desenvolvimento de atividades de intercâmbio entre estes dois públicos, com a finalidade de fortalecer este tipo de relações saudáveis entre os mais novos e os mais velhos” (ES3).

Esta evidência é também observada no estudo de Rodrigues (2014) quando afirma que a criação de laços afetivos entre as crianças e os idosos pode apresentar-se como agradável e vantajosa, pois estas relações permitem ao idoso partilhar com a criança os seus conhecimentos, mas também aprender com as crianças coisas novas e úteis na atualidade

O ES3 considera ainda que deveriam ser estabelecidas atividades dinâmicas que possibilitassem o intercâmbio entre idosos e crianças, permitindo a criação de laços afetivos entre a criança e o idoso e, por sua vez, o estabelecimento de relações de amizade. Além do referido, a criança pode ter uma visão mais clara do que é o envelhecimento, o que a ajuda a compreender e a ter uma imagem mais positiva sobre a população envelhecida tal como é referido na transcrição que se segue.

“Este tipo de metodologias promove o estabelecimento de laços de amizade entre os mais pequenos e os idosos, promove uma representação positiva do idoso e também possibilita à criança compreender como se processa o envelhecimento e as suas transformações, este tipo de ações promove o desenvolvimento de ambos os públicos” (ES3).

Esta ideia encontra-se expressa no estudo de Carvalho e Baptista (2004) que refere que a convivência e o relacionamento com pessoas velhas se apresentam com uma metodologia eficaz no combate às representações negativas associadas ao processo de envelhecimento. Assim, este tipo de relacionamento pode ser desenvolvido, quer em ambiente familiar quer nas escolas e deve ser explorado e promovido.

Podemos considerar que, no que se refere, às metodologias de intervenção já existem algumas medidas que são tomadas para o estabelecimento de relações e desenvolvimento de atividades entre os idosos e as crianças. Porém existe ainda um longo percurso a ser percorrido que deve ser realizado através de protocolos, educativos e formativos acerca do processo de envelhecimento, do voluntariado dos mais idosos e da promoção das relações entre estes dois públicos.

Em síntese

Podemos referir que da análise das entrevistas aos educadores sociais sobressaem alguns aspetos essenciais. Os educadores sociais consideram ser necessário e vantajoso alterar as representações menos positivas de que os idosos são alvo, pois apesar de estes já terem idade e de apresentarem algumas limitações naturais do processo de envelhecimento, ainda podem realizar atividades.

Deste modo, a educação é considerada pelos educadores sociais participantes no estudo como uma forma de intervenção que poderia ser utilizada para trabalhar as representações negativas associadas ao processo de envelhecimento e velhice, porque a instrução acerca da

temática possibilita aos indivíduos a aquisição de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento e a sua compreensão, contribuindo assim, para a construção de uma representação realista acerca da pessoa idosa.

No que se refere à consciencialização do processo contínuo de envelhecimento, os educadores sociais consideram que a educação, além de ajudar na reconstrução da representação social do idoso, permite ainda que os indivíduos adquiram consciência de que o processo de envelhecimento é um processo contínuo que irá ocorrer em todos os indivíduos de forma diferenciada, uma vez que, um dia todos seremos velhos.

Outro facto que se pode verificar através da análise dos discursos dos educadores sociais foi o facto de estes considerarem que se deve abordar e trabalhar as representações sociais acerca do envelhecimento e velhice desde cedo, ou seja, quando o indivíduo ainda se encontra a vivenciar a sua infância, porém, esta temática deve englobar outras faixas etárias sendo exemplo os cuidadores formais e informais.

Relativamente à intervenção socioeducativa, os educadores sociais consideram que, a sua intervenção deve incidir na reconstrução de representações negativas que as crianças possuem acerca do envelhecimento e da velhice, possibilitando-lhes adquirir uma visão realista desta última fase do ciclo vital do indivíduo. Por sua vez, a educação e a interação com as pessoas idosas apresenta-se para estes profissionais como uma forma de combate das representações e estereótipos sociais negativos associados ao envelhecimento e a velhice.

Por último, no que se refere às metodologias de intervenção, estes profissionais consideram que já existem algumas medidas que são implementadas sendo exemplo o estabelecimento de relações e o desenvolvimento de atividades. Contudo, estes consideram que ainda existe um longo percurso a ser percorrido referindo que se deveriam estabelecer protocolos, educativos e formativos que trabalhassem as temáticas relacionadas com o envelhecimento e que se deveriam promover as relações entre gerações sendo sugerido por estes profissionais a prática do voluntariado quer por parte dos mais idosos quer dos mais jovens.

3.3. Discussão dos dados

Após a realização, apresentação e análise dos dados obtidos através das entrevistas pretendemos com a discussão dos resultados verificar se as questões em estudo, bem como os objetivos delineados foram respondidos.

Deste modo, como resposta às questões, *Quais as percepções das crianças em idade pré-escolar sobre o envelhecimento e a velhice?* e *Qual o papel do educador social na promoção de representações sociais positivas sobre o envelhecimento e a velhice?*, este estudo salienta que apesar das crianças apresentarem algumas representações sociais negativas, provocadas pelo conhecimento que têm sobre as debilidades que alguns idosos apresentam, também emergem representações positivas, relacionadas com o contacto com idosos próximos, como é o caso dos avós. Importa, por isso, desenvolver continuamente práticas educativas que possibilitem o relacionamento positivo dos mais novos com os mais idosos, pois o seu convívio permite que as crianças construam uma perceção realista acerca do envelhecimento e da velhice. Porém, deve existir um desenvolvimento crescente e permanente de metodologias e práticas educacionais que promovam o estabelecimento de relações entre estes dois grupos sociais, para assim, se poderem desconstruir ideias erradas e estereotipadas acerca do envelhecimento e da velhice.

No âmbito do objetivo que pretendia *Identificar as conceções das crianças em idade pré-escolar, acerca do processo de envelhecimento e da velhice* foi possível verificar que, as crianças demonstravam saber o que era o processo de envelhecimento e como este ocorre. Através das entrevistas, realizadas as crianças de um jardim de infância, podemos constatar que estes apontam algumas das principais características físicas associadas ao envelhecimento, como, por exemplo, as rugas, os cabelos brancos, a perda de mobilidade. Por outro lado, as crianças reconhecem que os seus avós se encontram nesta fase da vida e, que nem todos têm as mesmas características. Outro aspeto evidente foi o carinho que estas demonstraram ter para com as pessoas idosas, e a importância das relações que estabelecem com eles. Contudo, referem também que há alguns idosos que necessitam de apoio e cuidado permante, porque já não possuem autonomia física. Em conformidade com o referido, também os profissionais de educação social consideram que os avós se apresentam como a figura representativa do envelhecimento com que as crianças mais mantêm contacto, o que pode contribuir para o desenvolvimento de uma imagem positiva da pessoa idosa e de respeito, com base nas relações afetivas positivas que se estabelecem entre netos e avós.

No que se refere ao processo de envelhecimento como um processo contínuo e diferenciado, verificou-se que as crianças têm consciência que todos os indivíduos, incluindo

elas mesmas, vão envelhecendo ao longo do tempo. Por sua vez, as crianças têm consciência que todos os indivíduos são diferentes, referindo que em todas as fases da vida das pessoas são diferentes, logo, não podem ser iguais quando forem idosos, apesar de reconhecerem algumas características, sobretudo, físicas em comum.

O discurso dos educadores sociais sobre esta questão, evidencia a necessidade de educar as crianças, desde cedo, para lidar de forma positiva com o envelhecimento. É ainda salientado por estes profissionais que este processo educacional não deve envolver apenas os mais pequenos, mas toda a sociedade, referindo que para formar crianças com uma visão positiva do envelhecimento é necessário que os educadores formais e informais também possuam uma visão positiva, referindo a necessidade de educar todos os indivíduos através da formação.

Relativamente ao objetivo que propunha *Perceber que representações e estereótipos sociais possuem as crianças sobre o envelhecimento e velhice* verificou-se que, no que se refere às representações positivas da velhice e envelhecimento referido pelas crianças, foi destacado por estas, o cuidado que os idosos têm com a sua aparência, a relação de proximidade que mantêm com os seus avós e a disponibilidade de um grande tempo livre para o desenvolvimento de atividades prazerosas. No que se refere às representações negativas foi destacado o local onde os idosos habitam (residências para pessoas idosas), à dependência em relação aos filhos ou aos cuidadores, às necessidades que estas apresentam, o aparecimento de doenças, a imagem negativa que eles consideram que os outros têm acerca das pessoas idosas e a morte.

Relativamente às representações neutras, as crianças revelaram que o processo de envelhecimento é natural, comum a todos os indivíduos e gradativo, ocorrendo através da passagem dos anos.

De acordo com os educadores sociais as representações das crianças acerca da pessoa idosa apresentam-se como negativas ou positivas dependendo da experiência e relacionamento que estas estabelecem com elas. Porém, foi ainda referido, por um número reduzido de educadores sociais, que as crianças possuem uma imagem negativa dos idosos assente nos aspectos físicos que estes apresentam.

Deste modo, a educação é referida pelos educadores como essencial na alteração das representações negativas que existem socialmente acerca da população envelhecida. De acordo com os entrevistados, a educação possibilita aos indivíduos a compreensão e aceitação de fenómenos naturais no decurso do processo de envelhecimento, ajudando a lidar de forma positiva com o mesmo.

Quanto ao objetivo que visa *Percecionar como as crianças em idade pré-escolar se imaginam no futuro enquanto velhos* verificou-se que a maioria das crianças possuiu uma imagem ativa e positiva acerca do seu futuro, enquanto pessoas idosas, porém, um reduzido número de crianças sentiu

dificuldade em imaginar-se enquanto futura pessoa idosa, negando mesmo a possibilidade de um dia o serem.

Relativamente ao objetivo que propunha *Identificar as percepções dos educadores sociais sobre o seu papel na construção de representações sociais positivas acerca do envelhecimento e velhice na sociedade*, verificou-se que é assumido pelos participantes no estudo, a importância do educador social enquanto mediador na construção de pontes socioeducativas que promovam a aceitação e o reconhecimento da população envelhecida de forma positiva, combatendo assim as representações sociais negativas e os estereótipos de que são alvo.

Como podemos constatar este estudo revela que a infância é o período do ciclo vital em que o ser humano começa a construir a sua percepção acerca do mundo e dos outros, apresentando-se como um período considerado primordial pelos educadores sociais para se iniciar uma intervenção no âmbito das representações e estereótipos existentes acerca dos idosos. A este propósito foram mencionadas diversas metodologias de intervenção utilizadas para abordar esta problemática com as crianças, sendo de destacar a realização de atividades em conjunto nas épocas festivas, possibilitando assim às crianças um maior contacto com este público.

Porém, é ainda referido pelos educadores sociais um conjunto de medidas que poderiam ser também implementadas no combate às representações e estereótipos sociais de que os idosos são alvo. Os participantes consideram que deveriam ser desenvolvidos protocolos entre instituições que possibilitassem uma maior partilha e relacionamento, bem como o desenvolvimento de uma disciplina escolar sobre problemáticas sociais que auxilie as crianças na compreensão de fenómenos sociais e que possibilite a construção de cidadãos respeitadores e cívicos.

Seguidamente serão apresentadas as considerações finais do estudo, onde serão abordadas algumas das medidas e estratégias que poderiam ser estabelecidas para a prevenção do desenvolvimento e reativação de estereótipos, resultantes da reflexão e enquadramento da temática na perspetiva do educador social, as limitações, os aspetos menos positivos e as sugestões para o desenvolvimento de novas investigações.

4. Considerações finais

Na atualidade, as sociedades modernas encontram-se estruturadas segundo os critérios idade cronológica e produção, ou seja, segundo a capacidade de o indivíduo contribuir ativamente para o desenvolvimento da sociedade, através do desempenho de uma profissão. É assim esperado que cada indivíduo, segundo o seu grupo etário, corresponda às expectativas e papéis que a sociedade considera característicos dessa idade, pois as diferentes gerações não desempenham todas as mesmas atividades cabendo às crianças e jovens estudar, aos adultos trabalhar e aos idosos reformar-se (Vieira, 2010).

Neste sentido, a separação e a falta de conhecimentos acerca de cada período do ciclo vital das gerações pode ser encarada como uma forma de discriminação, pois pode resultar na construção de mitos, imagens erradas e preconceituosas no que se refere ao envelhecimento e à velhice (Andrade, 2002; Vieira, 2010; Nunes, 2009).

Considerou-se assim, relevante o desenvolvimento do estudo em questão, pois permitiu aos profissionais da área de educação social ter uma visão mais próxima da realidade que se verifica ao nível social sobre as representações e estereótipos sociais acerca do envelhecimento e da velhice, uma vez que, o processo de envelhecimento e a velhice estão envoltos de atitudes estereotipadas e de representações negativas. O estudo tinha como principal finalidade perceber a percepção das crianças em educação pré-escolar acerca do envelhecimento e da velhice, uma vez que, de acordo com Lopes e Park (2007) a construção de representações acerca de determinada realidade ocorre pela primeira vez durante o período de infância.

Consequentemente, através do estudo, pudemos verificar que as crianças participantes possuem conhecimento do que é a velhice e envelhecimento, pois sabem que se trata de um processo contínuo e diversificado. Tornou-se também pertinente perceber as percepções que os educadores sociais têm sobre o seu papel na construção de representações sociais positivas acerca do envelhecimento e da velhice na sociedade, uma vez que, compete a estes profissionais colmatar situações de vulnerabilidade e exclusão social, sendo a população idosa exemplo disso.

Deste modo, o estudo em questão possibilitou perceber as percepções que as crianças possuem acerca do processo de envelhecimento e da velhice, bem como contrapor com as percepções que os educadores sociais possuem da sua intervenção, permitindo assim uma análise de ambas as situações. Deste modo, o estudo permitiu uma reflexão acerca da temática, o que contribuiu para uma maior consciencialização e para o desenvolvimento de metodologias de intervenção socioeducativa mais eficazes e realistas, na alteração das representações e estereótipos sociais existentes, acerca deste período do ciclo vital do indivíduo.

Por conseguinte enquanto educadora social considero que, uma das medidas que poderia ser implementada recai sobre o desenvolvimento e aplicação de um programa nacional que promova uma representação e conceção mais positiva em relação ao processo de envelhecimento e à velhice. Além do referido, também poderia ser explorado o contributo que os idosos poderiam desempenhar na partilha de conhecimentos, costumes e experiências de vida.

Outro dos mecanismos de combate aos estereótipos e constuição de uma representação positiva sobre o envelhecimento recai sobre os meios de comunicação social, cuja influência é considerável na construção de estereótipos. Esta seria uma temática que poderia ser estudada em investigações futuras.

Em contrapartida deveriam ser desenvolvidos fóruns, jornadas e congressos que esclarecessem conceitos relacionados com o envelhecimento e possibilitassem a aquisição de conhecimentos relacionados com esta etapa da vida do ser humano, pois a maioria dos mitos e estereótipos estão fundamentados em ideias e informações erradas acerca do envelhecimento.

A nível institucional poderiam ser promovidas e desenvolvidas atividades entre gerações que fomentassem a troca de experiências e conhecimentos, promovendo assim o relacionamento de outras gerações com os mais envelhecidos. A prática referida anteriormente, poderiam ser também desenvolvidas a nível escolar com os mais pequenos e jovens, através da partilha de histórias de vida, a nível laboral através da partilha de conhecimentos laborais da profissão desempenhada pelo idoso antes do período da reforma e entre idosos em centros de convívio, ou educacionais como é o caso das universidades séniores.

O educador social deveria ainda organizar estratégias relacionadas com comportamentos e atitudes discriminatórias e estereótipos ajustadas às especificidades do público envelhecido, permitindo assim, a sua integração e o seu bem-estar a nível social, através de estratégias e práticas sociais que promovessem a alteração dos mitos e preconceitos que se verificam em relação ao envelhecimento e à velhice.

Em conformidade com o aferido, a promoção de representações positivas face ao processo de envelhecimento e à velhice, apresenta-se como uma forma de esbater os estereótipos presentes numa sociedade envelhecida. As características da velhice não devem contribuir para a construção de representações negativa sobre o idoso, mas sim, para o desenvolvimento de práticas e comportamentos adequados a este grupo etário passando pelo desenvolvimento de atividades prazerosas, de lazer e de relevância social (Marques, 2016).

Por fim, enfatizámos a necessidade de dar continuidade ao desenvolvimento de estudos nesta área, pois estes são bastante reduzidos quando dirigidos às representações e estereótipos acerca da velhice e envelhecimento nas crianças.

Referências bibliográficas

- Allport, G. (1954). *The Nature of Prejudice*. Cambridge, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company.
- Almeida, R. (2014). *Representações Sociais do Idoso Institucionalizado e Influência na Comunicação dos Profissionais Ajudantes de Ação Direta*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco. Acedido em: <https://core.ac.uk/download/pdf/62721337.pdf>
- Almeida, S. (2011). Envelhecimento bem-sucedido e as aprendizagens no esporte competitivo: uma forma de adaptação de atletas que praticam corrida. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*.14 (2):233-239. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n2/v14n2a05.pdf>
- Almeida, S., Stobäus, C. & Resende, T. (2013). Adaptação transcultural do *Selection, Optimization and Compensation questionnaire* (SOC) para aplicação a idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 16(2):221-237. Acedido em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232013000200003&script=sci_abstract&tlng=pt
- Alves, T. (2015). *Perceções sobre o envelhecimento e prestação de cuidados na velhice*. Dissertação de Mestrado em Educação Social. Instituto Politécnico de Bragança, Bragança. Acedido em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/12560/1/T%C3%A2nia%20Eloisa%20Ramos%20Alves.pdf>
- Andrade, F. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.
- Baltes, P., & Baltes, M. (1990). *Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation*. In: P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds). *Successful aging. Perspectives from behavioral sciences* (pp. 1-34). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- Bandura, A.; Azzi, R. & Polydoro, S. (2008). *Teória Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Berger, L. & Mailloux- Poirier, D. (1995). *Pessoas Idosas: uma abordagem global: processo global de enfermagem por necessidades*. Lisboa: Lusodidacta.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto

- Brewer, M. & Crano, W. (1994). *Social Psychology*. West Publishing Company: Minneapolis/St.Paul, MN: West.
- Butler, R., (1969) Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*. 9, 243-246. Acedido em: https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/9/4_Part_1/243/569551?redirectedFrom=fulltext
- Cabecinhas, R. & Lázaro, A. (1997). Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária. *Cadernos do Noroeste*, 10 (1), 411-426. Acedido em: https://www.researchgate.net/publication/238680104_Identidade_Social_e_Estereotipos_Sociais_de_Grupos_em_Conflito_Um_Estudo_numa_Organizacao_Universitaria
- Cabecinhas, R. & Moscovici, S. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*. 14 (28), 125 -137.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora
- Córdoba, C.; Mercedes, A.; Agudelo, A.; Leandro, J.; Ruiz, S. & Cecilia, A. (2010). Identificación de estereotipos y prejuicios hacia la vejez presentes en una comunidad educativa de floridablanca. *Psychologia. Avances de la disciplina*. 4 (1), 73-87. Acedido em: <http://www.redalyc.org/pdf/2972/297224086007.pdf>
- Costa, E. (1998). *Gerontodrama: A velhice em cena: Estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade*. Brasil. Ágora Editora.
- Crusoé, N. (2004). A Teoria das Representações Sociais em moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. *Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação-Vitória da Conquista*, Ano II, 2, 105-114. Acedido em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121
- Daniel, F., Antunes, A., & Amaral, I. (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*.33(3), 291-301. Acedido em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/972>
- Dias, A. & Miguel, I. (2014). Ser idoso aos olhos dos mais novos: representações sociais de crianças sobre a pessoa idosa. In M. J. Lopes, F. R. P. Mendes, & A. O. Silva

- (Eds.), *Envelhecimento: Estudos e perspectivas* (pp. 113-129). São Paulo: Martinari. Acedido em: <http://repositorio.uportu.pt/jspui/handle/11328/1499>
 Editora.
- Ermida, J. (1999). *Processo de envelhecimento*. In *Manual Sinais Vitais: O idoso: problemas e realidades*, Coimbra: Formasau-Formação e Saúde, 43-61.
- Fechine, B. & Trompieri, N. (2012). O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *InterSciencePlace*. 20 (1):194-455. Acedido em: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/196/194>
- Fernández-Ballesteros, R. (2000). In R. Fernández-Ballesteros (Dir.), *Gerontología Social*, (pp. 31- 53). Madrid: Ediciones Pirámide.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Fortin, M. (2009). *O processo de investigação: a conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Freitas, M., Queiroz, T. & Sousa, J. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista Esc de Enfermagem USP* 44 (2):407-12. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v44n2/24.pdf>
- Gaspar, R. & Garrido, M. (2016). *Cognição Social*. In Miguel Pereira Lopes, Patrícia Jardim da Palma & Albino Lopes (Eds.), *Fundamentos de Psicologia* (pp.193-240). Lisboa: MGM Edições.
- Guimarães, C. (2013). *Tomando o envelhecimento bem-sucedido como desenvolvimento psicológico: efeito da TOM e da inteligência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade do Minho, Braga. Acedido em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/27160>
- Hill, M. & Hill. A. (2005). *Investigação por Questionário*. (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
 humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 147-155. Acedido em: <http://pablo.deassis.net.br/wpcontent/uploads/representa%C3%A7%C3%A3o-social-desenvolvimento-humano.pdf>
- Johannes Doll, J.; Gomes, A.; Hollerweger, L.; Pecoits, R. M. & Almeida, S. T. d. (2007). Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. 12, 7-33. Acedido em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4977/2846>
- Ketele, J. & Roegiers, X. (1998). *Metodologia da Recolha de Dados*. Instituto Piaget.

- Leite, P. (2014). *Representações Sociais de estudantes de Gerontologia Social acerca da Sexualidade na velhice*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Porto. Acedido em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6500/1/Ana%20Paula%20Matias%20Leite.pdf>
- Levy, B. (2003). Mind Matters: Cognitive and Physical Effects of Aging Self-Stereotypes. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 58 (4), 203–211. Acedido em: <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/58/4/P203/523293>
- Leyens, J., Yzerbyt, V. & Schadron, G. (1994). *Stereotypes and Social Cognition*. London: Sage Publications.
- Lima, M. & Pereira, M. (2004). *Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectiva teórica e metodologias*. Brasil, Salvador: EDUFBA.
- Lopes, E. & Park, M. (2007). Representação Social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia*. 12 (2), 141-148. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a06v12n2>
- Lopes, M. (2010). *“Imagens e Estereótipos de Idoso e Envelhecimento, em Idosos Institucionalizados e Não Institucionalizados”*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade da Beira Interior. Covilhã. Acedido em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2500>
- Lopes, M.; Mendes F. & Silva, A. (2014). *Envelhecimento: Estudos e perspectivas*. São Paulo. Martinari.
- Luchesi, B.; Dupas, G. & Pavarini, S. (2012). Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice. *Revista Gaúcha Enfermagem*. 33(4):33-40. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n4/04.pdf>
- Luchesi, B.; Pavarini, S. & Viana, A. (2012). Alterações cognitivas de idosos no contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice. *Revista da Escola Enfermagem USP*. 46(2):335. Acedido em: <https://www.revistas.usp.br/reesp/article/view/40953/44466>
- Magalhães, C.; Fernandes, A.; Antão, C. & Anes, E. (2010). Repercussão dos Estereótipos sobre as Pessoas Idosas. Portugal: Porto. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia, III* (2), 7-16. Acedido em: <http://files.rtgerontologia.webnode.pt/200000030-a1bdfa2b7e/RTG%20II%2C%202010.pdf>
- Marconi, M. & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

- Marques, A. (2016). *A discriminação na velhice - A infantilização da pessoa idosa*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Lisboa. Acedido em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7653/Disserta%C3%A7%C3%A3o_EntregaFinal.pdf?sequence=1
- Marques, J. (1986). *Toward a Definition of Social Processing of Information: an Application to Stereotyping*. Dissertação de Doutoramento, Université Catholique de Louvain. Bélgica.
- Marques, S. & Lima, M. (2010). Idadismo e a construção social da idade ou as razões psicossociais para o sucesso dos antirrugas, do botox e da tinta para o cabelo. *IN-Mind_Portugues*. 1 (1), 13-21.
- Marques, S., Lima, M. & Novo, R. (2006). Traços estereotípicos associados às pessoas jovens e idosas na cultura portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, (4), 91-108. Acedido em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/764/707>
- Martins, M. (2015). Envelhecimento e resiliência- perspetivas para a reabilitação do idoso. *GREI - Grupo de Estudos Interdisciplinares*. (24), 1-15. Acedido em: https://www.researchgate.net/publication/274080936_Envelhecimento_e_Resiliencia_-_Perspetivas_para_a_reabilitacao_do_Idoso
- Martins, R. & Rodrigues, M. (2004). Estereótipos sobre Idosos: uma representação social gerontofóbica. *Millenium Revista do ISPV*. (29), 249-254. Acedido em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/32.pdf>
- Mateus, M. (2008). O estudo do meio social como processo educativo de desenvolvimento local. *Série estudos: Instituto Politécnico de Bragança*. Acedido em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/619/1/Estudos%2079CS.pdf>
- Mateus, M. (2012). O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas. *EDUSER: Revista de Educação*. 4 (1),60-71. Acedido em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/7726>
- Mazutti, C. & Scortegagna, H. (2006). Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*.101-112. Acedido em: <http://www.seer.upf.br/index.php/rbceh/article/viewFile/77/73>
- McGuire, S., Klein, D. & Chen, S. (2008). Ageism revisited: A study measuring ageism in East Tennessee, USA. *Nursing and Health Sciences*. 10 (1), 11–16. Acedido em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1442-2018.2007.00336.x#reference>

- Meira, M., (2012). Ação do contexto nos estereótipos: Influência e limites. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Lisboa. Lisboa. Acedido: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4959/1/ulfpic039657_tm.pdf
- Morais, C. (2013). Investigação: Do problema aos resultados. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Acedido em: http://www.ipb.pt/~cmmm/conteudos/invest_topicos.pdf
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Nascimento, T. & Souza, E. (2017). Escala Trifatorial da Identidade Social (ETIS): Evidências de sua Adequação Psicométrica. *Psico-USF, Bragança Paulista*. 22(2), 217-234. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v22n2/2175-3563-pusf-22-02-00217.pdf>
- Neri, A. (2001). Palavras-chaves em gerontologia. Brasil, Campinas: Alínea.
- Neri, A. (2006). Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In Freitas, E. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio Janeiro: Guanabara Koogan. 2, 609-617.
- Neves, C. (2012). *Estereótipos sobre Idosos: Representação Social em Profissionais que trabalham com a Terceira Idade. Dissertação de Mestrado em Gerontologia*. Universidade da Beira Interior. Covilhã. Acedido em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1207>
- Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjetivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra. Coimbra. Acedido em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/11787/1/Tese%20Lisa%20Nunes.pdf>
- Oliveira, C. (2014). *A identidade do idoso no processo de institucionalização: estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Porto. Acedido em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6630/1/Cristiana%20Marques%20de%20Oliveira.pdf>
- Oliveira, J. (2005). *Psicologia do envelhecimento*. (2ª ed.). Porto: Legis Editora/ Livpsic.

- Padilla, A. & Perez, W. (2003). Acculturation, Social Identity, and Social Cognition: A New Perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25 (1), 35-55.
- Palmeirão, C. & Menezes, I. (2012). No mundo de hoje: atitudes perante as pessoas idosas. *Cadernos de Pedagogia Social*, 4, 119-152. Acedido em: <http://gpp.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/CadernosPedagogiaSocial/CPSocial04.pdf#page=121>
- Palmore, E. (1999). *Ageism. Negative and Positive* (2ª. Ed.) New York: Springer Publishing Company, inc.
- Paúlo, C. (2005). *A construção de um modelo de envelhecimento humano*. Lisboa: Climepsi.
- Pereira, M.; Ferreira, F.; Martins, A. & Cupertino, C. (2002). Imagens e significado e o processamento dos estereótipos. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 389-397. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v7n2/a20v07n2.pdf>
- Pimentel, L. (2005). *O Lugar do idoso na família*. Coimbra: Quarteto.
- Pires, C. (2005). *Aprender a ser educador de infância: entre a teoria e a prática*. Tese de mestrado em ciências da educação. Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Pires, C. (2013). *A voz das crianças sobre a inovação pedagógica*. Tese de doutoramento em Educação. Universidade do Minho. Portugal. Acedido em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25441/1/A_Voz_da_Crianca.pdf
- Postmes, T., Haslam, S. & Swaab, R. (2005). Social influence in small groups: An interactive model of social identity formation. *European Review of Social Psychology*, 16, 1-42. Acedido em: <http://psycnet.apa.org/record/2006-23004-002>
- Quivy, R. & Campenhout, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (3ª Edição). Lisboa: Edições Gradiva.
- Ramos, A. (2009). O Corpo-bagulho: ser velho na perspetiva das crianças. *Educação e Realidade*, 34 (2), 239-260. Acedido em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/9354/5544>
- Reis, S. & Bellini, M. (2011). Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. *Acta Scientiarum, Human and Social Sciences*, 33 (2), 149-159. Acedido em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/10256/pdf>

- Resende, R. (2016). Técnica de investigação qualitativa: ETCl. *Journal of Sport Pedagogy & Research*. 2 (1), 50-57.
- Ribeiro, A. (2007). *Imagens da velhice em profissionais que trabalham com idosos*. Dissertação de Mestrado em Geriatria. Universidade de Aveiro. Aveiro. Acedido em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3267/1/2007001187.pdf>
- Rodrigues, S. (2014). *O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco. Acedido em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2617/1/Trabalho%20de%20projeto%20wj.pdf>
- Santos, R. (2008). *A Influencia dos Estereótipos no julgamento da veracidade de Enunciados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Brasil. Acedido em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/rogerio_santos.pdf
- Schneider, R. & Irigaray, T. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*. 25(4), 85-93. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>
- Silva, A. & Pinto, J. (2009). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, M. (2006). *“Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar!”*. Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice-um estudo no Norte de Portugal. Tese de Doutoramento em Sociologia. Universidade Aberta de Lisboa. Lisboa. Acedido em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/788>
- Sousa, A.; Lodovici, F.; Silveira, N. & Arantes, R. (2014). Alguns Apontamentos sobre o idadismo: A posição das pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. 19 (3), 853-877.
- Sousa, C.; Jesuino, J.; Fonseca, M.; Lima, S.; Miranda, A. & Tapadas, A. (2010). Como as crianças vêem os idosos: Um estudo dos 6 aos 10 anos. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro. Acedido em: <http://www.associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/filebase/estudos/COMO%20AS%20CRIAN%20C3%83%E2%80%A1AS%20VEEM%20OS%20IDOSOS.pdf>
- Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em Família. Os Cuidados Familiares na Velhice*. Porto: Ambar.

- Torrão, A. (2014). *Identidade à Universidade e ânimo em relação a encontrar emprego: importância do prestígio e da comunicação organizacional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Évora, Évora. Acedido em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13373>
- Torres, T.; Camargo, B. & Bousfield, A. (2016). Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 32(1), 209-218. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n1/1806-3446-ptp-32-01-00209.pdf>
- Vala, J. & Monteiro, M. (2013). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J. (2002). *Representações Sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vieira, R., (2013). *Estereótipos e preconceito contra os idosos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal de Sergipe. Brasil. Acedido em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5953/1/RODRIGO_SENA_SILVA_VIEIRA.pdf
- Vieira, S. (2010). *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Aveiro, Aveiro. Acedido em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3703/1/240600.pdf>
- Wachelke, J.; Camargo, B.; Hazan, J.; Soares, D.; Oliveira, L. & Reynaud, P. (2008). Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet. *Estudos de Psicologia*. 13(2), 107-116. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/02.pdf>
- Zimmerman, G. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

ANEXOS

Anexo A	
Pedido de autorização para a realização da investigação.....	96
Anexo B	
Consentimento de colaboração aos pais/encarregados de educação.....	97
Anexo C	
Consentimento de livre participação das crianças no estudo.....	99
Anexo D	
Consentimento informado aos educadores sociais.....	101
Anexo E	
Guião de entrevista às crianças	102
Anexo F	
Guião de entrevista aos educadores sociais	105
Anexo G	
Exemplo de transcrição de uma entrevista às crianças	108
Anexos H	
Desenhos realizados pelas crianças	114
Anexo I	
Exemplo de transcrição de uma entrevista aos educadores sociais	117
Anexo J	
Grelha de análise de conteúdo das crianças.....	121
Anexo L	
Grelha de análise de conteúdo dos educadores sociais.....	127

Anexo A- Pedido de autorização para a realização da investigação



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação

Tel. (+351) 273 330 602 • Fax (+351) 273 313 684
http://www.ese.ipb.pt
Campus de Santa Apolónia
Apartado 1101
5301-856 BRAGANÇA - Portugal

Exm^{o(a)} Senhor(a) Diretor(a) do
Centro Social de Santa Clara
Bairro S. João de Brito
Rua S. João de Brito
5300- 261 Bragança

S/ referência	S/ comunicação	N/ referência	Data
		40/A	08.02.2018
Assunto:		7.2	
Pedido de autorização para realização de investigação			

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social da Escola Superior de Educação, a aluna **Cláudia Alexandra Martins Fraga Paulo**, sob a coordenação científica da Prof.^a Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes, pretende analisar as perceções das crianças sobre o envelhecimento e a velhice, bem como interpretar o papel do educador social na promoção da construção de uma representação social positiva do envelhecimento, desde as primeiras idades.

Neste sentido, solicitamos a V. Ex.^a se digne autorizar a recolha de dados para fins de investigação, na prestigiada instituição que tão dignamente dirige.

Esta investigação tem como principal objetivo identificar as perceções que as crianças têm sobre o envelhecimento e a velhice, pelo que é necessário realizar entrevistas às crianças que frequentam a instituição (seis de cada sala). Todos os dados recolhidos serão, única e exclusivamente, para fins investigacionais, considerando todos os meios de respeito, confidencialidade e anonimato dos participantes no estudo. Serão ainda tidas em consideração todas as normas de consentimento informado, relativamente aos encarregados de educação das crianças.

Desde já, os nossos agradecimentos.

Com os melhores cumprimentos,

A Subdiretora da ESEB,

Maria Cristina do Espírito Santo Martins
Professora Adjunta Maria Cristina do Espírito Santo Martins

Anexo B- Consentimento de colaboração aos pais/ encarregados de educação

PEDIDO DE COLABORAÇÃO DO/A VOSSO/A EDUCANDO/A NO ESTUDO

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social que nos encontramos a realizar na Escola Superior de Educação sob a coordenação científica da Prof^ª. Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes, que pretende analisar as perceções das crianças sobre o envelhecimento e a velhice, bem como interpretar o papel o educador social na promoção da construção de uma representação social positiva do envelhecimento, desde as primeiras idades, vimos por este meio solicitar a autorização de V. Ex. para a participação do/a V. educando/a neste estudo desenvolvido.

O estudo tem como objetivo principal compreender as perceções das crianças de educação pré-escolar sobre o envelhecimento e velhice. Desta forma, serão elaborados grupos de discussão nos quais dois facilitadores e um pequeno grupo de crianças conversam acerca da temática. Para que seja possível a análise dos resultados, os grupos de discussão são gravados em formato áudio.

A participação do seu educando é voluntária e nos dados recolhidos será garantida a confidencialidade e anonimato. As gravações áudio serão acedidas e utilizadas unicamente pela equipa envolvida na investigação e nenhum elemento identificativo do/a V. educando/a será divulgado.

Agradecemos desde já a Vossa atenção e colaboração neste estudo.

Eu _____, por este meio declaro que autorizo a participação do/a meu/minha educando/a, (*Nome do/a aluno/a*) _____ no grupo de discussão, com gravação de áudio, para efeitos de recolha de dados do estudo das perceções das crianças de educação pré-escolar sobre o envelhecimento e a velhice. O (A) Encarregado de Educação

Bragança, ____ de _____ de 2018

Anexo C-Consentimento de livre participação das crianças no estudo

**CONSENTIMENTO DE LIVRE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO DAS
CRIANÇAS DO JARDIM DE INFÂNCIA**

Declaramos que participamos livremente no grupo de discussão e que autorizamos a gravação de áudio, para efeitos de recolha de dados do estudo sobre as percepções das crianças de educação pré-escolar sobre o envelhecimento e a velhice.

Crianças participantes (assinatura)

Bragança, ____ de _____ de 2018

Anexo D- Consentimento informado aos educadores sociais**TERMO DE CONSENTIMENTO**

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social que nos encontramos a realizar na Escola Superior de Educação sob a coordenação científica da Prof^ª. Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes, que pretende analisar as perceções das crianças sobre o envelhecimento e a velhice, bem como interpretar o papel o educador social na promoção da construção de uma representação social positiva do envelhecimento, desde as primeiras idades, vimos por este meio solicitar a V. Ex. a participação neste estudo desenvolvido.

O estudo tem como objetivo principal compreender as perceções das crianças de educação pré-escolar sobre o envelhecimento e velhice, bem como o papel do educador social na promoção e construção de uma representação social positiva do envelhecimento. Desta forma, serão desenvolvidas algumas entrevistas a Educadores Sociais acerca da temática.

Para que seja possível a análise dos resultados solícito a vossa autorização para a realização de uma entrevista gravada em formato áudio, comunico que as informações obtidas através da entrevista serão sigilosas e exclusivamente destinadas a fins científicos, a participação é voluntária e anónima.

Declaro que foi explicada a principal finalidade do estudo, reconheço que a participação é voluntária e sigilosa, concordando assim com os termos apresentados neste termo de consentimento e confidencialidade. Autorizo que a entrevista seja gravada em formato áudio e que os dados obtidos nesta entrevista se destinem exclusivamente para os termos desta investigação.

Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspetos do trabalho de investigação eu _____, declaro que autorizo que me seja realizada a entrevista pedida gravada em áudio.

Participante

Bragança, ____ de _____ de 2018

Anexo E- Guião de entrevista às crianças

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tema: Representações e estereótipos sociais do envelhecimento e velhice.

Participantes: Crianças em educação pré-escolar

Objetivo da entrevista: Identificar as perceções das crianças em educação pré-escolar face a representação social do envelhecimento e da velhice.

Nº de participantes: 20 crianças, 10 com 4 anos de idade (5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino) e 10 com 5 anos de idade (5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino)

Atitudes Preparatórias		
Legitimação da entrevista; Consentimento informado; Confidencialidade dos dados.	Informar sobre os objetivos e propósitos do trabalho de investigação; Reconhecer e informar que os entrevistados são participantes; na investigação; Garantir a confidencialidade da Informação recolhida.	Objetivos do Estudo: Consentimento Informado; Confidencialidade; Relevância das entrevistas para o estudo.

Temas	Objetivos Específicos	Questões
Concepções acerca da velhice e do processo de envelhecimento	Percepcionar o significado da velhice para as crianças.	O que significa ser velho? Como é uma pessoa velha? Que pessoas velhas conheces?
	Perceber o significado do processo de envelhecimento para as crianças de educação pré-escolar.	Como é que essas pessoas se tornaram velhas? Os teus pais são velhos? E vão ser velhos? Porque é que as pessoas ficam velhas?
	Percepcionar se as crianças de educação pré-escolar consideram que o processo de envelhecimento ocorre da mesma forma em todos os indivíduos.	Achas que todas as pessoas envelhecem? Para ti os velhos são todos iguais? Sabes dizer-me como eles são? Quais são as diferenças que tu achas que eles têm? Achas que as pessoas envelhecem de maneiras diferentes?
Representações e estereótipos sociais na velhice e envelhecimento	Conhecer a percepção que as crianças de educação pré-escolar têm sobre o que os outros acham que é uma pessoa velha.	Quando ouvés falar de pessoas velhas, o que dizem? Porquê?
	Identificar a percepção que as crianças de educação pré-escolar têm acerca das alterações que ocorrem nos idosos.	O que é que acontece ao corpo das pessoas que já estão velhas? Porquê?

	Percepcionar onde as pessoas idosas vivem e como vivem.	Onde vivem as pessoas velhas? E com quem? E porque é que tu achas, que vivem aí? E achas que que as pessoas velhas falam com os seus familiares e amigos? Sobre o que conversam?
	Percepcionar como é que crianças de educação pré-escolar consideram que os idosos passam o seu tempo	O que achas que essas pessoas velhas fazem no seu dia a dia?
Representação das crianças do pré-escolar acerca da sua futura velhice	Verificar se as crianças têm receio de envelhecer.	Achas que vais ser velho um dia? Quando fores velho como gostarias de ser?

Terminamos a entrevista. Obrigada pela tua ajuda.

Anexo F- Guião de entrevista aos educadores sociais

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tema: Representações e estereótipos sociais do envelhecimento e velhice.

Participantes: Profissionais de educação social que trabalhem com crianças.

Objetivo da entrevista: O papel do educador social na promoção de uma representação social positiva do envelhecimento e velhice.

Nº de participantes: 3 Educadores sociais.

Atitudes Preparatórias		
Legitimação da entrevista; Consentimento informado; Confidencialidade dos dados.	Informar sobre os objetivos e propósitos do trabalho de investigação; Reconhecer e informar que os entrevistados são participantes; na investigação; Garantir a confidencialidade da Informação recolhida.	Objetivos do Estudo: Consentimento Informado; Confidencialidade; Relevância das entrevistas para o estudo.

Temas	Objetivos Específicos	Questões
Papel do Educador Social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento	Identificar o papel do educador social na educação para uma imagem positiva sobre o envelhecimento e velhice na sociedade	<p>Vê alguma vantagem em serem alteradas as percepções sobre o processo de envelhecimento?</p> <p>De que forma?</p> <p>Como interpreta a educação sobre o envelhecimento?</p> <p>Considera que a educação sobre o envelhecimento é importante para a construção de uma imagem positiva do envelhecimento e velhice? Porquê?</p> <p>Que imagem é que considera que existe sobre a velhice?</p> <p>Da sua experiência que imagem é que considera que as crianças têm sobre a velhice?</p>
	Analisar a percepção dos entrevistados sobre a melhor etapa da vida dos indivíduos para trabalhar representações e estereótipos sociais.	<p>Na sua opinião qual é o público onde se observam transformações de representações sociais e estereótipos?</p> <p>Em que circunstâncias é que nota isso?</p> <p>Qual é sua opinião acerca da melhor etapa da vida do ser humano para trabalhar representações e estereótipos sociais?</p>
Intervenção Socioeducativa	Perceber a relevância que os profissionais de Educação Social colocam na sua intervenção para a desconstrução das representações sociais e dos estereótipos sobre a velhice e envelhecimento.	<p>Acha que a educação sobre o processo de envelhecimento permitia alterar representações e estereótipos sociais? Como e porquê?</p> <p>Na sua ação com crianças e com outros grupos sociais considera que desenvolve ações para esbater os estereótipos sobre o envelhecimento?</p> <p>Considera que a intervenção do educador social na promoção de uma representação positiva ajudaria na construção de uma imagem mais positiva acerca das pessoas idosas? Como é que isso se poderia tornar mais efetivo?</p>
	Identificar as metodologias de Intervenção socioeducativa com diferentes públicos alvo	Pode falar-me um pouco de como costuma trabalhar as representações e estereótipos sociais?

Temas	Objetivos Específicos	Questões
	utilizada pelo educador social para a promoção de uma representação social positiva do envelhecimento.	Pode dar-me alguns exemplos (...)? Qual é a sua opinião acerca das metodologias de trabalho que são utilizadas para trabalhar as representações e estereótipos sociais acerca da velhice? Pode dar-me alguns exemplos (...)? Pode falar-me um pouco de como aborda (ria) esta temática com as crianças?

Terminamos a entrevista. Obrigada pela sua colaboração.

Anexo G- Exemplo de transcrição de uma entrevista às crianças

Entrevista n^o3

Número de participantes: 9 (6 raparigas e 3 rapazes)

A presente entrevista, enquadra-se num estudo que estamos a realizar, no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social, pelo Instituto Politécnico de Bragança, sob a orientação da Prof. Doutora Cristina Mesquita.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para o desenvolvimento deste trabalho académico assim, comprometemo-nos, desta forma, a respeitar o anonimato e a confidencialidade dos entrevistados.

ENTREVISTADORA: Como é uma pessoa idosa (ou velha)?

CF13- *“Para mim é uma pessoa adorável, muito minha amiga” “A minha avó, é bonita e veste umas saias azuis, rosa e umas camisolas às flores”, “Mas os velhos são todos adoráveis”*

CM14- *“A minha bisavó”; “Ela é bonita e às vezes vem para Bragança porque tem que ver a minha avó”; “Tem cabelos brancos e não tem dentes”*

CF15- *“A minha avó”; “Ela é bonita e vaidosa, usa brincos grandes, usa vestido e pinta as unhas”; “A minha vó tem o cabelo loiro, mas ainda o pinta de amarelo”*

CM16- *“A minha bisavó ela é velhinha”*

CF17- *“As avós, mas eles ainda não são muito velhos”*

CM18- *“A minha avó, ela falava muito e depois ficou com uma voz rouca e fraquinha”*

CF19- *“A avó tem cabelo branco, mas ela pinta de preto, agora ela está a deixar que o cabelo fique branco para eu ver como é que é”; “A avó tem uma cara assim, quase igual a minha, por isso, ainda não são muito velhas, quando são velhas tem rugas”*

CF20- *“A minha avó, ela já não se pinta tem 75 e o meu avó tem 70 e qualquer coisa, não sei”*

CF21- *“Os velhinhos só são velhinhos quando têm o cabelo branco, mas alguns pintam”; “Todos os velhos têm cabelo branco só que pintam”; “A minha avó pinta as unhas de preto”*

ENTREVISTADORA: Como é que as pessoas se tornam velhas?

CF13- *“Sim, quando passarem muitos anos”*

CM14- *“Sim, porque o tempo passa”*

CF15- *“Eu tenho cinco anos vou passar par os seis e vou fazendo muitos anos, depois cresço e, fico mais pequena e fico velhinha”*

CM16- *“Sim, quanto mais crescemos, mais os avós vão ficando velhos e, nós também”*

CF17- *“Sim, nós vamos começar a crescer e a crescer e vamos ficar velhos”*

CM18- *“Sim, daqui a muitos anos”*

CF19- *“Ainda falta muito, ainda somos novinhos”*

CF20- *“Sim, vamos”*

CF21- *“Vamos, quando formos mais velhos”*

ENTREVISTADOR: Os teus pais são velhos?

CF13- *“Não, ainda são novos”*

CM14- *“Não”*

CF15- *“Não”*

CM16- *“Não, não tem rugas”*

CF17- *“Não, ainda não tem muitos anos”*

CM18- *“Não, são novos”*

CF19- *“Não”*

CF20- *“É claro que não ainda são novos”*

CF21- *“São novos”*

ENTREVISTADOR: Quem tem avós, os avós são velhos ou novos?

CF13- *“A mulher do meu avô morreu muito cedo, mas morreu velhinha”; “A avó brinca sempre comigo, por isso, gosto dela”*

CM14- *“As avós ainda se compõem e fazem muita coisa, o avô do pai não, está no céu”*

CF15- *“Tenho uma avó que tinha o cabelo todo branco, mas já morreu”*

CM16- *“Ainda são novinhos”*

CF17- *“Tenho avós, mas ainda são novas”*

CM18- *“Ainda não tem a cara muito velha e fazem montes de coisas”*

CF19- *“Eu tenho dois avós, uma é da minha mãe outra é do meu pai e tenho dois avós, um tinha uma quinta cheia de ovelhas, mas agora já não tem e o outro não conheci porque estava na barriga da mãe quando morreu”; “As duas avós estão cá em baixo e o avô está lá em cima no céu”*

CF20- *“Tenho, as avós não são muito velhas nem os avós”*

CF21- *“Eles já não trabalham muito, mas ainda não são muito velhos”*

ENTREVISTADOR: Nós todos vamos ser velhos?

CF13- *“Nem toda a gente acho eu, porque os meninos pequeninos não ficam”*

CM14- *“Sim vamos, quando tivermos muitos anos”*

CF15- *“Quando formos adultos vamos ter mais anos e mais anos até que ficamos mais baixinhos e assim velhinhos de cara”*

CM16- *“Todos nós vamos ser velhinhos”*

CF17- *“Primeiro vamos ficar grandes e crescer e, depois, vamos ficar fraquinhos e velhos e morrer”*

CM18- *“Sim, vamos quando tivermos muita idade”*

CF19- *“Vamos, mas ainda falta muito”*

CF20- *“Daqui a muito tempo vamos ficar com rugas e ser velhinhos”*

CF21- *“Primeiro os nossos pais vão ficar velhos e só depois nós, por isso ainda falta muito”*

ENTREVISTADOR: Os vossos pais vão ficar velhos?

CF13- *“Sim vão”*

CM14- *“Eles ainda são novinhos, mas vão ficar velhinhos”*

CF15- *“Sim vão”*

CM16- *“Os meus pais já têm rugas, já estão a começar a ficar velhos”*

CF17- *“Sim daqui a alguns anos”*

CM18- *“Ainda estão novos, mas vão”*

CF19- *“Vão quando tiverem muitos anos”*

CF20- *“Sim”*

CF21- *“Sim”*

ENTREVISTADOR: Os velhos são todos iguais?

CF13- *“A avós que ainda são novos, outros velhos e outros pequenos”*

CM14- *“A avós de muitos tamanhos” “A avós que ainda não são velhos, mas parece que são”*

CF15- *“Não, alguns velhos têm cabelos brancos outros pintam”*

CM16- *“Não, alguns velhos ainda podem fazer coisas outros precisam da ajuda das senhoras”*

CF17- *“A avós de muitos tamanhos, uns são novos outros já são velhos e pequenos”*

CM18- *“Não, são muito diferentes”*

CF19- *“Uns tem óculos outros não”*

CF20- *“Uns tem dentes outros não”*

CF21- *“Alguns não conseguem andar”*

ENTREVISTADOR: Acham que os velhos chegam a velhos todos da mesma forma?

CF13- *“Não, uns vão ser magros outros gordos”*

CM14- *“Uns vão ser claros outros escuros”*

CF15- *“Olhem para os nossos cabelos, nós não vamos ser iguais porque eu tenbo o cabelo diferente dela”*

CM16- *“Somos todos diferentes, por isso, quando formos velhinbos também vamos ser”*

CF17- *“Nós não somos todos iguais”*

CM18- *“Podemos ter todos o cabelo branco, mas não somos iguais”*

CF19- *“Não, nós quando formos velhinbos também não vamos ser como somos agora”*

CF20- *“Não é só por isso, se nós não temos a cara igual não vamos ser todos iguais”*

CF21- *“Não vamos ser diferentes porque também nunca fomos iguais em novinhos”*

ENTREVISTADOR: O que pensam que essas pessoas velhas podem fazer?

CF13- *“A minha avó brinca sempre comigo” “O meu avô trabalha muito nos ramos e corta-se e ainda continua a trabalhar, ele não descansa”*

CM14- *“O meu avô vai à pesca”*

CF15- *“Não fazem muitas coisas, mas fazem algumas”*

CM16- *“Os velhos que são mais novos podem trabalhar mais, mas os mais velhos não trabalham muito”*

CF17- *“Os meus avós todos já não trabalham porque já são velhinbos, mas o meu avô está sempre no computador”*

CM18- *“O meu avô vai para a aldeia para a horta”*

CF19- *“Já vi muitos velhos na ginástica, a minha avó vai à ginástica”;*

CF20- *“O meu avô vai à pesca e a minha avó fica em casa a fazer o almoço e o jantar”*

CF21- *“A minha avó e avô trabalham no café a ajudar os papás”*

ENTREVISTADOR: Quando as pessoas falam sobre os velhos o que dizem?

CF13- *“Eu nunca ouvi nada”*

CM14- *“Nem eu”*

CF15- *“Eles falam sobre se eles vão morrer ou não”*

CM16- *“E falam a mesa se podem ou não podem fazer as coisas”*

CF17- *“Falam que os velhos não fazem nada”*

CM18- *“Falam que deviam ir para o lar”*

CF19- *“Às vezes dizem coisas más”*

CF20- *“Dizem coisas feias sobre eles, que estão a ficar velhos”*

CF21- *“Falam que são muito bonzinhos”*

ENTREVISTADOR: Onde é que vivem as pessoas velhas?

CF13- *“Podem morar num lar”;* *“Eles vão para o lar para não morrerem”*

CM14- *“Quando estão muito dentes moram num lar ou por causa dos ladrões”*

CF15- *“Podem morar na nossa casa”*

CM16- *“Podem estar na casa delas”*

CF17- *“Podem estar no hospital, e as senhoras tratam deles”*

CM18- *“Algumas já estão no cemitério, porque já morreram”*

CF19- *“Podem viver em muitos lados”*

CF20- *“Os velhinhos vão para o lar porque não tem dinheiro e porque já são muito velhinhos e lá cuidam deles para não morrerem”*

CF21- *“Para o lar, as senhoras que estão no lar cuidam deles como se fossem bebés, porque eles não conseguem andar nem tomar banho”*

ENTREVISTADOR: O que é que os pais conversão sobre os avôs?

CF13- *“O meu pai fala com o avô para ver se querem ir lá para casa”*

CM14- *“Os meus pais falam sempre com os meus avôs e com os meus tios para se um dia eles quiserem ir lá para casa ou para o lar”*

CF15- *“Os meus avôs falam que estão doentes”*

CM16- *“O meu avô só conversa com o meu pai sobre ir para a aldeia e o que lá faz”*

CF17- *“Eles contam as coisas que fazem”*

CM18- *“Falam sobre as suas coisas”*

CF19- *“Dizem o que fazem”*

CF20- *“Conversam sobre muitas coisas”*

CF21- *“Falam sobre eles”*

ENTREVISTADOR: Alguém mora com os avôs?

CF13- *“Não, mas as vezes vou lá dormir”*

CM14- *“Não, os meus avôs moram com os meus padrinhos”*

CF15- *“Não, eles estão sozinhos”*

CM16- *“Não, mas nós vamos vê-los a casa deles”*

CF17- *“Não, mas eles vão visitar-nos muitas vezes”*

CM18- *“Não”*

CF19- *“Não, eles moram sozinhos”*

CF20- *“Não”*

CF21- *“Não”*

ENTREVISTADOR: Todos gostam dos avôs?

CF13- *“Sim, o meu avô brinca”*

CM14- *“Sim o meu avô brinca comigo, está sempre escondido e diz que não me deixa passar e eu passo pelo meio das pernas dele, ele está sempre a brincar”*

CF15- *“Sim, mas os meus avós não brincam, porque alguns avós não brincam com as crianças”*

CM16 *“Sim, eu o meu avô e o meu mano brincamos as palhaçadas e quando vamos para a rua fazemos caretas”*

CF17- *“Eu gosto muito, eles levam-me a passear e brincam comigo”*

CM18- *“Sim, o meu avô leva-me a passear para o monte e fazemos muitas coisas juntos”*

CF19- *“Sim, a minha avó ensina-me a fazer a ginástica dela”*

CF20- *“Sim, brincam muito comigo”*

CF21 *“Sim, os meus avós brincam sempre comigo e pregam-me sustos”*

ENTREVISTADOR: Vocês vão ser velhos um dia?

CF13- *“Sim vamos”*

CM14- *“Sim quando tivermos muitos anos”*

CF15- *“Daqui a muitos anos”*

CM16- *“Quando crescermos muito e depois envelhecermos”*

CF17- *“Sim”*

CM18 *“Daqui a muitos anos ainda somos novinhos”*

CF19 *“Ainda falta muito, mas vamos ser muito velhinhos e ter o cabelo branquinho”*

CF20 *“Sim, vamos”*

CF21 *“Vamos, mas primeiro ainda vão ser os nossos pais”*

ENTREVISTADOR: Como se imaginam no futuro como velhos?

CF13- *“Não consigo”*

CM14- *“Eu também não consigo”*

CF15- *“Vamos ficar velhos”*

CM16- *“Tinha o cabelo branco”*

CF17- *“Tinha rugas”*

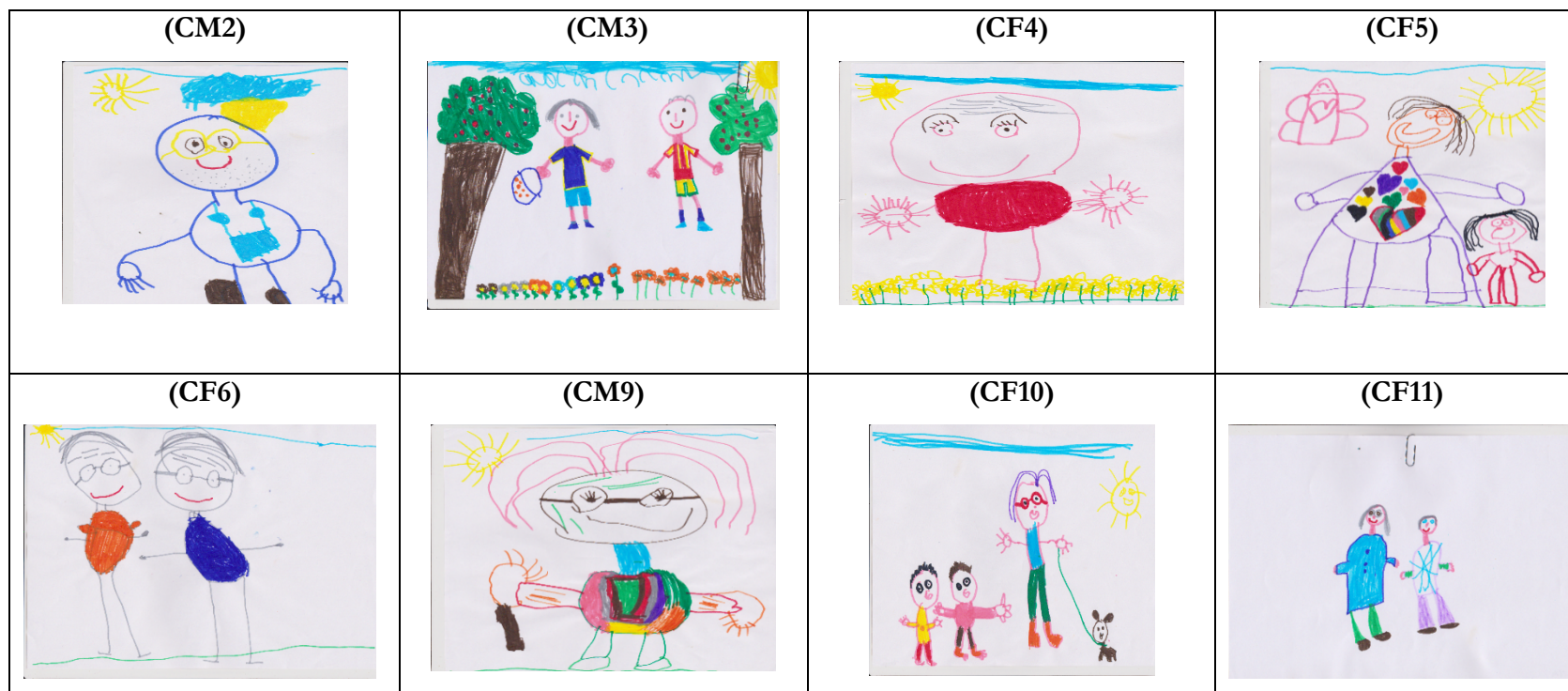
CM18- *“Eu era careca e tinha uma voz fraquinha”*

CF19- *“Não consigo imaginar nem um bocadinho, nem quero”*

CF20 *“Estava ao pé de Jesus”*

CF21 *“Não trabalhava”*

Anexo H- Desenhos realizados pelas crianças



(CF12)



(CF13)



(CM14)



(CF15)



(CM16)



(CF17)



(CM18)



(CF19)



(CF20)



(CF21)



Anexo I- Exemplo de transcrição de uma entrevista realizada aos educadores sociais (ES2)

A presente entrevista, enquadra-se num estudo que estamos a realizar, no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social, pelo Instituto Politécnico de Bragança, sob a orientação da Prof. Doutora Cristina Mesquita.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente para o desenvolvimento deste trabalho académico assim, comprometemo-nos, desta forma, a respeitar o anonimato e a confidencialidade dos entrevistados.

ENTREVISTADORA: Vê alguma vantagem em serem alteradas as perceções sobre o processo de envelhecimento?

“Vejo todas as vantagens na alteração desta perceção. Em pleno século XXI ainda existe a ideia de que o idoso é um “estorvo”, é alguém que está ali sentado, que passa o dia sem fazer nada e que apenas recebe a sua reforme ao final de cada mês! Mas como sabemos isso não é verdade”.

ENTREVISTADORA: De que forma?

“Este tipo de perceções só vai ser mudado ao longo dos anos, à medida que se vá conseguindo trabalhar mentalidades. Na minha opinião este processo é um dos papéis mais importantes do TSES”.

ENTREVISTADORA: Como interpreta a educação sobre o envelhecimento?

“A educação sobre o envelhecimento deveria fazer parte dos planos escolares de todos os anos letivos e não apenas do primeiro ciclo. Existem as chamadas aulas de cidadania, as quais poderiam ser aproveitadas para trabalhar mentalidades, desmistificar conceitos e ideias feitas”.

ENTREVISTADORA: Considera que a educação sobre o envelhecimento é importante para a construção de uma imagem positiva do envelhecimento e velhice? Porquê?

“A educação sobre o envelhecimento, na minha opinião, deveria fazer parte da estrutura curricular este tema e outros como, por exemplo, falar na questão dos divórcios, das novas famílias, da homossexualidade deviam ter lugar no programa. Não digo ter uma disciplina específica, mas dentro de uma disciplina, a de cidadania, seria a mais adequada haver um tempo dedicado a estes temas durante o ano letivo, ou melhor, que queremos mudar mentalidades estes assuntos deveriam ser abordados ao longo de todo o percurso escolar. Com isto

teríamos crianças e jovens mais informados e preparados para aceitar as diferenças que existem na nossa sociedade”.

ENTREVISTADORA: Que imagem é que considera que existe sobre a velhice?

“Como já referi anteriormente, a imagem que existe é aquela do idoso(a) que durante o verão passa o dia todo sentado/a no banquinho do jardim ao fresquinho da sombra e que durante o inverno não sai de casa porque está ao quentinho da lareira”.

ENTREVISTADORA: Da sua experiência que imagem é que considera que as crianças têm sobre a velhice?

“Esta questão é interessante. Eu acho que a imagem que as crianças têm da velhice depende muito da educação e das ideias que lhes são transmitidas em casa. De acordo com a minha experiência profissional, dos quais 6 anos foram a trabalhar com crianças e jovens, posso dizer que aquilo que as crianças pensam da velhice vem do contacto que estas têm com este público-alvo. Posso confidenciar que eu reparava em alguns comentários de algumas crianças em relação ao aspeto (idade) dos avós. Hoje em dia, os avós são cada vez mais novos, muitos deles ainda estão inseridos no mercado de trabalho, e nestes casos, a ideia que existe de velhice é mais atual”.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião qual é o público onde se observam transformações de representações sociais e estereótipos?

“Por público entendo crianças, jovens, adultos e terceira idade. Assim sendo, na minha opinião é nos jovens/adolescentes porque é nesta idade que os jovens dão especial importância aos estereótipos (“Se o meu colega é popular e se veste daquela maneira eu quero andar vestido igual!”, “Se ele usa aquela marca eu também quero usar!”). Com o passar dos anos (idade adulta e terceira idade) o que os outros acham ou pensam de nós deixa de ser importante. As pessoas continuam a querer ser aceites e estarem inseridas na sociedade, mas já não se importam com os estereótipos”.

ENTREVISTADORA: Em que circunstâncias é que nota isso?

“No grupo dos jovens. Hoje em dia, sem conhecer os jovens, conseguimos aperceber-nos quem é que pertence a que grupo! Seja pela forma de se vestirem, seja pelos aparelhos eletrónicos que utilizam (telemóveis, tablets) ou até mesmo pelas expressões verbais que utilizam”.

ENTREVISTADORA: Qual é sua opinião acerca da melhor etapa da vida do ser humano para trabalhar representações e estereótipos sociais?

“Desde a infância! Se começarmos a trabalhar o combate ao preconceito e os estereótipos desde a infância, provavelmente, esses efeitos não se vão sentir na idade adulta”.

ENTREVISTADORA: Acha que a educação sobre o processo de envelhecimento permitia alterar representações e estereótipos sociais? Como e porquê?

“Claro que sim! A educação é a base da mudança! Se educarmos as nossas crianças e jovens a não estereotipar e a não generalizar as situações elas acabam por não acontecer. De que forma? Sendo demasiado otimista, a melhor forma era mesmo os adultos próximos da criança não terem reações xenófobas e racistas. A mim ninguém me tira da cabeça que as crianças imitam gestos e atitudes, se as aprendem e reproduzem é porque ouviram ou viram isso em algum sítio, em alguma situação. Mas agora sendo mais realista, acho que essa educação deverá ser feita em contexto escolar, não vale a pena fazermos “publicidade” para os pais/ encarregados de educação fazerem discursos bonitos em casa relativamente a este tema porque, já sabemos que isso não vai acontecer devido à cada vez mais falta de tempo que os pais têm para os filhos devido ao ritmo acelerado que a vida profissional exige!”.

ENTREVISTADORA: Na sua ação com crianças e com outros grupos sociais considera que desenvolve ações para esbater os estereótipos sobre o envelhecimento?

“Como já disse, sim, fiz algo nesse sentido. No Projeto Incentivar: Faz a Tua Escolha – E5G (pertencente ao Programa Escolhas), desenhei uma atividade designada de “Eu e Tu Somos Mais” que consistia nada mais, nada menos, do que nos contactos dos meus meninos com os idosos. Todos os meses pensávamos numa atividade para ir visitar os nossos “avós do coração”. As crianças pintavam desenhos para dar aos idosos, na altura do magusto assamos castanhas e fomos lanchar com eles, na páscoa fizemos uns ramos de flores com amêndoas (entre outras atividades), e ficávamos entre uma hora a hora e meia a conviver com eles. Estou também, atualmente, a dar formação, e os meus formandos pertencem à faixa etária dos adultos e terceira idade (os mais novos com 31, o mais idoso com 77), e neste meio ainda não me apercebi de qualquer tipo de preconceito”.

ENTREVISTADORA: Considera que a intervenção do educador social na promoção de uma representação positiva ajudaria na construção de uma imagem mais positiva acerca das pessoas idosas? Como é que isso se poderia tornar mais efetivo?

“Enquanto técnica superior de educação social acho a nossa intervenção na sociedade é fundamental nesse sentido. Fala-se muito em intervenção social, na ajuda aos mais carenciados, em inserir os mais desfavorecidos na sociedade, mas efetivamente não há profissionais devidamente qualificados no terreno! Efetivamente, o TSES poderá realizar atividades como as que referi anteriormente. Quanto mais contacto houver entre crianças/jovens e a terceira idade mais fácil será desmistificar este preconceito, e consequentemente, passaria a existir uma imagem mais positiva da terceira idade”.

ENTREVISTADORA: Pode falar-me um pouco de como costuma trabalhar as representações e estereótipos sociais?

“Acho que já fui respondendo a esta questão. Na minha opinião, para desconstruir esta ideia tão enraizada na sociedade temos de passar da teoria à prática! Não vale a pena estarmos com discursos bonitos e

powerpoint's floreados para mostrar às crianças que não vale a pena darem importância aos estereótipos. Temos de ir ao encontro da problemática!”.

ENTREVISTADORA: Pode dar-me alguns exemplos (...)?

“No meu caso, como já referi, a solução que eu encontrei foi levar as crianças e os jovens de encontro aos idosos! Estarem com eles, falarem com eles, dedicarem um bocadinho do seu tempo a ouvi-los, a fazê-los rir!”.

“Posso contar uma situação que me marcou. A primeira vez que uma jovem participou nesta atividade (era uma entre muitos jovens que frequentava o Projeto apenas em férias letivas), ela encostou-se a um canto, enquanto os outros jovens se distribuíaam entre os vários idosos do lar. Eu fui ter com ela e perguntei o porquê daquela reação, e qual não foi meu espanto quando ela me disse: “Tenho medo dos velhos! São maus e batem aos meninos!”. Fiquei ali com ela durante o tempo da atividade a falar com ela e a mostrar-lhe que os colegas estavam a brincar e a rir com os velhinhos, e no final perguntei novamente se ela ainda achava que eram maus, ao que me respondeu “Sim!”. Pois bem, regressamos à instituição e ao final do dia quando a encarregada de educação a foi buscar eu falei com ela, ao que ela me respondeu que a jovem já não tinha avós (perdeu a última em bebé) e que um dia, num passeio na cidade viu um senhor a bater numa criança e que a partir daí não conseguia com que a filha se aproximasse de idosos! Estava explicada a reação dela. Encaminhei-a para a psicóloga do Projeto e uns meses depois, na atividade seguinte ela conseguiu sentar-se (com uma distância de segurança) ao pé de uma senhora e falar um bocadinho com ela. Rápido voltou pro pé de mim, mas é caminhando que se faz o caminho”.

ENTREVISTADORA: Qual é a sua opinião acerca das metodologias de trabalho que são utilizadas para trabalhar as representações e estereótipos sociais acerca da velhice? Pode dar-me alguns exemplos?

“Relativamente a metodologias não te consigo dar muitos exemplos. Como podes ver a minha metodologia é a prática! É assim que eu acho que os “muros vão caindo”.

Anexo J- Grelha de análise de conteúdo das crianças

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
A. Conceito de velhice	Ser velho	<p>“Ser velho é quando as caras ficam muito velhinbas” (CM1)</p> <p>“Ser velhinbo é quando nós vamos ser magros e mais magros até nós envelbecermos” (CM2)</p> <p>“Para mim só ficamos velhos quando temos muitas rugas na cara” (CM3)</p> <p>“Para mim ser velho é ter rugas na cara” (CF5)</p> <p>“Ser velho é ter muitas rugas, sinais vermelhos e unhas grandes” (CF13)</p> <p>“Ser velhote acontece quando as pessoas ficam com o cabelo branco” (CF19)</p> <p>“Os velhinbos só são velhinbos quando têm o cabelo branco mas alguns pintam” (CF21)</p> <p>“Os meus pais não são velhos, ainda são novinhos” (CM2).</p> <p>“Não os meus pais não são velhos, o meu pai não tem rugas e a minha mãe só tem uma na testa” (CF6).</p> <p>“Os meus pais só vão ficar velhos daqui a muitos anos” (CM9).</p> <p>“Para mim ser velho é como o meu avó, mas ele já morreu” (CM7).</p> <p>“O meu avó para mim é uma pessoa velhota” (CM8).</p> <p>“Para mim um ser velho é a minha avó, ela tem muitas rugas e não vê” (CF11).</p> <p>“Para mim um velho é igual à minha avó” (CF12).</p> <p>“A minha bisavó é para mim uma pessoa muito velhinba” (CM14).</p> <p>“Os meus avós são pessoas velhas, mas eles ainda não são velhos, velhos, velhos” (CF17).</p>
B. Processo de envelhecimento	B1. Processo de envelhecimento contínuo	<p>“As pessoas vão envelhecendo porque já comeram muito, muito e chegou o tempo de elas serem velhas” (CM1).</p> <p>“As pessoas envelhecem porque chega uma altura em que temos todos que ficar velhos” (CF4).</p> <p>“As pessoas ficam velhas porque com o tempo vão ficando velhos e mais velhos” (CF6).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro
	B1. Processo de envelhecimento contínuo (cont.)	<p>“Nós também vamos ficar velhos como as outras pessoas quando passarem muitos anos” (CF13).</p> <p>“As pessoas ficam velhas como vai acontecer comigo, eu tenho cinco anos vou passar para os seis e vou fazendo muitos anos, depois cresço e fico mais pequena e fico velhinha” (CF15).</p> <p>“As pessoas envelhecem porque crescem mais e mais como os avós, eles vão ficando mais velhos e nós também” (CM16).</p> <p>“As pessoas vão envelhecendo como nós que vamos crescendo e crescendo e depois vamos ficar velhinbos” (CF17).</p> <p>“Sim nós vamos ser velhos um dia quando tivermos muitos anos agora ainda somos novinhos” (CM18).</p> <p>“Sim nós um dia seremos velhos, mas, primeiro ainda vão ser os nossos pais” (CF21).</p> <p>“Os meus pais ainda são novinhos, mas vão ficar velhinbos” (CM14).</p> <p>“Sim, os meus pais vão ficar velhinbos daqui a alguns anos” (CF17).</p> <p>“Sim, os meus pais vão ser velhos quando tiverem muitos anos” (CF19).</p>
	B2. Processo de envelhecimento diferenciado	<p>“Os velhinbos não são iguais, alguns têm dificuldades de respiração e depois tem que ir ao médico por uma máscara de respiração” (CM2).</p> <p>“Os velhos são diferentes, alguns estão no hospital porque já não conseguem andar” (CF5).</p> <p>“Os velhinbos são diferentes, alguns têm de usar cadeira de rodas porque já não conseguem andar” (CF6).</p> <p>“Os velhos são diferentes, por exemplo o meu avó tem cabelos brancos e curtos outros velhos não têm” (CM8).</p> <p>“Os velhos não são iguais! Olhem para os nossos cabelos, nós também não vamos ser iguais porque quando formos velhos eu tenho o cabelo diferente do dela” (CF15).</p> <p>“Somos todos diferentes, por isso, quando formos velhinbos também vamos ser” (CM16).</p> <p>“Os velhos são diferentes como nós, podemos ter todos os cabelos brancos quando formos velhos, mas não somos iguais” (CM18).</p> <p>“Os velhos são diferentes porque olhem nós agora não temos a cara igual por isso quando formos velhos não vamos ser iguais” (CF20).</p> <p>“Nós não somos iguais em novinhos por isso em velhinbos também não vão ser” (CF21).</p>
C. Representação associadas ao	C1. Representação positiva do envelhecimento e velhice	<p>“As avós ainda se compõem” (CM14).</p> <p>“A minha avó é uma velhinha bonita e vaidosa, usa brincos grandes, usa vestido e pinta as unhas” (CF15).</p> <p>“A minha avó, é bonita e veste umas saias azuis, rosa e umas camisolas as flores” (CM16).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro
envelhecimento e à velhice	C1. Representação positiva do envelhecimento e velhice (Cont.)	<p><i>“A minha avó tem o cabelo loiro, mas ainda o pinta de amarelo”</i> (CF17)</p> <p><i>“Eu gosto muito da minha avó porque ela faz-me canjinha e o meu avô brinca comigo as lutas”</i> (CM2).</p> <p><i>“Eu gosto muito de passar tempo com a minha avó porque ela dá-me brinquedos.”</i> (CF10).</p> <p><i>“Eu gosto de meu avô porque ele brinca comigo, está sempre escondido e diz que não me deixa passar e eu passo pelo meio das pernas dele, ele está sempre a brincar.”</i> (CF15).</p> <p><i>“Eu gosto muito do meu avô porque ele leva-me a passear para o monte e fazemos muitas coisas juntos”</i> (CM18).</p> <p><i>“Eu gosto de passar tempo com a minha avó porque ela ensina-me a fazer a ginástica dela”</i> (CF19).</p> <p><i>“A minha avó dá de comer aos animais”</i> (CM1).</p> <p><i>“O meu avô anda de trator”</i> (CF5).</p> <p><i>“A minha avó e avô regam as plantas”</i> (CF6).</p> <p><i>“O meu avô trabalha nos carros, vai buscar quando estão estragados”</i> (CM7).</p> <p><i>“O meu avô trabalha muito nos ramos e corta-se e ainda continua a trabalhar, ele não descansa”</i> (CF13).</p> <p><i>“Já vi muitos velhos na ginástica, a minha avó vai à ginástica”</i> (CF17).</p> <p><i>“O meu avô vai à pesca e a minha avó fica em casa a fazer o almoço e o jantar”</i> (CF20).</p> <p><i>“A minha avó e avô trabalham no café a ajudar os papás”</i> (CF21).</p>
	C2. Representação negativa do envelhecimento e velhice	<p><i>“Alguns velhinhos têm que usar cadeiras de rodas”</i> (CF6).</p> <p><i>“Alguns velhotes também têm que usar óculos para ver”</i> (CM7).</p> <p><i>“Alguns velhinhos têm que usar bengalas, porque já não andam muito bem”</i> (CM9).</p> <p><i>“Alguns velhinhos ainda têm dentes, outros não”</i> (CF20).</p> <p><i>“Alguns velhotes já não conseguem andar”</i> (CF21).</p> <p><i>“Alguns velhinhos têm dificuldades de respiração e depois tem que ir para o médico pôr uma máscara de respiração”</i> (CM2).</p> <p><i>“A minha mãe trata dos velhinhos, limpa o rabo porque eles já não conseguem”</i> (CM1).</p> <p><i>“Alguns velhinhos precisam da ajuda das senhoras para fazerem coisas”</i> (CM16).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
	C2. Representação negativa do envelhecimento e velhice (Cont.)	<p>“Os velhinbos vão para o lar (...) porque já são muito velhinbos e lá cuidam deles para não morrerem” (CF20).</p> <p>“Os velhinbos vão para o lar, as senhoras que estão no lar cuidam deles como se fossem bebés, porque eles não conseguem andar nem tomar banho” (CF21).</p> <p>“As pessoas tornam-se velhas porque têm doenças” (CM7).</p> <p>“Alguns velhinbos, quando chegam a velhinbos são doentes” (CF11).</p> <p>“Os meus avós falam muitas vezes que estão doentes” (CF15).</p> <p>“Quando ficamos velhos morremos” (CF10).</p> <p>“Eu imagino-me quando eu for velha e crescer vou ser mamã e quando passarem muitos anos vou ficar velhinba e vou morrer” (CF12).</p> <p>“Eu imagino me no futuro como uma pessoa velha, mas, estava ao pé de Jesus” (CF20).</p> <p>“Os velhinbos vivem num sítio chamado casa dos velhos” (CM2).</p> <p>“Os velhinbos moram em casas grandes com duas camas e mais velhinbos” (CF11).</p> <p>“Os velhinbos podem morar num lar” (CF13).</p> <p>“As pessoas quando falam dos velhos dizem coisas que os outros não gostam” (CM1).</p> <p>“Algumas pessoas quando falam dos velhinbos dizem! Olha está ali um velbo e depois eles ficam zangados, porque ninguém gosta de ouvir chamar velbo a ninguém” (CM2).</p> <p>“As outras pessoas quando falam dos velhinbos dizem coisas más” (CF19).</p>
	C3. Representações neutras do envelhecimento e velhice	<p>“As pessoas ficam idosas porque já passaram anos e anos” (CM9).</p> <p>“As pessoas ficam velhotas porque já passaram muitos anos” (CF12).</p>
D. Representação das crianças sobre a sua futura velhice	D1. Aceitação da velhice	<p>“Eu quando for velhinbo gostava de ser agricultor e vivia no sítio dos agricultores” (CM2).</p> <p>“Eu quando for velhinba gostava de fazer massagens aos outros e vivia sozinha (CF4).</p> <p>“Quando for velbo vou ser pai e quando crescer, crescer vou ser velhinbo” (CM9).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
		<i>“Quando eu for velha e crescer vou ser mamã e quando passarem muitos anos vou ficar velhinha (CF11).</i>
	D2. Negação da velhice	<i>“Quando for velhinbo imagino-me com umas peúgas quentinbas e a andar devagarinbo” (CM8).</i> <i>“Quando for velhinbo terei o cabelo todo branquinbo” (CM16)</i> <i>“Quando for velhinba vou ter muitas rugas na cara” (CF17).</i> <i>“Eu quando for velbo vou ser careca e ter uma voz fraquinba” (CM18).</i> <i>“Não sei como vou ser velbo no futuro, não me consigo imaginar” (CM7).</i> <i>“Eu nunca vou ser velbota” (CF10).</i> <i>“Eu também não me consigo imaginar no futuro como velbo” (CM14).</i> <i>“Não me consigo imaginar nem um bocadinho como sendo velha no futuro, nem quero” (CF19).</i> <i>“Não quero ser velhinbo” (CM1).</i> <i>“Nunca vou ser velbota” (CF10).</i>

Anexo L-Grelha de análise de conteúdo dos educadores sociais

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
A. Papel do Educador Social na reconstrução de representações sobre o envelhecimento	A1. Educar as representações acerca do envelhecimento e velhice	<p>“<i>Vai ser sempre vantajoso que toda uma sociedade olhe para esta população de uma forma diferente. Até porque atualmente é considerado que os idosos depois de uma certa idade estão ali apenas à espera da morte. Deste modo, considero que é essencial cultivar uma perceção diferente, de que eles continuam a viver e podem continuar a desenvolver imensas coisas e atividades.</i>” (ES1).</p> <p>“<i>Vejo todas as vantagens na alteração desta perceção. Em pleno século XXI ainda existe a ideia de que o idoso é um “estorvo”, é alguém que está ali sentado, que passa o dia sem fazer nada e que apenas recebe a sua reforme ao final de cada mês! Mas como sabemos isso não é verdade.</i>” (ES2).</p>
	A2. Alterar as perceções sobre o envelhecimento e velhice	<p>“<i>Julgo que as perceções que existem em relação às pessoas idosas deveriam ser sempre alteradas com base numa educação acerca da velhice e do envelhecimento, ou seja, se nos não educarmos para que as pessoas tenham uma visão diferente nunca vamos conseguir alterar o que é considerado como normal para essas pessoas.</i>” (ES1).</p> <p>“<i>Educar é sempre importante em todos os aspetos, educar par o envelhecimento ainda mais, porque o envelhecimento é um estágio pelo qual todos nos esperamos um dia passar. É importante educarmos os mais novos para que percebam, para que compreendam, para que valorizem e, acima de tudo, para que respeitem os mais velhos.</i>” (ES3).</p> <p>“<i>Através da educação teríamos crianças e jovens mais informados e preparados para aceitar as diferenças que existem na nossa sociedade.</i>” (ES2).</p> <p>“<i>Muitas das vezes ela não é tida em conta, ou seja, ela acontece naturalmente quando as crianças convivem com os seus avós e lidam com os próprios pais à medida que estes vão envelhecendo. Mas o que se verifica é que este tipo de educação mais familiar não é uma educação efetiva que ensine e explique as crianças que o envelhecimento vai ser assim, não tu agora és pequeno e depois vais ser grande. Não existe aquela perceção de que se é pequeno, depois grande e, posteriormente, erá ficar velho. Assim, interpreto que a educação sobre o envelhecimento não se verifica até porque as crianças têm uma ideia má de quem é mais velho.</i>” (ES1).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro
	A2. Alterar as percepções sobre o envelhecimento e velhice (cont.)	<p><i>“Eu penso que a educação se apresenta como uma metodologia que auxilia na prevenção e reeducação das representações que existem em relação aos idosos dependendo obviamente da população com que se trabalha e se existe uma abertura ou não para a desconstrução e alteração das ideias que as pessoas têm acerca da pessoa idosa e da velhice.” (ES1).</i></p> <p><i>“A educação é a base da mudança! Se educarmos as nossas crianças e jovens a não estereotipar e a não generalizar as situações elas acabam por não acontecer.” (ES2).</i></p>
	A3. Consciencialização do processo contínuo de envelhecimento	<p><i>“Através da educação poderíamos alterar esta imagem negativa e consciencializar a população de que todos um dia ficaremos velhos. Talvez desta forma, consigamos melhorar e possibilitar a construção de uma imagem positiva da velhice e envelhecimento, uma vez que, é importante que se faça alguma coisa para melhorar a visão que existe acerca dos mais idosos.” (ES1).</i></p>
B. Etapa de vida para trabalhar as representações sociais	B1. Etapa de vida para educar	<p><i>“Desde a infância! Se começarmos a trabalhar o combate ao preconceito e a estereotipização desde a infância, provavelmente, esses efeitos não se vão sentir na idade adulta.” (ES2).</i></p> <p><i>“Eu penso que a melhor etapa da vida para se trabalhar estas questões seria na infância, ou seja, com as crianças porque estas ainda estão a construir as suas percepções e ideias em relação a determinado assunto, porque nos jovens e adultos já existe uma ideia preconcebida e estabelecida em relação aos idosos, enquanto na infância, a criança ouve a opinião dos pais, dos outros e da educadora e pondera sobre qual será a percepção mais correta ou verdadeira acerca dos idosos” (ES3).</i></p> <p><i>“A educação muitas das vezes no seio familiar implica também a construção das atitudes e percepções que a criança vai ter futuramente em relação aos mais idosos. Cabe assim ao educador também através das dinâmicas que estabelece com as crianças perceber um pouco o tipo de percepções que a criança constrói segundo o que observa no seu seio familiar, trabalhando-as e desconstruindo algumas atitudes e ideias erradas e incorretas que a criança possa ter em relação aos mais velhos” (ES3).</i></p> <p><i>“Desde cedo, ou seja, nas crianças elas são o futuro, porém deve ser trabalhada em todos os indivíduos porque, por exemplo, se um profissional vai trabalhar com idosos não pode ter uma ideia preconceituosa e estereotipada em relação a este público, daí a necessidade de também ser necessário trabalhar esta questão das representações sociais em relação à velhice em diversos grupos sociais e em todas as faixas etárias.” (ES1).</i></p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
	B1. Etapa de vida para educar (cont.)	<p><i>“Ao nível da formação pode ser transmitida essa representação mais positiva acerca do envelhecimento, ajudando os cuidadores dos idosos a perceber o motivo, por exemplo, da repetição da mesma ideia diversas vezes pelo idoso e explicando que existem acontecimentos que se verificam em alguns idosos e que são normais do envelhecimento, devido a perda de capacidades a diversos níveis.”</i> (ES1).</p> <p><i>“Desta forma, é necessário trabalhar as crianças porque estas são o futuro de uma sociedade, mas também trabalhar os restantes elementos que compõem a sociedade, pois essas pessoas é que educam as crianças e se não mudarmos e trabalharmos a sua mentalidade também não estaremos efetivamente a contribuir para a transmissão de uma imagem mais positiva da velhice aos mais novos”</i> (ES1).</p>
C. Papel do educador social na desconstrução das representações sociais e dos estereótipos	C. Intervenção Socioeducativa	<p><i>“Considero que para as crianças a pessoa velha cheira mal porque utiliza uma fralda, porque faz chichi e fica a cheirar a urina, porque tem bigode, porque querem dar beijinhos, mas tem uma barba que pica, ou seja, é um bocadinho por aí que eu considero que as crianças pensam numa pessoa velha. É claro que esta imagem não é igual para todas as crianças, pois existem muitas crianças que crescem com os avós, e crescendo com os avós, e tendo este contacto acho que acaba também por crescer o respeito.”</i> (ES1).</p> <p><i>“Eu acho que a imagem que as crianças têm da velhice depende muito da educação e das ideias que lhes são transmitidas em casa. De acordo com a minha experiência profissional, dos quais 6 anos foram a trabalhar com crianças e jovens, posso dizer que aquilo que as crianças pensam da velhice vem do contacto que estes têm com este público-alvo.”</i> (ES2).</p> <p><i>“As crianças a imagem que tem do idoso é a do avô e avó, pois é a primeira figura representativa com quem estabelecem um contacto positivo através das relações de proximidade e carinho que os netos não estabelecendo com os seus avós.”</i> (ES3).</p> <p><i>“Então uma das formas de combater estas representações passa pela educação talvez numa população mais nova para que esta possa ter a noção de quem futuramente serão assim, educando os mais pequenos nós poderemos ter alguma capacidade para alterar as perceções erradas que existem sobre o envelhecimento”</i> (ES1).</p> <p><i>“Acho que ao estarmos a educar as nossas crianças e jovens iremos estar a trabalhar e formar futuros adultos e idosos mais positivos e respeitadores dos mais velhos. É assim, importante trabalhar algumas mentalidades preconceituosas e valores que algumas pessoas apresentam, pois nem sempre são verdadeiros, daí ser importante trabalhar e educar sobre a velhice e o envelhecimento”</i> (ES3).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
	C. Intervenção Socioeducativa (Cont.)	<p>“Na minha opinião, para desconstruir esta ideia tão enraizada na sociedade temos de passar da teoria à prática! Não vale a pena estarmos com discursos bonitos e powerpoint’s floreados para mostrar às crianças que não vale a pena darem importância aos estereótipos. Temos de ir ao encontro da problemática” (ES2).</p> <p>“O principal objetivo da educação para o envelhecimento passa sempre pela construção de uma imagem mais positiva acerca do futuro envelhecimento que vai atingir todos os indivíduos. O que se pretende é que as crianças no futuro sejam capazes de compreender o seu envelhecimento e tenham consciência de que todos nós estamos gradualmente a envelhecer incluindo elas, apesar de ainda serem novas” (ES3).</p>
	B2. Metodologia de Intervenção	<p>“Tento trabalhar esta problemática das representações e estereótipos relacionados a pessoa idosa através de uma forma apelativa e dinâmica, pois só assim se podem verificar mudanças” (ES1).</p> <p>“A minha metodologia é a prática! É assim que eu acho que os “muros vão caindo” (ES2).</p> <p>“Tenho organizado já desde o início do ano letivo um intercâmbio entre a escola e o lar de idoso onde são promovidas atividades, como por exemplo, nas épocas festivas. Desenvolvem atividades em conjunto com as crianças e idosos, desde fazer bolas em cartão para a árvore de natal em que alguns ajudam as crianças a recortar dependendo da dificuldade de cada um deles. Tento sempre ajustar as capacidades tanto das crianças como dos idosos e promovem o espírito de interajuda e de partilha.” (ES3).</p> <p>“As crianças pintavam desenhos para dar aos idosos, na altura do magusto assamos castanhas e fomos lanchar com eles, na páscoa fizemos uns ramos de flores com amêndoas entre outras atividades, e ficávamos entre uma hora a hora e meia a conviver com eles.” (ES2).</p> <p>“Outro exemplo é a construção dos ovos da páscoa, tento sempre desenvolver atividades em que tanto as crianças como os idosos cooperem e possam realizar em conjunto”. (ES3).</p> <p>“São ainda desenvolvidas atividades que possibilitem tanto as crianças como aos idosos falarem um pouco de cada um e da experiência de vida que têm, sendo que, por vezes, procedemos também, ao conto de tradições, histórias antigas e fábulas em que os idosos apresentam um contributo essencial. (ES3).</p> <p>“Considero que é importante esta partilha até porque hoje em dia as crianças conhecem coisas diferentes e mais modernas que podem, também, ensinar aos idosos, promovendo assim uma troca de conhecimentos entre ambos, demonstrando-se sempre interessante ver tanto o desenvolvimento da criança como o do idoso que se vai mantendo ativo e integrado socialmente” (ES3).</p>

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
	B2. Metodologia de Intervenção (cont.)	<p>“No Projeto Incentivar: Faz a Tua Escolha – E5G (pertencente ao Programa Escolhas), desenhei uma atividade designada de “Eu e Tu Somos Mais” que consistia nada mais, nada menos, do que no contacto dos meus meninos com os idosos. Todos os meses pensávamos numa atividade para ir visitar os nossos “avós do coração.”” (ES2).</p> <p>“Ainda devem ser criadas dinâmicas que permitam as crianças estabelecer interação com os idosos em que possa existir efetivamente uma partilha de conhecimentos e experiências auxiliando na alteração de ideias erróneas em relação à pessoa idosa.” (ES1).</p> <p>“Deveriam ser assim desenvolvidas atividades como por exemplo fazer um foliar que é algo que é tradicional na pascoa e que a maioria não sabe fazer. Porque não partilhar e transmitir estes conhecimentos através do estabelecimento de relações entre as crianças mais jovens e os idosos. Os idosos poderiam ainda dar o seu testemunho de vida, através da partilha das suas experiências e vivências, contribuindo assim para compreensão e desmitificação do envelhecimento.” (ES2)</p> <p>“Poderiam ser também desenvolvidas atividades que permitissem ao idoso voluntariamente participar na educação das crianças através da sua presença em jardins de infância, escolas, universidades entre outros espaços onde estes pudessem dar o seu testemunho de vida.” (ES2).</p> <p>“A educação sobre o envelhecimento, na minha opinião, deveria fazer parte da estrutura curricular, este tema e outros, como, por exemplo, falar na questão dos divórcios, das novas famílias, da homossexualidade deviam ter lugar no programa. Não digo ter uma disciplina específica, mas dentro de uma disciplina a de cidadania seria a mais adequada haver um tempo dedicado a estes temas durante o ano letivo” (ES2).</p> <p>“Deveriam ainda ser estabelecidos protocolos e parcerias entre as instituições que possuem idosos e crianças para que se estabeleça um maior contacto e comunicação entre estes dois públicos. Existe assim uma necessidade de enriquecer de forma positiva o tempo que tanto as crianças como os idosos passam nas instituições, através do estabelecimento de práticas inovadoras que poderiam passar pelo desenvolvimento de atividades de intercâmbio entre estes dois públicos, com a finalidade de fortalecer este tipo de relações saudáveis entre os mais novos e os mais velhos” (ES3).</p> <p>“Este tipo de metodologias promove o estabelecimento de laços de amizade entre os mais pequenos e os idosos, promove uma representação positiva do idoso e também possibilita à criança compreender como se processa o envelhecimento e as suas transformações, este tipo de ações promove o desenvolvimento de ambos os públicos” (ES3).</p>

